

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

Programa de Pós-Graduação em História – PPGH

Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais

GERMAN ADOLFO OCAMPO STERLING

REPRESENTAÇÕES MUSEOGRÁFICAS NA FRONTEIRA:

***Museo de la Tierra Guaraní* (Hernandárias / Paraguai)**

e

Ecomuseu (Foz de Iguaçu / Brasil)

Marechal Cândido Rondon

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

Programa de Pós-Graduação em História – PPGH

Área de concentração : História, Poder e Práticas Sociais

GERMAN ADOLFO OCAMPO STERLING

REPRESENTAÇÕES MUSEOGRÁFICAS NA FRONTEIRA:

***Museo de la Tierra Guarani* (Hernandárias / Paraguai)**

e

Ecomuseu (Foz de Iguaçu / Brasil)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação (Mestrado) *strictu sensu* em História como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Geni Rosa Duarte

Marechal Cândido Rondon

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

Ocampo Sterling, German Adolfo Ocampo
O15r Representações museológicas na fronteira: Museo de la Tierra
Guarani (Hernandárias/Paraguai) e Ecomuseu (Foz de
Iguaçu/Brasil) / German Adolfo Ocampo Sterling - Marechal
Cândido Rondon, 2011.
134 p

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Geni Rosa Duarte

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2011.

1. Museo de la Tierra Guarani (Hernandárias/Paraguai).
2. Ecomuseu (Foz de Iguaçu/Brasil). 3. Memórias. I.
Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 22.ed. 069

302

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini Leitzke CRB-9/539

**A Mariana, minha flor latino-americana,
porque sem ti esta caminhada não teria
sido possível e, além disso, não faria
sentido...**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

GERMAN ADOLFO OCAMPO STERLING

REPRESENTAÇÕES MUSEOGRÁFICAS NA FRONTEIRA:

***Museo de la Tierra Guarani* (Hernandárias / Paraguai)**

e

Ecomuseu (Foz de Iguaçu / Brasil)

Marechal Cândido Rondon, ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS.

Sou profundamente grato, antes de tudo, à professora Geni Rosa Duarte, minha cara orientadora, por ter conseguido me levar à terceira margem da pesquisa, pela paciência e sabedoria na travessia do rio que faz a fronteira da minha falta de saber. Para a pesquisadora minha admiração, para a professora meu constante carinho.

Aos professores do Mestrado em História da Unioeste pelo conhecimento outorgado e os momentos compartilhados. Ao professor Robson Laverdi por compartilhar as “estruturas de sentimento” e contribuir para alargar meus conhecimentos. Ao professor Paulo Koling pelos apontamentos pertinentes na qualificação e pelo apoio certo. Às professoras Meri e Yonissa pelas suas contribuições, tanto acadêmicas como bibliográficas. A Iraci, secretária do mestrado, por sempre nos receber com um sorriso e cuidar dos processos do curso.

Aos funcionários e ex-funcionários do Ecomuseu e do *Museo de la Tierra Guaraní*, que gentilmente atenderam minhas solicitações, em especial àqueles que se dispuseram a contribuir com suas memórias. Seus depoimentos foram fundamentais para que, além de ver o museu, pudéssemos ouvi-lo e compreender suas múltiplas dimensões.

Aos meus colegas do curso pela oportunidade de trocar idéias, em especial a Francisco, Lays, Silvia e Márcia. Também ao meu eterno colega de histórias e músicas latino-americanas, Emilio. A João por me acolher em Rondon sempre que precisei.

Aos amigos que fiz dos dois lados da linha de Tordesilhas e que caminham comigo *hasta siempre*, mesmo que distantes, em especial Beto, Fernando, Mário, Alex, Alessandro e Roso que sempre me ofereceram o porto seguro da sua fraternidade.

Aos alunos e colegas da Uniamérica por me ensinar e me deixar apreender com eles. A Solange, Carlos, Blasius.

A minha família, que precisou ter paciência com as minhas muitas ausências (inclusive os nossos dois gatinhos, Kiko e Pitchica, que certamente também sentem isso).

A Elisa pelo carinho e pela sua primorosa filha.

Agradeço a minha Mariana, *compañera del alma mía*, por ser mais do que meu amor, minha parceira intelectual e meu amparo incondicional em todas as ocasiões.

Finalmente, embora sempre em primeiro lugar nos meus pensamentos, a minha querida mãe, Betty, por me dar a vida e a energia para remar até a outra margem.

As sanções contra a memória são estratégias deliberadamente delineadas para ajudar a mudar o retrato do passado, seja para apagá-lo ou redefini-lo, ou ambos.

Harriet I. Flower
The Art of Forgetting.

RESUMO

Este trabalho foi elaborado a partir de uma análise crítica dos museus da Itaipu Binacional localizados no Paraguai e no Brasil, próximos da fronteira entre esses dois países. No lado paraguaio está localizado o *Museo de la Tierra Guarani*, aberto ao público desde 1979, e no lado brasileiro encontra-se o *Ecomuseu*, inaugurado em 1987. Os dois museus apresentam propostas diversificadas, cujas particularidades são discutidas nesta pesquisa que foi realizada a partir de várias fontes, entre elas: as exposições museográficas apresentadas por cada um dos museus, os documentos encontrados nas bibliotecas-arquivo deles e os depoimentos de funcionários e ex-funcionários destes museus, sendo que alguns deles trabalharam na construção da Usina como barrageiros. Portanto, a pesquisa se volta para problematizar as especificidades tanto da historicidade de cada um dos museus como da sua relação com a respectiva história nacional e regional em que estão inscritos, e em especial as representações das memórias postas como textos didáticos para serem lidos pelos visitantes.

Palavras- Chave: museus, Itaipu Binacional, memórias, fronteira

RESUMEN

Este trabajo fue elaborado a partir de un análisis crítico de los museos de Itaipú Binacional ubicados en Paraguay y en Brasil, cerca de la frontera entre estos dos países. Del lado paraguayo se encuentra el Museo de la Tierra Guaraní, abierto al público desde 1979, y del lado brasileño está el Ecomuseu, inaugurado en 1987. Ambos museos tienen propuestas diferentes, cuyas características se discuten en esta investigación que se llevó a cabo a partir de diversas fuentes, entre las cuales: las exposiciones museográficas exhibidas en cada uno de los museos, los documentos encontrados en sus archivos-biblioteca y el testimonio de los empleados y ex-empleados de los respectivos museos, algunos de los cuales trabajaron en la construcción de la usina como obreros. Por lo tanto, la búsqueda se foca en discutir los detalles tanto de la historicidad de cada uno de los museos, cuando de su relación con la historia regional y nacional en la que están inscritos y, en particular, las representaciones de las memorias puestas como libros didácticos para que sean leídos por los visitantes .

Palabras- Clave: museos, Itaipú Binacional, memorias, frontera

ABSTRACT

This study has been approached as a critical analysis of the two bi-national Itaipu museums, which are situated close to the border between Paraguay and Brazil. In Paraguay, there is the *Museo de la Tierra Guaraní*, open to the public since 1979, while the *Ecomuseu*, inaugurated in 1987, stands in the Brazilian side. Due to the fact that the two museums present distinctive proposals, their particularities are discussed in this research, after the following sources have been examined: the museums' exhibitions, the documents found in their archives, the museums' workers' and ex-workers' reports, including those from people who had participated in the building of the plants as dam workers. Therefore, this research aims to raise issues about each museum's historical development, their connections with their respective national and regional histories and, more specifically, to raise issues about their memory representations, placed there as didactic texts to be read by their visitors.

Keywords: museum, Itaipu Binacional, memory, frontier.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Parque Internacional. Fonte: Estudio del Rio Paraná. Informe Especial #4. Reconocimiento de los efectos ecológicos del proyecto. Abril 1973.....	31
Figura 2: Vitrine com fundo fotográfico	48
Figura 3 Ânforas	49
Figura 4 Mundo Guarani	49
Figura 5 Cestaria	49
Figura 6 : Cena Guarani	50
Figura 7: Primeiros Habitantes	51
Figura 8: Animais taxidermizados	53
Figura 9: Poluição.....	54
Figura 10: Vista Aérea do Ecomuseu.....	56
Figura 11: VEJA, Edição 212, 27 de setembro de 1972, p.22-26.	65
Figura 12 :Luzia	71
Figura 13 : Os Silvícolas	74
Figura 14 : Missões Jesuitico-Guarani.....	78
Figura 15 : Porto de Obragem	80
Figura 16: Família de Colonos	83
Figura 17: Família de Colonos no livro de Colodel	83
Figura 18 : Monocultura e Mecanização	83
Figura 19: A cidade moderna	84
Figura 20: Maquete Regional.....	86
Figura 21 : Memorial do trabalhador	88
Figura 22 : Replica da Turbina	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPT – Comissão Pastoral da Terra

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

IBR - *Instituto de Bienestar Rural*

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

PTI - Parque Tecnológico Itaipu

SESI - Serviço Social da Indústria

UNICON - União das Construtoras

UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
CAPÍTULO 1.	
DO LADO PARAGUAIO: O <i>MUSEO DE LA TIERRA GUARANI</i>	25
CAPÍTULO 2.	
DO LADO BRASILEIRO: O ECOMUSEU DA ITAIPU BINACIONAL	56
CAPITULO 3.	
AS MEMÓRIAS DAS PESSOAS FRENTE ÀS MEMÓRIAS DOS MUSEUS.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
FONTES MUSEOGRÁFICAS.....	130
FONTES ORAIS	130
FONTES ESCRITAS.....	130
BIBLIOGRAFIA.....	132

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É preciso confiar desconfiando. É preciso entrar no reino dialógico dos museus. Não há diálogo no reino da absoluta confiança, assim como não há diálogo no reino da desconfiança absoluta. ...É preciso fiar. É preciso saber lidar com os fios de sentidos e significados de imagens e palavras para construir tecidos narrativos, para não ser devorado por idéias, palavras e imagens.

Mario Chagas

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise sobre a constituição de dois museus no âmbito da fronteira: o *Museo de la Tierra Guarani*, em Hernandárias, Paraguai, e o Ecomuseu, em Foz do Iguaçu, os dois pertencentes a Itaipu Binacional. Interessa-nos discutir sua formação e inserção nos quadros da empresa acima citada, esquadrinhando os conflitos e disputas que os geraram, e que eles geraram na sua constituição, reformulação e institucionalização.

Os museus, como prática histórica, estão presentes desde longa data nas sociedades. Embora os museus contemporâneos sejam diferentes dos museus antigos, nos atuais ainda estão presentes aspectos fundamentais pelos quais a prática museológica se constitui numa prática política e cultural.

Para compreender esses aspectos, elencamos três modalidades museológicas da antiguidade que catalisam três importantes vertentes de sentidos convergentes nos museus atuais. O primeiro deles é o *Museion*, na Antiga Grécia, conhecido como o Templo das Musas, cujo sentido era principalmente o do culto sacro. O segundo modelo é o Museu da Alexandria constituído por coleções para estudo e reflexão, e cujo sentido era a produção de saberes (séc. III a.C.). Na terceira modalidade dessa fase antiga estão algumas práticas romanas realizadas durante o século III a II a.C, mediante as quais se constituíam depósitos a céu aberto; nesses depósitos se acumulavam e eram expostos acervos de objetos obtidos nos saques de guerra. O sentido destes acervos era prover “reserva econômica” e ao mesmo tempo exaltar o poder imperial da Roma. (LARA, 1991

p.100). De algum modo, a história da formação das grandes coleções museológicas se origina e está atrelada aos grandes impérios, promotores de expansionismo territorial no qual saqueiam as culturas colonizadas expropriando-as dos seus bens materiais, geralmente exóticos aos colonizadores. Este tipo de prática museal obedece a certa antropofagia cultural.

Na Idade Média o Cristianismo contribuiu para a sacralização de certos objetos que, com o tempo, passaram a fazer parte dos grandes acervos da Igreja Católica, em boa parte, incrementados pelas indulgências e acervos de pessoas, e doados compulsoriamente sob a ideologia religiosa. A Igreja, e a sua sacralização de objetos litúrgicos, concorreram também, para a constituição de coleções de objetos feitos com materiais preciosos como ouro e prata, entre outros. Entre estas coleções se destacavam os acervos dos papas que hoje compõem o Museu do Vaticano.

Durante o período do Renascimento no Mediterrâneo, famílias com grande poder econômico como os Médici, organizavam e “valorizavam” coleções de objetos antigos e obras de arte. Estes objetos de coleção passaram a ter grande valor de troca e expressam status econômico. Num mundo mercantilista, as coleções viram também mercadoria. A descoberta e colonização da América forneceram grandes quantidades de objetos raros que incrementaram estes gabinetes particulares, onde o desejo de amearhar objetos se intensificou cada vez mais, em especial colecionar aqueles objetos representativos do exotismo dos novos mundos.

Os Gabinetes de curiosidades eram constituídos por objetos da natureza ou não, mas sempre com caráter de raridade. O Gosto pelo raro e exótico tomava conta das sociedades “cultas”. Estes acervos expostos em vitrines e armários que procuravam valorizar detalhes dos objetos raros. As coleções possuíam nome próprio; *Cabinets de curiosités* ou *Wunderkammern* (Câmaras de Maravilhas) e procuravam dar conta da diversidade natural e de artefatos de várias regiões do mundo conhecido ou em processo de conhecimento. Em torno desse universo de objetos criou-se um mercado próspero e intenso possibilitando a formação de grandes acervos, integrantes dos grandes museus enciclopédicos. “O colecionismo, antes funerário, espoliante ou sacro, se altera durante o Renascimento, pela exigência do público comprador, agora formado por príncipes e burgueses, além da Igreja” (LOURENÇO, 1999, p. 68)

No século XVIII teve início a passagem dos gabinetes particulares aos museus

públicos menos restritos daqueles exclusivos às elites. Com a criação dos Estados nacionais, as grandes coleções da nobreza destituída vão estar a cargo dos governos republicanos, que as usaram como representações simbólicas de poder instituído. Especificamente, foi a partir da Revolução Francesa quando as grandes coleções reais se fizeram públicas. As radicais transformações políticas permitiriam a estes grandes acervos particulares passassem da esfera privada à esfera pública.

As principais características dos museus e coleções da Antiguidade se imbricavam nos museus dos séculos XVIII e XIX, quando foram criados alguns dos mais importantes museus contemporâneos. Entre estes o Museu Britânico, em 1753, e o Museu do Louvre, em 1793. Nesses museus os acervos e exposições atingiam seu apogeu quando expunham objetos resultado das expansões imperialistas. O exotismo das culturas dominadas foi capturado e apropriado como parte integrante da cultura ocidental. Estes objetos, agora expostos e atrelados a um saber, foram apresentados como evidências “positivas”, desse conhecer taxionômico e disciplinar. Assim, estes objetos passavam a ser tidos, simultaneamente, como testemunhas do passado, e da afirmação do poder no presente. Nesses museus, o Ocidente foi apresentado como o cume da teleologia civilizatória de um progresso universal. (LARA,1991,p.100)

No século XIX, o desenvolvimento dos museus históricos esta associado ao surgimento das nacionalidades (Horne 1984), ao mesmo tempo que, sem contradição, à História Universal, na qual a História Nacional representaria a culminação do desenvolvimento da civilização (MENESES, 1993, p.15).

No século XIX houve a consagração do museu nacional, erigido como uma importante instituição na construção de uma identidade nacional. Após a revolução francesa, quando o modelo político do estado moderno se difundiu, os museus passaram a ser instrumentos de consagração da memória nacional. Quando a memória da revolução não estava mais encarnada se fez necessário erigir lugares para essa memória revolucionária, agora instituída como cultura nacional. (NORA, 1981, p.13)

Na trajetória dos museus, dois modelos foram exemplares: um, o modelo Museu do Louvre, alicerçado na história e na cultura nacional com acentuado caráter edificante; dois; o modelo Museu Britânico, mais voltado para a pré-história, a arqueologia e a etnologia (JULIÃO, 2006, p. 22). Sem ignorar, é claro, o viés nacionalista, como citado

acima por Menezes.

No século XX acelera-se o processo de transformação das sociedades. Isso demandou o registro e a preservação daqueles objetos importantes que passaram a manter tradições e servir de âncoras culturais para esse mundo em vertiginosa transformação. Nos anos da década de 1940, após a segunda guerra mundial, foi fundado, em 1946, na esfera da UNESCO, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o qual provocou uma renovação museológica propiciando um caráter mais dinâmico à configuração contemporânea dos museus. Nesse sentido, boa parte dos museus que foram criados, e alguns dos já instalados, passaram por forte processo de reformulação de modo a “compatibilizar suas atividades com as novas demandas da sociedade” (JULIÃO, 2006, p. 26).

Nos anos de 1950, nos EUA, surgiu o modelo de museu dinâmico que vinculava o museu a um centro recreativo. Na seguinte década de 1960, será criado em Paris o Centro Nacional de Arte e Cultura Pompidou, um “misto de museu e centro cultural” (JULIÃO, 2006, p. 27). Na década de 1970, a museologia acentuava sua renovação a partir de alguns debates importantes, entre estes, o realizado pelo ICOM em 1971, na IX Conferencia em Paris e em Grénoble com o tema “O museu a serviço do homem presente e futuro” e o da UNESCO em 1972, que convoca a Mesa Redonda de Santiago do Chile. Estas discussões que compreendem desde os anos 1970 a 1980, passaram a revitalizar várias instituições museológicas de acordo aos parâmetros da nova museologia (VARINE, 1997, p. 67).

Para isso Maria Helena Pires Martins, lembrando Hugues de Varine-Bohan, sintetiza a proposta:

...a nova museologia deve partir do público, ou seja, de dois tipos de usuários: a sociedade e o indivíduo. Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviço dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”; para a educação. A identificação, a confrontação, a conscientização, enfim, museu para a comunidade, função dessa mesma comunidade. (In Martins. Ecomuseu. (TEIXEIRA COELHO, 1999).

Nos anos de 1980 se dá uma grande proliferação de museus em função das demandas de diversos grupos. Os museus se tornam temáticos e comunitários. Esse fato aconteceu também em outras áreas da memória onde se acentuavam os processos de

segmentação e especialização temática. As diversas vozes passam a demandar novos cenários. Com relação aos temáticos e corporativos, Ulpiano Bezerra de Menezes comenta:

A Fragmentação dos museus em especialidades tem também sua história que aponta para o século XVIII e que está ainda por ser feita. O resultado é uma tipologia multiforme, em que, ao lado de museus enciclopédicos (do tipo British Museum ou do Metropolitan Museum) se encontram museus de arte, de arqueologia, de antropologia, de folclore, de História Natural (desmembrados em zoologia, botânica, geologia, etc) de ciência e tecnologia e assim por diante. Finalmente, há os temáticos e micro-temáticos, muitas vezes corporativos e patrocinados por empresas: dos transportes, do mar, do telefone, das abelhas, da madeira, de moedas, selos, medalhas, do chapéu, da Coca Cola e da farmácia. A pulverização não tem limite (MENEZES, 1993, p.15).

Algumas empresas de produtoras de hidroeletricidade, como a Itaipu Binacional, também vão se envolverem na construção dos seus museus, acompanhando uma tendência mundial de museus “corporativos e patrocinados por empresas”.

Na mesma tendência multiplicativa de museus, porém com uma preocupação expressamente social, surgem os museus comunitários organizados por comunidades de vizinhos e bairros, indígenas, imigrantes e ambientalistas, que reivindicam cada vez mais seus direitos à memória, a constituição de acervos e exposição

Da mesma forma, contribui para isto, a explosão museal provocada pela “Síndrome de Noé”, conceito lançado por Choay (2006, p. 209), que caracteriza o fenômeno cultural na última metade do século XX, quando se pretende estabelecer que tudo seja patrimônio, criando uma grande profusão de museus.

Os anos de 1990 representavam o início do desafio enfrentado pelos museus em face ao mercado, no qual se impõe como prática apenas o mero consumo cultural, ficando a função social e educativa, tão discutida nas décadas anteriores, um tanto quanto relegada a um segundo plano (JULIÃO, 2006, p. 29). Ainda assim, a era dos museus comunitários foi inaugurada e aqueles cujas memórias e acervos não eram preservados passam a criar e ocupar espaços museológicos.

Percebe-se a historicidade do significado dos museus, inicialmente tidos como lugares de culto, depois como acervo imperial produto dos saques de guerras expansionistas. Posteriormente, os Gabinetes particulares de Nobres e Religiosos passam a constituir os acervos das instituições da memória coletiva pela qual se institui o

estado nacional. Em todos estes casos os museus estavam atrelados ao poder religioso, militar, econômico e político geralmente distanciado e “alheio às sociedades nas quais estavam inseridos” (JULIÃO, 2006, p. 29).

No século XX, após Maio de 68, quando uma das consignas era queimar o Museu do Louvre, e de diversas discussões abertas entorno das relações entre cultura e poder pelo mundo afora, surgem propostas como a do ecomuseu, especificamente, na sua variante, o museu comunitário, que constitui uma importante transformação dos significados do museu. Não entanto, o conceito ecomuseu resulta ser relativo nas suas diversas aplicações, oscilando entre ser um museu ecológico e refletir as questões relativas ao ambiente, como os encontrados dentro de Parques Naturais ou até mesmo em Parques Industriais, até a formulação enquanto museus comunitários, como discorre Varine:

Na França, mas também em outros países, um número crescente de pessoas considera o ecomuseu o *nec plus ultra* da museologia moderna. Para o grande público, a palavra nada mais é do que um neologismo, um jargão. Para os especialistas, ora é mais uma invenção de tecnocratas, ora a maior chance de adaptação do museu ao mundo contemporâneo. No entanto, poucas pessoas viram ou visitaram um ecomuseu, e quase ninguém criou um deles. Invenção ou produto milagroso? O que é então o ecomuseu? A resposta é simples: por enquanto, o ecomuseu nada mais é do que uma tentativa, um convite a dar provas de imaginação, de iniciativa e de audácia. Nem invenção, nem produto milagroso: ele pode permanecer uma palavra vazia de sentido, um alibi à política de temporização dos responsáveis culturais, mas também pode se tornar um objeto de estudo e de pesquisas, um desafio aos museólogos de nosso tempo. (VARINE, 1979, p 62)

Ecomuseu é uma ideia em desenvolvimento. Hughes de Varine, foi o criador do neologismo *ecomuseu* no ano 1971, em Paris e desde aquele tempo até os dias de hoje o termo teve múltiplas interpretações e aplicações. Segundo esse autor, o conceito ecomuseu passa a existir no plano político e cultural como um imperativo de se aliar a instituição museu ao meio ambiente, principalmente, perante a inoperância ou pouca atitude dos Museus de História Natural frente aos novos problemas pautados pela destruição da natureza causada pelo intenso desenvolvimento industrial na segunda metade do século XX. Entretanto, logo na sua primeira aplicação realizada por Varine em Creusot, na França, o ecomuseu passa a ser muito mais do que apenas um museu do

território e sim um museu da comunidade no seu território, com o objetivo de evidenciar a memória dos homens na paisagem.

O ecomuseu, como conceito, apresenta uma historicidade e é notadamente contemporâneo em função de duas perdas: a do equilíbrio na relação do homem e a natureza; e a da memória de grupos inscritos num território onde, além da memória, perdia também a identidade que as catalisava como comunidade.

Na revista trimestral dos *Annales D'Histoire Économique et Social* de 15 de abril de 1930, cujos diretores eram Lucien Febvre e Marc Bloch, este último publicou um artigo intitulado “*Musées, exposition, iconographie économique : Musées ruraux, musées techniques*”, onde faz uma pioneira reflexão a partir dos museus rurais e ao ar livre, como o *Friluftsmuseum* e o *Folkemuseum*, nas diversas configurações de propostas museológicas praticadas em terras nórdicas, todas elas voltadas à relação do trabalho e da cultura do homem na paisagem. Também aponta seu desejo para que esses modelos, preocupados com a preservação da paisagem e da cultura do mundo rural, sejam desenvolvidos também na França. (BLOCH, 1930). A transformação da paisagem natural e da vida humana nela, a memória desse mundo tensionado entre a cidade e o campo, exigia na visão do Marc Bloch; “lugares de memória”.

Assim, desde a oficialização do neologismo *ecomuseu*, temos como antecedentes dessa nova modalidade museal os museus regionais ou do território, os museus do folclore - ancorados também a um determinado território- e até os “*Heimatemuseen*, mais de 2000 dos quais foram abertos na Alemanha sob o regime nacional-socialista, com o objetivo de exaltar o sangue, a terra e a raça” (SOARES, 2006, p. 6). Um leque de museus diversos, nos quais pode-se perceber as estruturas de sentido com relação à memória, referem-se às diversas culturas locais pelo mundo afora.

Contudo, no surgimento do ecomuseu, existia uma preocupação ecológica inicial. Henri Riviere, colega e tutor intelectual do Varine pensava inicialmente o ecomuseu como o museu das relações do homem no seu entorno, verdadeiros “microcosmos” representativos das comunidades e territórios onde estivessem localizados (SOARES, 2006, p.5).

No caso dos ecomuseus é preciso tentar apurar o entendimento do conceito, uma vez que é um conceito museológico que preza o experimental, por oposição a uma normatização fossilizante. Nesse sentido, cabe fazer uma clara diferenciação entre algumas das variedades que foram se constituindo ao longo do tempo. De um lado temos

certo tipo de ecomuseus que:

..são instituições estritamente associadas ao meio ambiente e ao quadro de vida natural cultural, inseridos na maioria das vezes em parques naturais [...] e de outro lado um outro tipo de ecomuseus que se perfilam mas de acordo com uma fórmula em constante evolução que conserva um caráter resolutamente experimental, recusando qualquer normalização e justificando essencialmente a função de instrumento do desenvolvimento comunitário (VARINE, 1979, p.68).

Isso é importante para poder analisar o Ecomuseu de Foz do Iguaçu. Assim como naquelas distantes paragens rurais da Europa nórdica foram construídos museus nos territórios afetados pelos efeitos da civilização industrial; na bacia do Alto Paraná a transformação da paisagem provocada pela implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu exigia também um “lugar de memória”. Todavia, ao invés de ser o relato da memória dos habitantes, foi criado um lugar da memória na visão não do habitante, mas na visão “moderna” daquele que veio para ficar numa fronteira que precisava ser apropriada institucionalmente, o Estado nacional. Um Estado imbuído de certa concepção de modernidade, a qual tomava por princípios ideológicos centrais o crescimento econômico pela desenvolvimento tecnológico sem ter em conta o desenvolvimento social e os impactos culturais, em especial no que as memórias se refere.

...a modernidade foi interpretada como (...), isto é, como sujeito e agente preferencial ou único o Estado e como instrumento a tecnologia. Como se vê, não só a modernidade no Brasil não guarda os traços do conceito original, como ainda ganha um cunho autoritário predominante. Não por acaso os governantes sempre se afirmam modernos e correndo atrás da modernidade, uma vez que o moderno é produzido através do Estado que o decreta...(CHAUI, 1992, p. 45)

Enquanto os museus escandinavos olhavam para o passado, o moderno museu da Itaipu veio para apontar um futuro. Desde aqueles museus do território na Escandinávia, no norte da Europa, até o museu do território afetado pela Itaipu, considerado o primeiro ecomuseu da América Latina, se passou, ao longo do século XX, por um verdadeiro elenco de possibilidades e alternativas museológicas. O Ecomuseu foi uma destas entre tantas outras. A passagem do século XX ao XXI no âmbito museal foi marcada por esta mudança paradigmática dos ecomuseus ou museus comunitários. Isso não significa que todos os museus sejam, passem ou tenham que ser comunitários. Os antigos “museus-monumento” ainda existem e existiram, mas de alguma forma caminhando para uma maior pertinência sócio-cultural. A história dos museus como prática humana está

permeada pela transformação dos seus sentidos políticos, do representar a memória de si e dos outros.

Para este trabalho, fizemos um cuidadoso exame das exposições dos dois museus da Itaipu Binacional, localizados próximos da fronteira Brasil e Paraguai, consultando a parte documental quando ela nos foi disponibilizada. Dessa forma, nos valem das perspectivas trazidas pela antropologia e pela História Oral, procurando indagar a historicidade da sua constituição e do seu papel nas cidades e na região. Realizamos entrevistas com vários profissionais envolvidos de alguma forma com a constituição dos museus. Na maior parte das vezes, estes sujeitos foram antigos barrageiros que se envolveram em ações, de algum modo, voltadas para a preservação de memórias.

Meu contacto com estes museus iniciou há uns cinco anos atrás, entretanto, minha experiência com trabalhos acadêmicos no museu começou a partir de um projeto de educação patrimonial que realizei junto com alunos do EBJA do Colégio SESI. Tive a oportunidade de realizar um vídeo documentário de uma hora e vinte minutos, intitulado “*Tierra Guaraní*”. Os alunos eram motoristas e cobradores de uma tradicional empresa de transporte urbano de Foz do Iguaçu e coincidentemente, alguns deles eram ex-barrageiros da Itaipu.

A atividade foi realizada no inverno de 2008 no *Museo de la Tierra Guaraní*, justamente com o intuito de trabalhar a alteridade com os alunos e ao mesmo tempo tentar desconstruir os nacionalismos que afloram nesta fronteira, lugar do outro. Eles ficaram encantados com o que viram e ouviram no museu. A maioria deles, adultos, com histórias de vida fascinantes, comentaram que nunca tinham estado num museu, era a primeira vez. Eles filmaram e fotografaram com seus celulares, entrevistaram os funcionários e se entrevistaram entre si. Depois eu somente fiz a edição do material. Resultado? Uma proposta que visava desconstruir a nação ganhou o Premio “Construindo a Nação - 2008” do Instituto da Cidadania Brasil, mantido por empresas nacionais e instituições públicas, na categoria de educação de jovens e adultos a nível do Estado do Paraná. Essa exposição sobre a qual fizemos o documentário não existe mais, ela foi completamente desmontada para reforma. Assim, esta versão do museu registrada no documentário “*Tierra Guaraní*” já é mais uma memória do que uma exposição. Museus são também palimpsestos.

O primeiro capítulo desta dissertação aborda o *Museo de la Tierra Guaraní*, do lado

paraguaio. Ele surge a partir de questões trazidas por intelectuais paraguaios envolvidos com a discussão de identidades e nacionalidades, e passar a existir como um museu de história natural. Sua organização mais recente (2004) procura dar conta de algumas das questões trazidas pela usina, ainda que de forma indireta.

O segundo capítulo aborda o Ecomuseu, em Foz do Iguaçu. Partindo da discussão do termo utilizado, que faz referência à devastação causada pela instalação da hidrelétrica, procuramos discutir a formulação de uma memória que não dá conta dessa problemática, nem das questões trazidas pelos movimentos sociais que se deram durante o processo de alagamento de amplas regiões do oeste do Paraná e do leste do Paraguai.

Abordamos, então, as memórias e os silenciamentos ali presentes, visíveis a partir da própria observação do acervo. Ressalte-se que ambos museus passam atualmente por reformas, que podem trazer reformulações frente às mais recentes ações da Itaipu Binacional, distanciando-se das suas raízes centradas nos anos de ditadura (da civil-militar no Brasil, e da de Stroessner no Paraguai).

No terceiro capítulo, procuramos trazer algumas vozes de trabalhadores que participaram, de algum modo, da constituição dos museus ou das ações que os implementaram, procurando mostrar como elas se distanciam dos posicionamentos oficiais.

As imagens dos museus fazem parte do acervo do autor e da professora Geni Rosa Duarte.

Os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos em função que alguns deles ainda mantêm vínculos com a empresa.

CAPÍTULO 1.

DO LADO PARAGUAIO: O *MUSEO DE LA TIERRA GUARANI*.

Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz
al otro lado del río.

Jorge Drexler

Do outro lado do rio Paraná, na sua margem direita, encontra-se o museu da Itapu Binacional em território paraguaio, atualmente denominado *Museo de la Tierra Guarani*, não entanto, já recebeu denominações como Museo Ambiental, Museo de História Natural, entre outras. Encontra-se localizado entre Ciudad del Este e a Usina, às margens da “supercarretera” que vai até Salto del Guayrá. A partir do Brasil pode-se chegar a este museu atravessando a Ponte da Amizade ou pelo interior da Usina, atravessando a Barragem.¹

Nos fundos do museu funciona em anexo um zoológico, onde podem ser admiradas diferentes espécies de animais da região, entre esses se destacam uma onça preta e uma anta, praticamente extintas. Em outros prédios vizinhos está a sede dos escritórios relacionados ao meio ambiente da Itaipu, do lado paraguaio.

A configuração da primeira exposição do museu foi posta em cena numa grande sala, onde eram expostos objetos e coleções obtidos nos trabalhos de coleta e resgate patrimonial, tanto do ponto de vista da cultura material como ambiental da área afetada pelo reservatório a ser formado pela Itaipu.

Esse museu, durante sua trajetória de exposição ao público, passou por duas reformas: uma externa em 2000 e outra interna em 2004. No ano base (2011) desta pesquisa foi fechado para uma reforma, agora tanto externa como interna. Podia-se observar completamente desmontado, parecendo que tivesse caído uma “bomba” dentro do museu, mas tratava-se de trabalhos de reforma total onde até uma das paredes estava

¹ Lembrando que a rigor existem duas passagens na fronteira entre Brasil e Paraguai, em Foz do Iguaçu; a da Ponte da Amizade e a que se realiza por cima da barragem, restrita ao uso institucional da hidrelétrica, mas por onde também circulam ônibus de turismo, nas visitas técnica à Usina.

sendo retiradas e outras construídas. O acervo se encontra devidamente guardado sob condições climáticas controladas.

Segundo foi informado a abertura ao público estava programada para meados de 2011. A ideia da reforma foi que a divisão existente entre o mundo Guarani e o mundo das ciências deveria ser abolida, configurando-se assim uma sala só, o que epistemologicamente dentro do museu é uma mudança radical, como poderá ser compreendido mais a frente quando apresentemos e discutamos essa cisão museológica. Aguardamos a nova escrita museal, esta provavelmente fará parte de outro estudo, isto é, de outra história.

Numa última entrevista realizada com um dos entrevistados paraguaios, antigo ex-funcionário aposentado do museu, ele manifestou estar em desacordo com essas reformas, pois considera que um lugar como este, com a pretensão preservar a memória acaba apagando-a. Percebe-se, que não somente o museu, mas também a memória é um palimpsesto, re-escrito a cada nova conjuntura política.

Cada uma destas reformas constitui um marco histórico da trajetória do museu coincidindo com momentos importantes de transformação política no governo paraguaio, fato que nos revela uma evidente sincronia entre o Governo da República, a Diretoria da Itaipu e a Direção do Museu. Isso não poderia ser diferente, uma vez que tanto no Brasil como no Paraguai, os Diretores Gerais da Itaipu de cada margem estão subordinados diretamente à Presidência da República dos seus respectivos países; sendo esta diretoria considerada um alto cargo de poder e de confiança do Presidente e geralmente ligado a seu grupo político. Desse modo, as diretrizes do museu estão subordinadas ao momento político vivido pelo país; e as políticas culturais permanecem atreladas a determinada cultura política. Portanto, historicizar as reformas do museu é também compreender, em parte, as possíveis transformações histórico-políticas, ocorridas neste caso do Estado paraguaio.

Para termos uma ideia geral dos conteúdos deste livro museográfico, que também constitui o museu do lado paraguaio, resulta pertinente conhecer a partir de onde esses conteúdos museográficos foram escritos, quem foram seus autores e como se articularam tantas e diversas vozes de nativos e especialistas neste “arcabouço” da memória da região do Alto Paraná.

Durante a pesquisa documental nos arquivos e bibliotecas dos museus, verificamos

que houveram dois eventos científicos binacionais coincidentes justamente com o ano da inauguração dos respectivos museus da Itaipu. O primeiro destes eventos foi o “*Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre Medio Ambiente*” realizado em Asunción, Paraguai do 4 ao 9 de junho de 1979, no mesmo ano em que foi aberto ao público o museu do lado paraguaio. O segundo evento, denominado “Segundo Seminario da Itaipu Binacional sobre Meio Ambiente”, se celebrou na cidade de Foz do Iguaçu e aconteceu no Refúgio Biológico Bela Vista em 1987, no mesmo mês em que foi inaugurado o museu no lado brasileiro. (NOSSO TEMPO, 9 de outubro de 1987, p,5)

Estes eventos, portanto, fazem parte do marco fundacional de cada um dos museus. Tanto em um como no outro evento foram apresentados trabalhos científicos resultados dos estudos realizados na área atingida pelo empreendimento binacional. Porém, é perceptível que em cada um destes eventos as temáticas e objetos abordados diferem principalmente com relação às áreas disciplinares discutidas. Enquanto no primeiro, realizado no Paraguai, houve uma tendência para discutir problemáticas principalmente abordadas a partir das ciências humanas, no segundo encontro, realizado oito anos após, no Brasil, a ênfase temática e disciplinar estava voltada para área das ciências biológicas, a ecologia, bem como na tradição dos estudos, especificamente, arqueológicos. Ao relacionar o foco temático de cada encontro com as respectivas abordagens expositivas dos museus, podemos perceber certas singularidades que diferenciam as propostas museológicas em cada país e suas respectivas escolhas quanto as memórias que buscam representar.

Como apontamos acima, mesmo que os dois seminários reforcem a categoria de Meio Ambiente no título, percebe-se que o primeiro, realizado em Asunción, teve uma ênfase maior nas discussões em torno da questão humana e social, especialmente nos trabalhos apresentados pelos pesquisadores paraguaios. Já no segundo, o evento girou em torno da questão ambiental, com ênfase em assuntos das áreas da Limnologia² e da Ictiologia³, entre outros. Pelos documentos consultados não existem notícias da discussão de temáticas relacionadas com a questão antropológica e sociológica, a não ser, sobre os antigos trabalhos arqueológicos que foram realizados antes do alagamento.

² Estudo das extensões de água doce, entre outros, como lagos, pântanos e águas em fluxo. Este estudo tem por objetivo pesquisar as condições e aspectos biológicos, químicos, físicos, meteorológicos, geológicos ou ecológicos

³ Ramo da zoologia que estuda os peixes.

Estas “trends” ou tendências das temáticas nos eventos também se materializaram nas exposições dos respectivos museus caracterizando e definindo suas temáticas museográficas.

Nesse sentido, e com o intuito de aprofundar a compreensão do museu paraguaio, considero necessário problematizar antes alguns dos informes anuais realizados por uma equipe de destacados intelectuais paraguaios, e que deram origem aos depoimentos científicos apresentados durante o seminário do meio ambiente convocado pela Itaipu Binacional. Nestes informes destacamos os tipos de áreas disciplinares e os integrantes da equipe de intelectuais que compunham o “*Proyecto de Investigaciones Socioculturales y Arqueológicas en el Área de Itaipú*”, contratada pela Itaipu no lado paraguaio. Além dos resultados das investigações, foi apresentada por esses intelectuais a proposta profissional de um Museu, como um espaço de convergência para a guarda e exposição dos resultados das pesquisas e, ao mesmo tempo, como um centro de irradiação da cultura paraguaia. O museu proposto no projeto apareceu pela primeira vez sob o nome de “Museu Regional”, uma denominação que não chegou a ser usada oficialmente ao longo da sua história. Porém, talvez esse nome inicial, “*museu regional*”, fosse a denominação mais adequada para este tipo de museu, inclusive o brasileiro, uma vez que estamos lidando com dois museus que falam, cada um a sua maneira e desde sua perspectiva, de uma região atingida pelo reservatório. Muito próximos da fronteira nacional, cada um deles apresenta o território e suas memórias, espelhando uma política cultural enraizada no seu respectivo ser nacional e, ao mesmo tempo, como produto de uma necessidade conjuntural de resposta institucional frente aos impactos socioambientais.

Começaremos pelo primeiro informe datado de abril de 1973. Não entanto, antes de iniciar, é muito importante esclarecer que este primeiro informe não foi elaborado pela equipe de intelectuais paraguaios a que nos referimos acima, mas por uma outra equipe internacional contratada, anteriormente, pela Itaipu Binacional. A importância deste informe não está relacionado com os museus, mas com o marco fundacional e legitimador da própria Usina, como poderemos constatar mais à frente. Nele são tratados os possíveis efeitos da Usina. A parte relacionada com ecologia, arqueologia, estudo socioeconômico e histórico esteve a cargo de Robert Goodland, um reconhecido consultor do Banco Mundial, que havia participado de prospecções de outros grandes

empreendimentos no Brasil e em diversos países. Alguns destes pareceres sofreram críticas, especialmente com relação aos impactos socioeconômicos, no quais as populações afetadas foram subestimadas.

No que se refere à Engenharia, Geologia e Hidrologia, os trabalhos de pesquisa estiveram a cargo de uma equipe integrada por especialistas da IECO (International Engineering CO. INC.) sediada em San Francisco – California – USA, e a ELC (Eletroconsult), sediada em Milão – Itália, empresas de consultoria encarregadas de determinar e analisar as diversas alternativas de sítios para instalar a barragem da Usina.

Estes pesquisadores conformavam o que se denominou “*Grupo de Estudio del Rio Paraná*”. Uma parte significativa do espírito deste informe esteve sintetizada na seguinte “*Evaluación General*” :

El conjunto de todos los efectos negativos sobre el medio ambiente probablemente resulte ser **insignificante** si se toma en cuenta el **enorme** beneficio energético que se obtendrá de este proyecto. La carestía actual de limo y peces y el uso del caudal de aporte, se combinan para hacer de este aprovechamiento una proposición atractiva desde el punto de vista ecológico. El parque internacional recomendado garantizara que el valor del embalse sea permanente mayor que aquel que la tierra inundada por el susodicho embalse” (Informe Especial Nº4: Reconocimiento de los efectos ecológicos del Proyecto. Abril de 1973). (Grifo nosso)

Resulta interessante perceber, logo no início desse texto, a insignificância atribuída aos efeitos negativos do reservatório, claramente colocados em contraposição aos “ganhos” obtidos a partir do projeto. Além disso, foi colocado que tal empreendimento, ao invés de prejudicar, poderia se converter num “atractivo desde el punto de vista ecológico”. Finalmente, apresenta-se uma inédita proposta de um “parque internacional” em torno ao lago que poderia dar mais valor ao território atingido estando submerso pelas águas, incluindo as Sete Quedas⁴, do que como terras cultivadas e habitadas.

A rigor, esse informe, solicitado a esse grupo de consultores internacionais, visava validar um projeto geopolítico que estava em via de rápida legitimação, uma vez que a publicação dele coincide justamente com assinatura do “Tratado de Itaipu”, em 26 de abril de 1973, pelos respectivos presidentes do Brasil e do Paraguai, Emílio Médici e Alfredo Stroessner, e a partir do qual foi consolidado o compromisso binacional de construir a

⁴ Serie de saltos no rio Paraná localizados entre a cidade brasileira de Guaíra e a cidade paraguaia de Saltos del Guayrá.

Usina. Para a realização de tal empreendimento foi criada uma entidade supranacional: a “Itaipu Binacional”.

Dentre as recomendações apontadas nos parece interessante citar algumas que dão conta desse espírito legitimador, imbuído de “progresso”; um progresso cujos efeitos, segundo os autores, podem ser considerados males menores se contrapostos ao benefício desenvolvimentista. A primeira seria que *“desde el punto de vista ecológico es siempre recomendable la deforestación total del sitio que en el futuro será ocupado por el embalse.”*(IECO. Informe Especial: Capítulo 4, ítem 1 b). As preocupações apontadas com relação às florestas estão relacionadas, primeiro, com a navegação e a pesca e, apenas, num segundo momento, com uma preocupação estética e turística e, para só depois com o efeito negativo que resultaria da produção de gases orgânicos e sulfurosos que poderiam gerar problemas nas águas profundas do reservatório e no conjunto aquático; uma deficiência de oxigênio para o desenvolvimento biológico. Nesse sentido, o mais “ecológico” seria desflorestar, o qual não deixa de ser um grande paradoxo dentro de um projeto que visa a preservação ambiental. Ainda que tecnicamente esta prática esteja certa, ecologicamente não é o mais desejável. O que pretendemos evidenciar é como, nessa visão desenvolvimentista e de um progresso a qualquer custo ecológico e social, acaba sendo uma prática relativizada pelo capital. Assim, antes que uma ecologia da natureza, neste projeto se pensa numa “ecologia do capital”. Trata-se do “império do mercado mundial que lamina os sistemas particulares de valor, que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais, etc.” (GUATARRI,1990, p.10).

Contudo, a criação de um parque internacional era algo inédito e até interessante em termos de integração binacional, mas que não saiu do papel. De maneira especial, se considerarmos que na outra fronteira do Brasil, nesta mesma região, mesmo com a proximidade dos Parques Nacionais Argentinos e Brasileiros em torno das Cataratas do Iguaçu eles pudessem ser uma entidade ecológica binacional como sugere MENDONÇA (2005, p, 132) pensando nas espécies de animais e flora para as quais, de fato, inexistente a fronteira. No caso do parque internacional ali proposto pelos consultores estrangeiros, tratava-se de um projeto binacional de manejo ambiental conjunto o qual envolvia os territórios lindeiros.

Hoje se tem programas administrados a partir de setores localizados em cada um dos países, com resultados e objetivos diversos. Curiosamente, dentro deste parque internacional proposto, fala-se, também, na possibilidade de instalar algumas indústrias, algumas delas nada ecológicas. Entre estas; “*La planta de pulpa de madera tendrá que ser ubicada sobre la margen derecha [paraguaya] debido a la ubicación del actual bosque.*” (Informe Especial, 1973, # 4 VI-7). Isto é, mais do que surpreendente como proposta ambiental, é importante perceber como se reflete claramente o espírito “ecológico” da época. Que projeto para a amenização dos impactos ecológicos poderia sugerir, na atualidade, uma planta de polpa de madeira dentro de um parque supostamente de preservação ambiental?

Por outra parte, o receio que circulava entre o governo argentino, de que se instalasse um importante pólo industrial em torno da Itaipu tinha seus fundamentos neste informe. Mesmo assim, tal expectativa não se concretizou, para tranquilidade dos argentinos, que viam nessa possibilidade uma estratégia de hegemonia regional na qual eles seriam desfavorecidos. Ao mesmo tempo, e talvez, para desesperança dos paraguaios, inclusive do diretor da margem paraguaia, que na época convidava publicamente indústrias multinacionais a se instalar no Paraguai em função da Usina. Até hoje o Paraguai e o entorno brasileiro da Usina têm baixos índices de industrialização. A Itaipu foi criada para abastecer, principalmente, de energia o parque industrial instalado e a ser instalado nessas décadas principalmente no estado de São Paulo.

Entretanto, a integração ambiental mediante a formação deste parque não ocorre como indicado neste informe, como tampouco, *a posteriori*, aconteceu a integração cultural ou das memórias, como notaremos, nos centros culturais que constituem os museus. A empresa é binacional no nome e na gestão técnico-administrativa e financeira, mas nas questões ambientais e culturais a gestão é notadamente nacional, como percebemos nos museus, a não ser, escassos e insignificantes momentos de diálogo ao longo de suas trajetórias, se comparados com o marketing institucional feito em cima da integração⁵, e contrastados com os diversos meios de comunicação que a empresa utiliza na região para divulgar suas políticas de responsabilidade, como outdoors espalhados nos principais acessos à região, em jornais e outras mídias de comunicação. Nesse

⁵ A maior integração que existe atualmente se dá, paradoxalmente, ao nível do comércio ilegal que se realiza, especialmente em horários noturnos, no lago e no rio Paraná abaixo da barragem até a foz do Iguaçu.

sentido, procuramos questionar em que reside e de que tipo são essas dificuldades que impedem superar, além dos desafios tecnológicos, os desafios culturais e que passam pelas solicitações da memória para uma condição que possa ir além de meros apelos integracionistas. Assim, quando nos perguntamos: se a empresa é uma, por que, então, duas plataformas para representar a memória? Ou então, quais os sentidos que movem essa “integração” tão divulgada?

Na procura de respostas continuamos com a análise dos “autores” intelectuais do museu paraguaio. Para tanto é preciso discutir um outro tipo de trabalho científico que foi elaborado anos mais tarde, como já referimos acima, por uma equipe de destacados intelectuais paraguaios, e que contrasta fortemente com o tipo de trabalho liderado por Robert Goodland, já apresentado. As perspectivas e os sentidos dados ao projeto são muito diferentes; se na primeira equipe internacional de consultores há um interesse em viabilizar a qualquer custo ecológico e social a implantação da Usina para legitimar o projeto geopolítico, na segunda equipe, liderada e composta por paraguaios, há uma clara preocupação no sentido de que, se a Usina for instalada, que seus efeitos e impactos não sejam subestimados nem vistos como insignificantes, e que o projeto tecnológico seja acompanhado por um projeto cultural e social que possa beneficiar realmente as comunidades do entorno da Usina. Também se destaca, nesta análise, as condições histórico-políticas nas quais foram realizadas esses trabalhos científicos no Paraguai.

El presente informe anual que se propone a la digna consideración de la Autoridades y Directivas de la Entidad ITAIPU BINACIONAL corresponde al primero de la serie enmarcada en el mediano plazo (1976-77-78) del Proyecto “Investigaciones Arqueológicas e Histórico Culturales del Área de Itaipu”(p.1).

O tom respeitoso do início dessa apresentação, além de ser característica da retórica formal do espanhol, nos lembra que este informe estava dirigido ao Governo Stroessner, num Paraguai que na época já sofria, havia muitos anos, uma ditadura cruenta, totalitária e repressiva. Nesse contexto, aqueles que por uma ou outra razão conseguiriam se manter dentro do país sem cair no exílio ou nas prisões, para não serem asfixiados culturalmente, tentaram trabalhar nas brechas que o sistema ditatorial pudesse apresentar. Talvez, para estes intelectuais, uma destas brechas fosse a Itaipu Binacional, que, por ser internacional, possibilitava uma plataforma para a ação científica e cultural menos restrita e totalitária, do que nas mesmas universidades paraguaias, onde

o pensamento único reinava. De algum modo, nesse projeto da Itaipu estavam os olhos do mundo, uma vez que era considerada a maior obra da engenharia na América e era preciso passar uma imagem de governabilidade democrática.

Nesta brecha irão trabalhar os intelectuais que participaram do grupo de consultores contratados pela Itaipu, lado paraguaio, coordenados pelo professor Gerardo Fogel⁶, um intelectual paraguaio de grande fôlego.

Na apresentação do primeiro informe chama atenção a maneira como está redigido o encerramento da missiva;

Reiterando lo señalado anteriormente, cabe subrayar la gratificante satisfacción de los consultores en participar del apasionante quehacer del redescubrir y valorizar las múltiples dimensiones y facetas de la vitalidad cultural de la región paranaense a través de la perspectiva histórica. Más aún, teniendo en cuenta que este sincero y quizá artesanal empeño constituye un aporte concreto a la patriótica acción de afianzar vigorosamente los perfiles nítidos y auténticos de la identidad cultural paraguaya en los albores de la emergencia de una nueva consciencia integracionista latinoamericana.

Asunción, 20 de diciembre de 1976.

Dr Gerardo Fogel

Coordinador General del Proyecto.

O contexto dessa integração citada pelo Fogel é a consolidação do projeto no qual dois estados nacionais se integram para realizar uma usina hidrelétrica, a maior do mundo, de maneira compartilhada. Entretanto, a assimetria econômica que existe entre os dois países é acentuada a favor do Brasil, e os riscos de outras assimetrias se farão iminentes. Nesse sentido, vários destes intelectuais já tinham desenvolvido algumas pesquisas de campo na região do Alto Paraná que faz fronteira com o Brasil, inclusive antes de se pensar na Itaipu. Eles percebiam, então, como, a partir da década de 60, em especial, em 1965, quando se inaugura a Ponte da Amizade, se inicia um período intenso de migração de brasileiros para o Paraguai. Esses fluxos migratórios se acentuam ainda mais durante a década seguinte com a iminência da formação do reservatório e com a ainda existência de florestas nativas paraguaias passíveis de serem derrubadas e transformadas em monoculturas.

⁶ O Professor Dr Gerardo Fogel, graduado em Filosofia, em instituições do Paraguai e da Espanha, Doutor em Sociologia do Desenvolvimento, título obtido na França. Além de diversas pós-graduações. Fundador da Sede Regional da Universidade Católica em Encarnación. Reitor da Universidade Politécnica e Artística do Paraguai e professor na Universidade Católica e Nacional. Autor de diversas obras e trabalhos científicos na área das ciências humanas e da literatura.

Muitos dos indenizados do lado brasileiro compraram terra no lado paraguaio e há autores que afirmam que esta migração foi incentivada pelo regime militar brasileiro no intuito de formar um cordão sanitário de brasileiros em torno da Itaipu. Em função disso havia uma preocupação destes intelectuais com o abrazilamento da região oriental do Paraguai, algo que já acontecia e que inegavelmente acabou se constatando. Em função desse processo de ocupação das terras fronteiriças por brasileiros, a noção dessa “integração” de algum modo também passou a ser lida por alguns paraguaios como dominação ou sub-imperialismo como apontou Domingo Laino , autor do livro “Paraguai: fronteiras e penetração brasileira”

Alguns dos poucos intelectuais, “sobreviventes” no regime militar paraguaio, ante a emergência dessa nova consciência integracionista ou “sub-imperialista”, se colocam no dever da *“patriótica acción de afianzar vigorosamente los perfiles nítidos y auténticos de la identidad cultural paraguaya”*. Era preciso mostrar e demonstrar que a margem direita possuía uma ancestralidade. Uma memória “original” com perfis nítidos e “autênticos” que afirmavam e confirmavam a presença da “paraguaidade” no território sob a perspectiva histórica. O trabalho destes intelectuais, todavia, era pertinente ao regime e por isso permitido e até bem-vindo para “defender” o espaço fronteiriço, não mais militarmente ou economicamente, duas frentes praticamente perdidas para o Brasil, mas, culturalmente. Para tanto, foi proposto por esse grupo de pesquisadores, um museu no lado paraguaio que preservasse os resultados e os materiais das suas pesquisas nas diversas áreas, especialmente nas humanas, como arqueologia, antropologia, sociologia e história. Nesse âmbito a Questão Guarani e a Questão Paraguaia, entendidas como simbióticas, passaram a ser um argumento identitário de ancestralidade sobre território, que do outro lado do rio, de algum modo, não eram tão acentuadas.

Com o passar dos anos este grupo de especialistas se modifica, alguns se retiram e outros pesquisadores se incorporam à equipe de consultores “culturais” da Itaipu do lado paraguaio. A esta equipe em determinado momento se soma Máxime Haubert, professor francês e importante pesquisador da história cultural, em especial da época colonial paraguaia, sendo sua obra “Indios e Jesuitas no Paraguai” uma referência mundial. Também podemos citar Bartomeu Mélia, importante etno-historiador da cultura guarani.

Todas essas reconhecidas autoridades conferiam ao projeto um alto nível de qualidade científica e profissional, cujos resultados apresentados ao longo dos anos da

consultoria foram sintetizados em informes anuais prestados à Diretoria da Itaipu e depois compilados numa obra composta de três volumes denominada “*Sociedad, Cultura y Dinámica Regional. Investigaciones históricas, socioculturales y arqueológicas en el área de Itaipú*” organizada por Gerardo Fogel.

Antes de entrar, propriamente, na problemática específica do museu, é importante problematizar as visões historiográficas que vão ser postas na exposição museográfica do *Museo de la Tierra Guarani*. Nesse sentido, nos detemos um pouco para analisar a memória histórica da região, tal como foi registrada nas narrativas históricas que fundamentam os *Informes Anuais* que esta equipe de consultores, como já apontamos, apresentava à Diretoria da Itaipu, servindo de alicerce historiográfico ao museu paraguaio. Destarte, as representações museográficas que encontramos no museu estão configuradas a partir desse espírito nativista, em especial, naquela parte da exposição na qual, o estado nacional se faz evidente a partir de que as identidades são convocadas a se manifestar pela situação fronteiriça da usina binacional.

Na maioria dos informes anuais constituídos por essa equipe, a representação histórica do Paraguai Colonial é o ponto de partida para iniciar a narrativa histórica. Percebe-se, assim, certa preocupação em ressaltar, logo de saída, as “mutilações” que o território paraguaio sofreu ao longo da sua história e que segundo essas narrativas, antes do que na configuração territorial dos estados nacionais, se iniciam na fase colonial:

Y por ello, al constituirse la Gobernación del Río de la Plata o Paraguay, pertenecían a está áreas que hoy forman el espinazo del Brasil : subía por el norte hasta las Guayanas (delta del amazonas inclusive); por el Sur, era suyo el litoral atlántico desde la Cananea hasta la Patagonia (el atlántico recibió por algún tiempo el nombre de Mar del Paraguay) y por el oeste llegaba a las estribaciones de los Andes. (Informe Anual 1975, Apuntes para una Historia del Alto Paraná,p.1)

Como se pode perceber pelos limites geográficos estabelecidos no texto, segundo o autor, o território paraguaio, teria uma extensão infinitamente maior que o atual território da República do Paraguai, inclusive chegando até o Oceano Atlântico, denominado então; “*Mar del Paraguay*”, como aparece em alguns mapas históricos. Entretanto, produto de uma longa história de desmembramentos e percas territoriais em conflitos bélicos chega-se a atual configuração territorial. “*Desde el punto de vista actual*

geopolítico la región paraguaya que aparece en los mapas teniendo como límite con los vecinos países – Argentina y Brasil – ese mismo río [Paraná] , sólo comprende el territorio situado en la orilla derecha,...”(Informe Anual 1975, Apuntes para una Historia del Alto Paraná, p.1.)

Também nestes artigos que foram apresentados durante o “*Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre el Medio Ambiente*”, e que, como já apontamos, coincide com ano de inauguração do museu paraguaio, também persiste essa forma de “mito fundador” de dar início à narrativa histórica. Isto pode ser notado no artigo “*Estudios de la Margen Derecha del Río Paraná: Período Colonial hasta la Independencia*” apresentado por Josefina Plá, destacada ativista intelectual hispano-paraguaia

El Paraguay fue, sobre los primeros mapas continentales, la provincia hispánica más extensa de América del Sur. Por eso fue llamada la “Provincia Gigante de las Indias”. Comprendía no sólo lo que hoy se llama “como sur”; se extendía al Norte y al Este mucho más allá de los límites actuales de dicho “cono sur”; su costa atlántica, al Este, subía hasta Santa Catalina; y lindando con el Perú y Nueva Granada al Oeste, el área llegaba a la embocadura del Amazonas que le pertenecía”.(PLÁ, Josefina. Estudios Históricos de la Margen derecha del Río Paraná: Período Colonial hasta la Independencia. Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre el Medio Ambiente, Asunción, 1979, p.181)

Plá se refere a um Paraguai continental que incluiria parte dos atuais territórios da Argentina, Chile, Bolívia, boa parte do Brasil e ainda faria fronteira com a atual Colômbia. E de fato, Asunción era sede administrativa espanhola da província “gigante”, a qual coincide relativamente com o território da anterior diáspora guarani e dos grupos que foram guaranizados ao longo desse processo migratório. Este território teria se dividido politicamente na medida em que a exploração econômica foi se intensificando. Os centros de mercado da produção colonial de certo maneiara antecederam a configuração dos estados nacionais que no seu processo de implantação acabaram fragmentando a Província Gigante. Curiosamente este artigo só avança cronologicamente até a morte do Dr. Gaspar Francia sem entrar no período dos Lopez, quando, como é sabido, se deflagra a Guerra da Tríplice Aliança.

Cabe lembrar que neste evento em Asunción também participam vários pesquisadores brasileiros, entre esses, Igor Chmyz, professor da Universidade Federal do

Paraná, arqueólogo e na época representante do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para assuntos de Arqueologia no Estado do Paraná e Coordenador do Projeto Arqueológico Itaipu, lado brasileiro. Em seu artigo Chmyz se refere ao vazio demográfico desta região, uma teoria contestada por vários autores, entre esses o professor e historiador Lucio Tadeu Motta. Esta teoria do vazio demográfico vai servir de argumento durante o século XIX e XX para legitimar a ocupação do Alto Paraná pelo Estado Brasileiro.

Ainda nesse evento, Gerado Fogel, líder da equipe, apresentou o “*Proyecto de Investigaciones Arqueologicas e Histórico-Culturales del Area de Itaipu*” mediante o artigo “*Política de defensa del Patrimonio Histórico Regional y acciones de integración socio-cultural recomendadas para la región del Alto Paraná*”. No início da sua fala, o professor Fogel ressaltou a questão do seminário estar sendo “*caracterizado por un enfoque multidisciplinario y científico*” (1979, p.173) , mesmo que essa caracterização seja tão óbvia, ele enfatiza que mundialmente o que se observa na prática é uma tendência a se teorizar, separar e isolar as discussões por áreas disciplinares.

Mesmo por que, numa reunião de especialistas convocada por uma empresa produtora de energia elétrica, a tendência é a serem priorizadas as problemáticas referentes das ciências exatas, biológicas e tecnológicas, ficando as ciências humanas e sociais, num segundo plano. Pode-se constatar, no segundo seminário, celebrado anos depois do lado brasileiro que a ênfase dos trabalhos recaíram sobre as primeiras ficando a solicitude e a ênfase humanística e social, proposta pelo Fogel, desconsiderada. A maciça participação de pesquisadores dos dois países das áreas de ciências humanas será um fato que *a posteriori* será cada vez mais raro neste tipo de encontros binacionais. De algum modo, excetuando este evento, cada vez menos se discutirá o humano enquanto histórico, social e cultural e cada vez mais o natural enquanto biológico e suas possibilidades tecnológicas emolduradas nos conceitos do desenvolvimento sustentável. Pelo menos, ao que parece, não no nível de excelência científica discutido em Asunción.

Fogel, então, aproveitou naquele evento a brecha aberta pela mesma instituição para expor o marco teórico referencial no qual se baseia o projeto desenvolvido pelos intelectuais e pesquisadores paraguaios. Iniciou sua problematização, questionando sobre os efeitos “*directos e indirectos, mediatos e inmediatos*” da represa da Hidrelétrica. Para isso perguntou, categoricamente, para uma platéia binacional de autoridades

políticas, administrativas, científicas e intelectuais e até de empresários dos dois países, que assistiam ao evento.

–hasta qué punto un proyecto de esta naturaleza influye e impacta el Medio Ambiente humano y social?

–cuáles son los principales efectos y problemas en materia social, sicosociológica y socio-cultural que una represa puede causar ya sea durante su construcción y luego en la parte operativa?

–cuáles son los beneficios y ventajas que una represa en forma directa o indirecta, mediata o inmediata puede aportar a las comunidades y grupos humanos que caen bajo su influencia?
(FOGEL 1979, p.174)

Essas perguntas apontam certas preocupações e possuem um claro posicionamento a partir da abordagem das ciências humanas e sociais, isto é, notadamente a maior preocupação destes pesquisadores paraguaios está focalizada nos impactos sociais e culturais do empreendimento. Perguntas e respostas que de algum modo estão embutidas no que é representado ou omitido como objeto de memória, em cada um dos museus. Certamente as respostas, menos do que as perguntas, irão caracterizar de maneira singular, as representações museográficas, tanto do museu paraguaio e do brasileiro, apontando assim marcadas diferenças nas representações museográficas que fazem a síntese histórica da região afetada.

Fogel deixa claro que o meio ambiente é também humano e social. Sua discussão passa exatamente por combater essa visão desenvolvimentista que exclui a sociedades humanas do meio ambiente. Enfatizar isto faz parte do jogo na disputa pelas razões práticas, num campo em que estas razões são fortemente determinadas pela visão do crescimento econômico nem sempre acompanhadas de desenvolvimento social.

Nesse sentido, Fogel assinalou as expectativas e pressupostos que ele considerou indiscutíveis, no sentido de necessários para que além do meio ambiente, o meio cultural e social não sejam isolados e então manipulados. Também fez a proposta de alguns “*Lineamientos de acción y pautas de política sugeridas*” entre as quais destacamos:

-la re-estructuración espacial de los asentamientos humanos (antiguos, en consolidación y nuevos) y su orientación a la dinámica

regional;

- la dotación de servicios sociales adecuados a la creciente demanda, que viabilice el efectivo acceso a toda la población zonal de los servicios, beneficios y ventajas económico-sociales que oferta Itaipú.

- en el plano histórico cultural, se postula la concreción de un **Museo Regional** de Historia Natural con un sección antropológica. El pensamiento vertebral reside en el hecho de concretar no solamente un centro que recolecte y guarde los valiosos testimonios de la historia de la región, sino fundamentalmente que difunda esa riqueza cultural y posibilite a las actuales y futuras generaciones su valorización y re- elaboración. (FOGEL, 1979, p.177) (Grifo nosso)

Certamente as preocupações da equipe de intelectuais paraguaios são de maneira singular, sociais e não apenas ambientais, diferentemente do que encontramos do outro lado do rio. A questão da ocupação e re-ocupação do entorno de território afetado, a preocupação com que a Itaipu fosse, realmente, uma oportunidade para todos, mas principalmente para os paraguaios que habitavam a região é fundamental para esses consultores. Então para amenizar os efeitos culturais desses influxos migratórios, apresenta-se como solução fundamental, produto desse projeto elaborado pela equipe paraguaia, a construção de um centro da memória regional e nacional, o Museu Regional de História Natural, que não fosse apenas um depósito de objetos mortos e sim um importante centro de pesquisas e difusão cultural.

Por outra parte, com relação a essa cultura cabe registrar como Fogel vai encerrar a sua fala após enfatizar a importância do Museu Regional:

En resumen, el proyecto focaliza su atención sobre el medio ambiente regional en una perspectiva eminentemente dinámica, donde visualiza el itinerario del hombre del Paraná desde sus orígenes hasta hoy y se orienta a descubrir el balbuceo y la latencia de una nueva cultura regional que está emergiendo (la **cultura itaipuense**). Esta cultura reflejará el espectro mosaical y la heterogeneidad de las culturas históricas y contemporáneas de la zona, y deberá ser fiel a la matriz nacional con una apertura generosa y fraternal hacia la integración cultural latinoamericana. (FOGEL, 1979, p, 177.) (Grifo nosso)

A proposta do Museu Regional aparece desde o primeiro informe paraguaio e se mantém quase invariável ao longo dos informes anuais subsequentes. Consideramos importante termos um pouco mais nestes informes anuais, uma vez que eles apontam diretrizes importantes tanto do museu regional, como do tratamento das memórias e sua

representação.

Num destes informes se registra os primeiros resultados de trabalhos realizados no segundo semestre de 1975 e se faz também referência ao contrato assinado com a Itaipu. No texto do informe foram definidos os principais objetivos centrais do projeto multidisciplinar nas áreas de Arqueologia, História, Sociologia e Museologia sobre a região afetada. Fogel, como coordenador do projeto, sempre volta a insistir que todos estes objetivos devem convergir na criação de um Museu Regional, e assim catalisar os resultados das pesquisas do projeto. Já na parte final da introdução percebe-se uma ênfase com relação ao patriotismo que envolve o projeto, assim como a grande contribuição que seria um museu na região para afiançar a identidade cultural nacional.

No Capítulo V, página 195 deste informe são formuladas as “Pautas para el Museo Regional de Itaipu” e o texto inicia com algumas “*Consideraciones Preliminares*” :

Como consecuencia de la próxima inundación del área afectada por el proyecto, y conscientes de la importancia relevante de salvaguardar el patrimonio cultural y arqueológico e histórico de la región y de la nación, surge la imperiosa necesidad de contemplar inmediatamente la definición de los aspectos operativos que materialicen y hagan factible la defensa y valorización de dichos preciados bienes de la **cultura nacional**.(III Tomo del Informe de 1975, p. 195).(Grifo nosso).

O alagamento para a formação só ocorreu em outubro de 1982, porém a equipe de pesquisadores já expressava sua preocupação com a iminência da inundação do território em função da grande quantidade de bens culturais, ainda a serem resgatados na região. Talvez esse período possa ser para alguns tipos de trabalho científicos, como o de prospecção arqueológica e outros, um tempo relativamente pequeno. O interessante é que o artigo demonstra essa preocupação com estes bens culturais, principalmente, enquanto propriedade “nacional”. No decorrer do texto existe a percepção angustiante não só do território alagado, mas também de outros espaços onde, para além do alagamento, pudesse existir uma “*acelerada urbanización y modernización del área*”. (Informe 1975, p196)

Por enquanto, e aproveitando a referência no texto, a equipe vai formular sua solicitação de um espaço para as memórias.

En tal sentido, la idea central propiciada es la de poner en marcha un Museo Regional pero con un concepto más amplio y funcional que el

correspondiente al museo tradicional. Se perspectiviza una modalidad innovadora, un museo que sea un centro transmisor e irradiante de cultura regional y nacional y no meramente un almacén de objetos muertos. (Informe 1975, p. 196)

A partir destas declarações se percebem diversas estruturas de sentido: a) vontade de inovar na proposta museológica, b) que o museu seja um centro dinâmico e não “*meramente un almacén de objetos muertos*”, c) de algum modo, a constituição de um enclave museal na fronteira da cultura nacional paraguaia que possa ser “*un centro transmisor e irradiante de la cultura regional y nacional*” Por outro lado, nota-se que os objetivos do museu estão mais sintonizados com a Nova Museologia promovida no Chile e até certo ponto com as ideias do ecomuseu de Varine, que nesse momento começam a ser propagadas pelo mundo. Mesmo assim não encontramos referências a essas novas filosofias museológicas. Alias, com relação à museologia, nos informes não se avança muito no que seria uma discussão propriamente museológica, a não serem os pontos que discutimos neste texto. Ao menos, não se discute a museologia da mesma forma como se avança em outras áreas como a antropologia, a arqueologia, a história e a sociologia. Nestas áreas estes estudos constituem pontos fundamentais do conhecimento regional do Alto Paraná.

Por outro lado, a equipe vai se posicionar profissionalmente de maneira clara frente a uma sujeição indesejada a exploração turística ou comercial, uma vez que nesse sentido esse museu não poderia ser pensado apenas com destinação para o turismo. O turismo constitui “*una utilización importante pero evidentemente accidental e circunstancial*”. Nesses informes das pautas do museu há uma advertida preocupação com essa questão de afiançar a identidade cultural regional e principalmente a nacional.

O estudo crítico destes museus como instituições dos estados nacionais nos levam a evidenciar que a presença institucional do Estado na região ainda era deficitária. Se bem existiam outras instituições educativas e nacionalizantes, “lugares da memória” consagrados pelos estados nacionais inexistiam na região museus até antes da implantação da Usina. De certa maneira o estado paraguaio [bem como o estado brasileiro] nestas décadas de 1950 e 1970 esta “chegando” a esta região de fronteira de maneira concreta, implantando a modernidade, o progresso e suas infra-estruturas. No caso do empreendimento hidrelétrico, este serve, também, ao Estado paraguaio como instrumento expressivo de efetiva presença territorial.

Nesse sentido podemos evidenciar que, assim como a Usina, os museus atrelados a ela são também instrumento de resposta – diferenciada- às comunidades pelos impactos. As representações neles contidas passam a se constituir em instrumento de legitimação cultural mais do que apenas da Usina, também do Estado Nacional, que chegava como portador simbólico do progresso e da ordem nesta fronteira. Portanto, não se trata de apenas de um, mas de dois estados nacionais, que na segunda metade do século XX, começam a se fazer presentes com complexos militares e infraestruturas de grande porte num território que, desde sua invenção como estados nacionais, no início do século XIX, permaneciam quase ausentes.

Nesta “chegada” simultânea dos estados nacionais aflora o problema da identidade cultural nacional, para uns mais ameaçada do que para outros.

Para os pesquisadores paraguaios, que haviam realizado pesquisas com anterioridade no espaço próxima da fronteira e testemunhas da transformação sócio-cultural da região, essa problemática não passa despercebida, pelo contrario se faz cada vez mais evidente. Em função disso, registram nos informes as pautas museológicas que assinalam basicamente *“un museo que sea un centro transmisor e irradiante de cultura regional y nacional”*. Posteriormente nos folhetos institucionais do museu em funcionamento se mantém esse espírito frente ao público que visita o *“Museo de Historia Natural (Lado Paraguayo)”* (Folheto Institucional. 1993).

Quando este museu localizado no Paraguai adota na sua denominação a expressão *“Lado paraguayo”* está implícita uma vontade de salientar a diferença com relação ao outro lado do rio. Nas análises das fontes, documentos escritos, exposições e depoimentos realizados em ambas as margens, só encontramos esse fato no âmbito paraguaio no folheto de 1993 e no ultimo folheto (2010) do *“Complejo turístico”* onde diz *“experimentá los colores del paraguay”*(sic). No lado brasileiro, pelo menos, no material que tivemos aceso, não encontramos este tipo de colocações vinculadas à nação. Conceitos e posicionamentos nacionalistas dificilmente são percebidos do lado brasileiro, não por que não existam , mas porque a sua eufemização é estratégica.⁷

No artigo *“Pautas para la Exposición y Museo Regional de Patrimonio Histórico Cultural”* de Jorge Patiño Migone, o apresenta em duas partes: *“I. Proyecto de Montaje*

⁷ A euforia dos governantes do Estado paraguaio por ocupar este território fronteiriço é tanta que o mesmo presidente do estado coloca na cidade sede do empreendimento seu nome “ Puerto Presidente Stroessner”.

de *Salón de Exposición Histórico-Cultural*” e “*II. Propuestas para la Implementación del Museo de Historia Natural en la Zona de Itaipú*”. Na primeira parte o autor justifica a necessidade de se habilitar um espaço de exposição do acervo produto das pesquisas na região e enquanto estas ainda prosseguirem .

En tanto se diseña el proyecto definitivo del museo de Historia Natural de área del Itaipú, al mismo tiempo que se prosigue con los trabajos de prospección arqueológica y la recolección de objetos histórico-culturales, se ha considerado necesaria la habilitación de un salón de exposiciones que posibilite ya una difusión y adecuada conservación del rico acervo histórico-cultural del área” (PATIÑO, apud FOGEL, 2002, p.105)

Além das salas para exposição dos diversos tipos de acervos foi proposto a criação de laboratórios, bibliotecas, sala de conferências e “*un centro de documentación y de investigaciones históricas y socioculturales*”. Este último item merece atenção, no sentido em que a questão da vitalidade do museu deve ser motivada pela pesquisa e publicação da pesquisas realizadas nele mesmo, isto é o museu como laboratório da História.(MENEZES,1993)

Segundo esse informe, foram realizados trabalhos de campo de agosto a dezembro desse ano, para localizar novos sítios arqueológicos e aprofundar o estudo dos já localizados. A região estudada foi a do rio Acaray até a fronteira com o Estado do Mato Grosso do Sul, no Brasil.

Na sequência apontamos um breve histórico de transformações pelas quais passa este museu do lado paraguaio. O Museu foi inaugurado em 1979 como sala de exposições ou “*Galeria Antropológica*”, porém, com tempo, e com as relativas adequações, somada à divulgação em folhetos que era feita do espaço, acabou recebendo a denominação “Museo de Historia Natural⁸” como consta nestes. De 1979 até 2004 foi mantido o mesmo “*guión museológico*” com pequenas alterações. A exposição não tinha propriamente uma narrativa e sua configuração correspondia a uma distribuição em função dos tipos de acervos antropológicos; arqueológicos e biológicos(animais taxidermizados), sendo ordenada em fileiras de gabinetes [vitrines] e expositores.

Em 1993, através dos folhetos de divulgação, podemos observar três coisas; 1) a denominação que o espaço recebia era de Museo de História Natural; 2) a aparência

⁸ Este espaço museográfico foi considerado por oito anos o único museu da Itaipu até 1987, quando compartilha essa situação com o museu que é inaugurado no lado brasileiro, o Ecomuseu.

externa do museu era a de uma construção com as mesmas que atualmente se encontram em volta do museu, isto é, blocos retangulares de duas águas, geralmente usados nos acampamentos de construção civil como é o caso da construção da barragem. A função original do prédio do museu tinha sido servir de depósito de materiais. A entrada foi adequada numa das laterais, exatamente no meio da longitude do prédio, onde foi localizada a recepção do museu; 3) Além de ter a denominação de “*Museo de Historia Natural*”, este foi identificado entre parênteses como sendo (lado paraguaio). Esta expressão discutida acima, “(*lado paraguay*)” é posteriormente abolida dentro da “cultura itapuense”⁹, ou eufemizada oficialmente para ser usado apenas “*margen derecha*” (margem direita); soterrando alguma possível disputas ou ênfase entorno das identidades nacionais.

Em 2000, foi feita a ampliação e a reforma externa, nela foram construídos pilares externos de reforço para a estrutura do telhado e ao mesmo tempo foi construída a atual fachada externa ao prédio que serve para renovar e estetizar sua aparência externa ganhando ares dinâmicos de modernidade. Esta ampliação constituiu, pois, a única grande alteração no espaço em mais de vinte anos de funcionamento do museu. Boa parte deste período funcionou sob a denominação de Museu de História Natural.

Na reforma de 2004 o museu passou a ter um roteiro ou “*guión museológico*”. De uma exposição onde os objetos se encontram agrupados por tipos de acervos passa a ter um ordenamento estabelecido por uma narrativa museológica. O museu a partir desta reforma é denominado “*Museo de la Tierra Guaraní*”, e permaneceu aberto ao público até o final de 2010.

Na última visita pudemos observar que todo o acervo foi retirado do museu e que a área física da exposição está sendo ampliada, e para isso algumas paredes externas e internas estão sendo retiradas. A antiga divisão em dois pavilhões dever ser reformulada uma vez que as paredes que faziam esta separação foram eliminadas.

O “*guión museológico*”, isto é, o roteiro museológico esta sendo preparado para ser executado assim que acabar as obras de reforma física e estrutural. O “*guión museológico*” esta a cargo da museóloga Alejandra Peña. Ela foi, durante o início do Governo Lugo [2008] “*Directora General de Archivos, Bibliotecas y Museos en el*

⁹ Denominação usada por um dos expositores durante abertura do primeiro seminário de Medio Ambiente da Itaipu, onde diz que “*una nueva cultura regional que esta emergiendo (la cultura itaipuense)*” (p.177)

Ministerio de Cultura", como também foi a encarregada da reforma de 2004, durante o Governo de Nicanor Frutos. Nessa reforma o museu deixou de denominar-se *Museo de Historia Natural* e passou a ser denominado *Museo de la Tierra Guaraní*.

A análise da exposição que segue foi realizada sobre a versão museológica inaugurada em 2004 e desenhada por Alejandra Peña, e ficou aberta ao público até dezembro de 2010 quando foi fechada para visitação. A partir de janeiro de 2011 a exposição do museu foi completamente desmontada para reforma geral. A previsão é que o museu esteja aberto de novo para visitação pública em maio de 2011. Nesta análise, propomos ler a exposição como um livro, com vários capítulos sequenciados dentro de uma narrativa que trata da história regional nas suas abordagens etnográfica, arqueológica, linguística e biológica, entre outras. A museografia, aqui lida, retoma e reatualiza algumas das propostas anteriores e aponta o olhar em outras direções.

Assim, o livro exposição, segundo o "guión museológico" elaborado pela museóloga Alejandra Peña é dividido em duas grandes partes: a primeira, o Mundo Guaraní, e a segunda, o Mundo das Ciências. O recorte espacial da exposição compreende região do Alto Paraná e Canindeyú, ou seja, a margem direita do rio Paraná no que corresponde à área alagada pelo reservatório. Este espaço é também denominado área de influencia da usina.¹⁰

A exposição no seu conjunto tinha como pano de fundo a concorrência por uma pluralidade de sentidos como : o "ser guaraní", o "ser paraguaio", a natureza à luz da ecologia e da usina como produtora de energia limpa, entre outros. As estruturas de sentidos do museu se debatem, por um lado, entre o ser guaraní, ancorado numa trajetória milenar, e o ser paraguaio, estribado no percurso secular do estado nacional. Não obstante, com o âmago na cultura guaraní, mostra o homem moderno como "evoluído" a partir da incorporação da ciência ocidental e da presença de cientistas renomados¹¹, no contexto do estado nacional.

Nessa perspectiva, um dos sentidos do museu é promover a valorização da ancestralidade que se afinca tanto no étnico como no nacional. A questão da comunidade

¹⁰ O que também poderia ser visto como uma eufemização de área de impacto, i.e, como a área que sofreria com os efeitos devastadores da implantação da usina e o do seu reservatório.

¹¹ São mostrados na sua passagem ou estadia no Paraguai, Bompland e o Bertoni além de outros Botânicos e Naturalistas [muitos deles suíços] que passaram pelas terras paraguaios, em especial no século XIX, quando acontecia como uma "redescoberta científica" da América do Sul por parte dos europeus. Uma tradição impulsionada fortemente por Humboldt.

de origem é um dos fulcros do museu. Isto funciona com dois objetivos básicos, um educativo e outro representativo ou identificativo. Representar esse atavismo, seja para habitantes ou visitantes do Paraguai, é um dos propósitos da narrativa museográfica. A questão da memória guarani é posta como uma valorização no Paraguai dessa tradição, da qual o país seria herdeiro cultural.

De maneira que possa ser compreendido pelo “leitor”, segue uma explanação sobre os módulos em que se encontra seccionada a exposição com a qual o visitante se depara ao percorrer o museu. Em cada um destes módulos é possível ter acesso a um terminal de multimídia, no qual, interativamente, o visitante pode aceder a informações complementares e esclarecedoras sobre os objetos expostos em cada um dos módulos. Fazem parte também deste material digitalizado entrevistas, ora de pesquisadores, ora de indígenas apresentado suas versões da memória exposta no museu. As entrevistas registradas em audiovisuais estão tanto na língua nativa do depoente, como o guarani, traduzida a outras línguas como o espanhol, o português e inglês, para sua possível compreensão também pelo amplo leque de visitantes de diversas procedências internacionais.

Num dos textos do Manual de Capacitação dos Monitores do museu, para ser apreendido por estes, são descritos este equipamentos de multimídia:

El museo cuenta con una serie de colecciones (presentadas en vitrinas) apoyadas por Información Digital Interactiva Multimedia (IDIM) en diez equipos de computadora, que cuentan con sistemas de “touch screen”, es decir el visitante puede hacer “links” o conexiones a una amplia gama de información con sólo tocar la pantalla en el sitio donde le interesa profundizar sobre un tema. Además cada computadora cuenta con una pantalla de formato grande para la información pueda también ser apreciada por grupos mayores de visitantes.

Assim o módulo é composto por um cenário-vitrine com objetos; um terminal multimídia que consiste num computador com tela sensível ou “touch scren”, uma TV e painéis ilustrativos com legendas sobre a temática apresentada.

Essa distribuição museográfica se encontra dividida em duas grandes alas ou salões que separam e localizam o Mundo Guarani, no pavilhão à esquerda do hall da recepção, e o Mundo das Ciências, no pavilhão à direita dessa entrada.

Junto com os módulos que se encontram localizados nas laterais do grande salão da

exposição, se observam gabinetes ou vitrines com diversos objetos, expostos como amostras representativas seja do Mundo Guarani ou do Mundo das Ciências. No caso do Mundo Guarani, grandes vasilhas de barro aparecem expostas; um cocho de madeira e peças líricas, entre outras, e no caso do Mundo das Ciências uma pluralidade de espécimes de animais taxidermizados, na sua maioria aves.

A vitrine que há em cada módulo, possui no fundo uma grande fotografia de alguma cena guarani ou do ambiente selvático do Alto Paraná, que cria um interessante efeito de paisagem de fundo na qual se contextualizam os objetos expostos na vitrine. Tanto a fotografia como os objetos “se vivificam” mutuamente num cativante jogo de planos.



Figura 2: Vitrine com fundo fotográfico

A proposta desses módulos é, contudo, didática, pois a separação em “sistemas” ou abordagens não é mais do que a implantação de categorias basicamente antropológicas, que ajudam na organização museográfica e na compreensão da exposição ao visitante. São esses, os diversos capítulos de um livro museográfico abertos de maneira interativa às inquietações de quem visita o museu.

Mundo Guarani

O Pavilhão do Mundo Guarani está focado na representação das etnias Guarani. Segundo os textos desta narrativa museológica, sua ênfase nos indígenas guaranis se dá em função da longa permanência destes grupos nativos na região afetada e sua influência cultural no mundo paraguaio atual. Para a elaboração tanto dos acervos como dos materiais audiovisuais expostos, foram coletados objetos e depoimentos principalmente, das comunidades Ava Guarani de Acary-mi e de Itanarami. Este pavilhão é dividido em cinco módulos, que procuram representar o mundo cultural guarani, sob “sistemas” ou abordagens da religião, da sociedade, da economia, das técnicas, do povoamento e da língua.



Figura 3 Ânforas

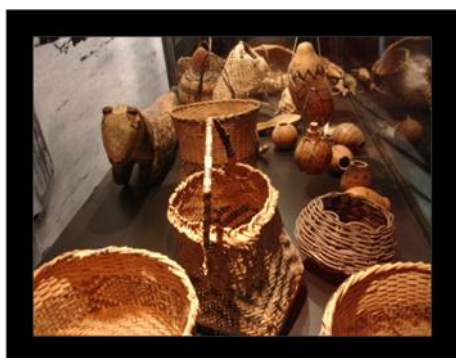


Figura 5 Cestaria



Figura 4 Mundo Guarani

No primeiro módulo denominado “Sistema Religioso”, é focado o conjunto de crenças que constituem a “religião” guarani. Suas teogonias estão aqui registradas¹², em depoimentos por sujeitos das próprias comunidades guaranis. Homens-memória desta

¹² Especialmente o mito da criação, que fala dos irmãos gêmeos.

tradição aparecem registrando sua memória em formato audiovisual.

Se o museu procura constituir uma comunidade de sentido, neste módulo, a teogonia aparece como fundamento ontológico do ser guarani, e por derivação do ser paraguaio.

O módulo 2 é denominado “Sistema Social”, e nele são descritos vários aspectos da vida social dos guaranis, dentre eles o que tem a ver com as relações de parentesco, os aspectos simbólicos pelos quais se constitui o casal guarani. Fala também do processo da “educação” dentro da cultura guarani, de como os homens-memória transmitem seus conhecimentos às crianças.



Figura 6: Cena Guarani

O módulo 3, procura abordar, dentro da organização social guarani, o processo de configuração da moradia e do povoado, as técnicas da forma de construção e os tipos, em especial, aquele destinado a ser o espaço reservado às cerimônias e rituais. Também são apresentados os modos da economia guarani, baseada na circularidade dos produtos que proliferam e na solidariedade dos que escasseiam, e como a festa é ao mesmo tempo uma expressão lúdico-comunitária, e uma atividade econômica de trocas solidárias.

No módulo 4, denominado “Primeiros Habitantes”, são apresentados os primeiros grupos que habitaram o continente americano, porém enfatizando uma abordagem

arqueológica baseada nos estudos prévios à construção da Usina . Neste módulo fala-se também dos caçadores e recoletores pré-guarani, assim como também da origem e da expansão Tupi-guarani. Com um alto nível de detalhamento, são explicitadas as diversas tradições das quais foram achadas restos e materiais arqueológicos e que atualmente se encontram na guarda do museu.

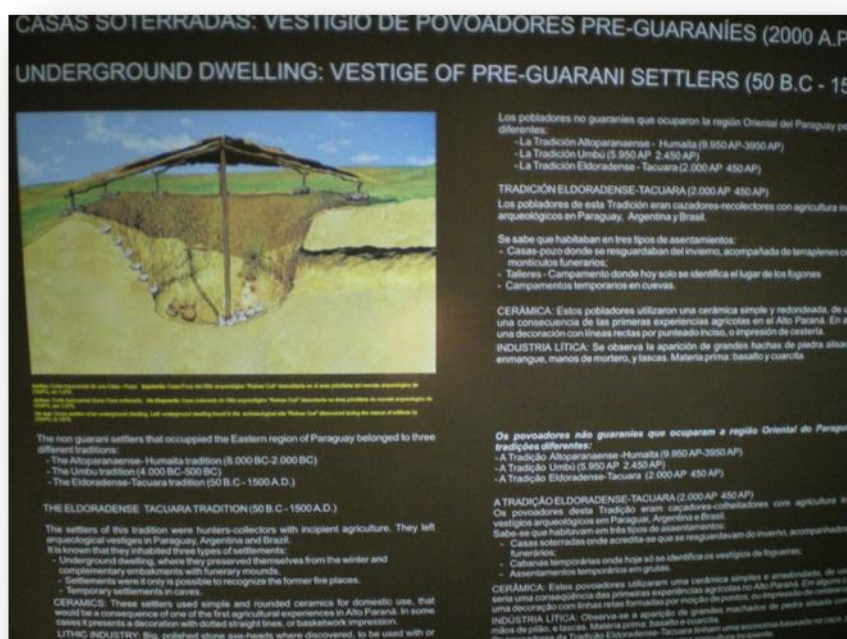


Figura 7: Primeiros Habitantes

Finalmente, o último módulo deste pavilhão do Mundo Guarani, denominado “Sistema Linguístico Guarani”, narra a trajetória da língua guarani, compreendendo períodos antes do choque cultural e linguístico com os ibéricos, e o período da colonização espanhola. Embora o território do atual Paraguai, e da antiga Província da Paraquaria¹³ tenha-se fundamentado na “conquista espiritual” realizada no processo reducional, foi uma das poucas colonizações ibéricas na América Latina que permitiu a preservação da língua nativa, possibilitando que ela seja considerada como língua oficial da Republica do Paraguai. Boa parte da população paraguaia fala e compreende a língua guarani, ainda que a usada atualmente seja diversa da que foi usada nas missões e a que é falada pelos indígenas sobreviventes desta etnia. O Guarani pré-hispânico, assim como

¹³ Denominação latinizada do Paraguai pelos jesuítas e muito usada durante o período das missões jesuítico-guaranis.

o colonial, o reducional e o que se fala atualmente, constituem os momentos historicizados e diversos, não somente da língua mas também da cultura guarani.(MELIÀ,2003)

Além dos depoimentos dos próprios guaranis neste módulo, temos alguns especialistas, dentre estes, um dos mais importantes pesquisadores da etno-história linguística do guarani, o jesuíta Bartolomeu Meliá.

Neste módulo é ressaltado o valor cultural que é dado à “palavra guarani” considerada como o fundamento ontológico do ser guarani. A rigor, o Guarani é uma cultura da “palavra”. O poder político e religioso reside na palavra. Da mesma forma é apresentado um brevíssimo curso de Guarani onde o visitante pode aprender alguns termos e construções de frases.

Mundo das Ciências

O Pavilhão denominado “O Mundo das Ciências” é apresentado como o mundo que abarca desde a chegada dos europeus ao Rio da Prata até a contemporaneidade. Esse mundo, mais do que superposto ao mundo guarani está contraposto a ele. Como já foi comentado, o museu se encontra dividido em dois conjuntos de narrativas. O museu-livro possui duas partes que não necessariamente são dependentes. São narrativas que disputam sentidos, para tanto, são representados em espaços diferentes. Ao passar de um para o outro pavilhão há que se atravessar a recepção, um espaço onde o visitante deveria “voltar à realidade”. Fica nítida a cisão que é posta entre estes dois mundos.¹⁴

O pavilhão das ciências se inicia no módulo denominado “Dois Mundos” que faz referência justamente ao encontro civilizatório entre o mundo ameríndio e o mundo ibérico. Começa por narrar as trajetórias dos primeiros exploradores do Rio da Prata como Solis, Aleixo Garcia , Mendoza, Irala e o Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, este considerado o primeiro ocidental a penetrar nesta região da foz do rio Iguazu a caminho de Asunción. São apresentados também alguns cronistas da época, assim como uma

¹⁴ O mundo guarani , um mundo segregado não pelo museu , mas pela mesma realidade contemporânea no Paraguai que se bem ainda fala a língua guarani e esta permeada por elementos culturais guaranis, mantém estas comunidades como minorias condenadas a extinção, daí a sua museologização.

cronologia do século XVI, com relação ao Paraguai e aos descobrimentos. As invenções científicas desse século também são aqui registradas, uma vez que a proposta deste pavilhão é dar uma ênfase à história das ciências. Esta última, no entanto, acaba se imbricando com a história nacional e convergindo para a história da Itaipu, como veremos no final desta exposição.

O módulo seguinte denominado, em espanhol “*De Dios, Del Rey, Del Monte*” (“De Deus, Do Rei, Da Floresta”) faz referencia especialmente ao período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, apresentando uma linha do tempo da fase colonial do Paraguai. Aqui são exibidas informações sobre vários naturalistas que desenvolveram trabalhos e expedições científicas no Paraguai. Entre estes, se destaca o francês Aimé Jacques Alexandre Goujaud Bonpland, notável botânico, companheiro, de expedição científica pela América do Sul e o Caribe, de Alexander von Humboldt. Bonpland que incursionou e se radicou na Bacia do Prata, acabou sendo mantido em prisão domiciliar durante dez anos pelo ditador supremo Gaspar Francia, que considerou que o botânico tinha entrado no Paraguai sem a permissão oficial, justamente na época em que foram fechadas as fronteiras do país, após a independência paraguaia do Império espanhol .



Figura 8: Animais taxidermizados

Este módulo também contém uma classificação das aves da bacia do Prata. Num dos Gabinetes que encontramos no espaço central do pavilhão, percebemos algumas destas aves taxidermizadas, muitas delas endêmicas e algumas até extintas ou em vias

de extinção. Na visão de conjunto podemos ter uma boa ideia da diversidade de aves desta bacia, especialmente as taxidermizadas, as quais, embora “mumificadas”, permitem que se tenha uma ideia mais fidedigna do corpo destas, algumas de porte maior como garças e a Jacutinga (*Aburria jacutinga*), espécie em extinção pela caça predatória.

No módulo seguinte, denominado “Século XIX. O Paraguai Independente. Viva o Paraguai” é apresentada uma linha do tempo que relaciona fatos do Paraguai e do mundo, dando ênfase ao processo histórico da sociedade paraguaia do século XIX, onde o país vive uma das intensas fases da sua história, iniciando com sua independência. Paraguai foi uma das primeiras regiões colonizadas pela Espanha a se emancipar, embora essa independência não tenha sido reconhecida até anos depois pelo centro de poder do Prata, em Buenos Aires.

Este módulo aborda alguns dos governantes do século XIX, porém, aquilo que poderíamos considerar como sendo o grande divisor de águas da história política da República Paraguai, como foi a Grande Guerra, não é salientado.

Essa questão do silenciamento da história da Guerra, de algum modo se constituiu em precedente das relações diplomáticas entre Brasil e o Paraguai sobre o caso da fronteira do Alto Paraná. Exatamente um século depois após da Guerra, terá na construção da Usina o seu desfecho.

Por fim, o último módulo, denominado “Gerando Energia” aborda-se o século XX. Neste, o rio Paraná é descrito com relação a sua bacia hidrográfica e sua biodiversidade em rasgos gerais. O problema da poluição e a questão dos diversos tipos de lixo e algumas informações sobre quanto tempo cada um deles, dependendo do tipo de material, levam para se decompor na natureza.

Há informações básicas para o visitante com relação à construção da Barragem e a formação do reservatório. Esta construção foi posta como uma das mais importantes realizações



Figura 9: Poluição

da humanidade. São apresentadas diversas formas de produção de energia. Finalmente são apresentadas algumas das ações que a Itaipu desenvolve na área da Educação Ambiental, mostrando como a energia que a Itaipu produz é uma energia limpa.

CAPÍTULO 2.

DO LADO BRASILEIRO: O ECOMUSEU DA ITAIPU BINACIONAL

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas.

Francisco Régis Lopes Ramos

O Ecomuseu localiza-se às margens da Avenida Tancredo Neves, que liga a Usina com centro da cidade de Foz do Iguaçu. Assim como o Refúgio Biológico e o Centro Administrativo, não se encontra na área de segurança da Itaipu em função do reaproveitamento do prédio onde funcionou o Centro de Recrutamento de Trabalhadores contratados pela concessionária UNICON, um grupo de empresas privadas que realizaram a construção da Barragem e a parte eletromecânica da Usina.



Figura 10: Vista Aérea do Ecomuseu

Do Rio Paraná, e conseqüentemente da fronteira, o Ecomuseu encontra-se a menos de dois quilômetros e a mais ou menos um quilometro da barreira da Usina onde o acesso é restrito, bem como do centro de visitantes da Usina por onde se iniciam as visitas do Complexo Turístico. O prédio onde funciona o Ecomuseu tem apenas um pavimento. Na vista aérea é possível observar que ele é uma seqüência de três “Y” conectados de

maneira singular, constituindo diversas alas. Nessas alas funcionavam as diferentes empresas que constituíam o consorcio da UNICON.

Após o fim das obras existiu claramente uma política de reaproveitamento dos prédios que foram usados durante a construção da barragem. Além do museu, também o complexo de alojamentos - onde eram hospedados milhares de trabalhadores que se alternavam em turnos de maneira a manter a obra em permanente execução foi reaproveitado para a instalação do Parque Tecnológico da Itaipu (PTI), onde passaram a funcionar inclusive diversos cursos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), basicamente das áreas das engenharias e ciências exatas.

No prédio do Ecomuseu, nas diversas alas foram instaladas as exposições que compõem o museu e que estão distribuídas em salas ou “módulos”. Neste procura-se representar a memória da área atingida pela construção da barragem e a região inundada pelo lago da Itaipu Binacional. Estas representações se encontram distribuídas numa serie de espaços expositivos que definem o roteiro a ser percorrido na visitação. A seguir faremos uma breve descrição geral para ter uma visão de conjunto, que possibilite discutir sua intencionalidade.

O Ecomuseu da Itaipu Binacional foi o primeiro museu e o único que existe na cidade de Foz do Iguaçu e talvez não haja outros semelhantes ou com essas características no Oeste do Paraná. Embora seja um museu constituído e gerido pela Itaipu Binacional, ele é, de algum modo, considerado o “museu da cidade”. Assim, quando o habitante da cidade   interrogado por um visitante sobre se Foz do Iguaçu tem museu, responde que sim, que tem o Ecomuseu. Nesse sentido, na ausência de um museu municipal, o museu da Itaipu acaba cumprindo esse papel e ocupando para muitos, o status de museu da cidade. Todavia, podemos considerar que o “lugar da memória” da cidade, nos termos expressos por Pierre Nora (1981), não é o mesmo que corresponde ao da Itaipu Binacional. A memória da cidade não pode ser restringida   memória conformada pela hidrelétrica. Se bem que a construção da usina e as modificações trazidas por ela a Foz do Iguaçu possam ser consideradas um evento fundamental na compreensão histórica dessa cidade, sua história não se reduz à Itaipu. Há muitos outros caminhos históricos da cidade que nem sempre passam pela Itaipu, como discutido por autores que se debruçaram sobre esse assunto (GONZALEZ, 2005; SOUZA, 2009), até porque, para compreender essa cidade,   necessário pensá-la também, em termos de memórias

compartilhadas, em conjunto com Puerto Iguazu, na Argentina, e Ciudad del Este, no Paraguai, seja em função do passado relacional da configuração da fronteira e do intenso intercâmbio econômico [nem sempre legal] e de trabalhadores com essa última cidade, ou do turismo, em função principalmente do conjunto das Cataratas do Iguaçu (situadas nos parques nacionais brasileiro e argentino) trazerem para a cidade um grande contingente de argentinos.

Visão Geral da Exposição

Primeiramente, logo na entrada à esquerda, encontramos a sala da exposição permanente, também denominada o “Túnel do Tempo”, na qual está representada a visão institucional da história relativa à região atingida num recorte temporal que vai desde 10.000 anos atrás até os tempos recentes. A ideia é que o visitante entre como que numa passagem e ao percorrê-la estará conhecendo uma visão geral do percurso histórico que levou até a construção da usina hidrelétrica. Estas representações trazem um caráter persuasivo na medida em que são usados recursos cenográficos onde a luminosidade e os sons fazem parte da representação museográfica.

Na sequência está o “Módulo do Empreendimento”, uma sala em cuja parte central há uma maquete representativa da região afetada pelo empreendimento da construção da usina hidrelétrica. No extremo da mesma encontramos duas vitrines com objetos e instrumentos usados durante a obra. Além destes elementos encontramos o Memorial dos Trabalhadores, que é um painel composto por fotos de trabalhadores e trechos de depoimentos dos mesmos.

A seguir abrem-se duas comportas dotadas de sensor eletrônico, que nos dão acesso ao Módulo da Turbina, uma réplica do rotor, em funcionamento, de uma das dezoito turbinas da hidrelétrica. No final desta sala abre-se outro par de portas eletrônicas por onde saímos deste recinto para ingressar no módulo da Gestão Ambiental, onde encontramos, na parte central da sala, dois grandes aquários com espécimes da ictiologia do rio Paraná. Nas paredes enxergamos diversos painéis eletrônicos sobre as ações e as políticas de Gestão Ambiental que se anunciam entre aquelas que visam amenizar os impactos causados pelo lago.

Depois, os visitantes são encaminhados a um corredor, em cujas laterais podemos ver espaços destinados às práticas didáticas com alunos de escolas que visitam o museu. Saindo deste corredor encontramos diversos expositores com objetos líticos produtos dos resgates arqueológicos antes do alagamento, e algumas amostras dos diversos tipos de madeiras da região afetada. Também podemos visualizar vitrines com animais empalhados, representativos da fauna regional.

No final desta sala têm-se duas possibilidades de acesso: à esquerda, um corredor dá acesso à reserva técnica, em cujas laterais encontramos expostos alguns objetos que a integram; à direita, encontra-se o espaço onde funcionam as exposições temporárias, que comentaremos mais adiante. Nessa sala encerra-se a visita regular da parte interna. Saindo do prédio encontramos os jardins do Ecomuseu, onde estão distribuídos e resguardados, em quiosques, diversos objetos. Entre estes podemos destacar uma réplica de urna funerária indígena, uma roda d'água, um carroção para transporte de grandes toras de madeira, um pequeno engenho ou trapiche, uma prensa de tabaco, objetos estes usados na fase de ocupação da região durante o século XX. Também se destacam um gigantesco caminhão caçamba e um barco, estes mais recentes e que foram usados na obra da usina, construindo, através desses objetos esparsos, uma certa temporalidade, que comentaremos mais adiante. Na parte posterior encontramos o "Painel do Barrageiro", que é parte de uma parede de um dos alojamentos dos trabalhadores da época da construção da usina, contendo vários grafites e desenhos. Um pouco mais afastado se encontra o prédio onde funciona a parte administrativa do Ecomuseu.

A partir dessa exposição sobre a organização espacial do museu, optamos por discutir algumas temáticas que nos pareceram significativas. A nosso ver, isso possibilitaria discuti-las desnaturalizando o que está posto e re-apresentado na exposição, voltando-nos para a historicidade dessas representações.

Primeiramente, podemos destacar os limites evidenciados pela exposição museal, quando Nicolau Sevcenko expõe esses limites, ao escrever:

Eu tenderia a pensar que a palavra representação é que é problemática. Pelo menos no sentido em que ela supõe um nexos entre algum segmento da realidade e sua reprodução em alguma forma de linguagem. Nesse caso, é conveniente lembrar que qualquer forma de linguagem articulada é, antes de mais nada, uma criação humana, restrita a um determinado meio cultural e circunstancia histórica. Por essa razão o caso de ter claro

na mente que ela se refere a um ato de re-apresentação, o qual, posto dessa forma, já traria consigo a implicação de que ele vem precedido de pelo menos duas outras ações que seriam seu pressuposto. Uma a da percepção e recorte daquele segmento específico da realidade, outra, a da sua interpretação e tradução nos termos dos códigos simbólicos e expressivos peculiares ao meio cultural ao qual pertence o agente desse ato de reapresentação. (SEVCENKO, 1981, p. 100).

Todavia, como destaca Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado, na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

Neste sentido, torna-se necessário voltar o olhar para as formas através das quais se dá a apropriação dos discursos produzidos também no interior das exposições museológicas, muitas vezes distanciados dos sentidos expressos por aqueles que o produziram, rompendo com a noção de sujeito universal e com uma “invariância trans-histórica da individualidade, considerada idêntica através dos tempos” (CHARTIER, 1990, p. 25), entre outros aspectos. Dessa forma, partindo das representações expressas nas diferentes formas de exposição do Ecomuseu, pretendemos, como ainda propõe Chartier proceder à “análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos produzindo assim usos e significações diferenciadas” (CHARTIER, 1991, p.171). Para tanto, procuramos discutir esse conjunto principalmente sob a mira de três focos temáticos, evidenciados com força nessas representações, quais seja a tecnologia, as questões relativas ao meio ambiente e a história regional.

Escolhemos esses três focos de discussão por várias razões: a) a recorrência, visto que são temas que permanentemente aparecem nas representações expostas nas diversas salas do museu; b) a pertinência, pois são temas fundamentais para se compreender a região e a relação desta com a usina; c) considerando que a especificidade: ao organizar a exposição, o museu, ao mesmo tempo, define alguns espaços ou salas específicos para cada um destes temas contextualizados na região.

Essa opção por esses três eixos diz respeito à organização museal, mas também dialoga com questões que estiveram presentes com força nos anos de construção da usina, que resultaram em muitos embates em toda a região de fronteira

entre Brasil e o Paraguai afetada pela formação do grande lago (que vai de Foz do Iguaçu até Guairá).

Esses embates tiveram início antes mesmo da efetivação dos planos de construção por parte dos governos militares pós-1964.

O processo de construção da usina foi extremamente conflituoso. Nas primeiras fases do processo, as disputas se deram, principalmente, no plano diplomático entorno de questões geopolíticas e de incidentes de fronteira. Com a materialização da obra, os embates se fizeram evidentes no plano social. Pode-se ter uma ideia desses impactos sociais a partir dos relatos apresentados em dois livros contemporâneos. O primeiro é o de Guiomar Inez Germani, *Expropriados, Terra e Água: o conflito de Itaipu* e que é um estudo focado no processo de expropriação das terras atingidas pelo lago da Itaipu. O livro foi produto de uma dissertação de mestrado concluído ainda quando a obra da Usina não tinha sido finalizada. Nesse sentido constitui uma fonte contemporânea ao processo. Outro é o trabalho do jornalista Juvêncio Mazzarollo *A Taipa da Injustiça: Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu* apresentado na forma de livro-reportagem sobre os impactos tanto sociais como ambientais. Este livro foi editado em novembro de 1980, e em sua primeira edição custou ao autor sua liberdade.¹⁵ No início do seu livro, Mazzarollo aborda a questão da megalomania do projeto da Itaipu, suas dimensões superlativas, as quais são em parte produto da ideologia desenvolvimentista dos governos militares, mas também do desafio tecnológico do elemento natural a ser dominado, o Rio Paraná. Esses aspectos, defendidos pelos militares e os grandes capitais, faziam com que o projeto levado a cabo não pudesse ser questionado, seja em relação aos impactos, seja em relação aos seus objetivos.

Germani (2003) destaca que o processo da Itaipu passou pelo enfrentamento entre o Estado e a População que foi removida da área alagada. Foi desvelado um conflito social em função da re-estruturação espacial da área atingida. O processo do confronto teve vários momentos que se iniciam com a tentativa da Itaipu de legitimar-se frente à população usando, entre outros meios, campanhas de publicidade das quais

¹⁵ A série de denúncias apontadas neste livro e também no Jornal *Nosso Tempo*, de Foz do Iguaçu (junto com o também jornalista Aluizio Palmar) com relação as forças de segurança, fizeram que Juvêncio Mazzarollo fosse condenado a prisão pela Justiça Militar. Mazzarollo ficou recluso de 1982 até abril de 1984, sendo considerado o último preso político do período militar. Sua obra impressa é um testemunho de quem vivenciou e participou do processo.

participavam reconhecidos atores de telenovelas. Frente à insatisfação dos atingidos, em função dos critérios usados nas indenizações, começou um processo de resistência, inicialmente desarticulado, mas no decorrer dele, com o apoio de instituições de caráter religioso como as Igrejas Católica e Evangélica de Confissão Luterana, através da Comissão Pastoral da Terra (CPT), os atingidos conseguiram se organizar. Esta organização, que teve várias fases, se fez visível na fase inicial em duas grandes assembléias: a primeira em outubro de 1978; e a segunda em março de 1979.

Suas reivindicações eram encaminhadas através de abaixo-assinados à Itaipu, ao Governo do Estado, ministros parlamentares. Sempre obtinham algum resultado positivo e, principalmente, iam percebendo que só conseguiriam mais através de uma organização e de uma pressão maior. (GERMANI, 2003, p. 175)

Porém, na medida em que o prazo de fechamento das comportas da barragem se aproximava uma “situação de desespero” se fez presente entre os expropriados. Frente à política de negociação individual e isolada e não por áreas, que enfraquecia os desapropriados e eliminava as relações de proximidade entre eles, surgiu uma nova forma de resistência muito mais organizada e incisiva que tiveram dois grandes atos públicos: o primeiro foi o cerco, em 1980, durante 16 dias ao escritório de Itaipu em Santa Helena, quando se consolida o Movimento Justiça e Terra (MJT) e o segundo, um outro acampamento, localizado no trevo da BR-227 que dá acesso à Itaipu em 1981 que durou 56 dias. A autora conclui: “Evidencia-se que a atuação do capital vai criando também as condições para a emergência do movimento de resistência” (GERMANI, 2003 p. 175), em outros termos, o mesmo capital gerido pelo governo militar, sob a ideologia desenvolvimentista, sem se importar devidamente com os custos sociais, acabou provocando a resistência nos seus cidadãos, que aos poucos, e frente à iminência do processo, se organizam.

Este processo de resistência, segundo Germani, revelou-se uma das primeiras experiências organizadas no Brasil a esse tipo de intervenções estatais no território. Esta experiência de resistência e negociações foi aproveitada em outros confrontos posteriores motivados por causas semelhantes, com a implantação de grandes infraestruturas por parte do Estado. Um dos mais notáveis aprendizados deste movimento, segundo a autora, foi que só se deve negociar “terra por terra”.

Assim resultou que, se a Itaipu foi uma obra que possibilitou o desenvolvimento da indústria nacional, em especial a paulista, também foi uma obra geradora de um conflito entre o Estado e os expropriados, com relação à terra em que estes moravam e produziam. Isto é, a Itaipu, como obra “faraônica” do governo militar, atrelado aos grandes capitais e a uma ineficiente política de indenização dos atingidos, provocou por si mesma e seus impactos sociais, a resistência organizada dos atingidos pela obra. Esta experiência de resistência organizada será um marco histórico dos movimentos sociais pela terra. Destaque-se que a memória desse processo de organização e resistência está totalmente ausente no Ecomuseu.

No início do livro, Mazzarollo discute a questão da megalomania do projeto da Itaipu, suas dimensões superlativas, as quais são, em parte, produto da ideologia desenvolvimentista. É a usina dos “superlativos”, seja pelos 300.000 metros cúbicos de cimento lançados por dia na forma da barragem, no ápice da sua construção, seja pelo formigueiro humano composto por mais de 30.000 trabalhadores ou então por um orçamento inicial de 2.5 bilhões de dólares e que finalmente atingiria os U\$ 20 bilhões de dólares, ainda a serem pagos até 2023 (MAZZAROLLO, 2003, p.26).

Frente a essa monumentalidade não só de tamanho, mas também da dívida externa e interna assumida pelo Estado, que inicialmente foi apresentada ao público com um valor e no decorrer do projeto esse valor aumenta consideravelmente, temos do lado brasileiro pensadores críticos como Carlos Drumond de Andrade (MAZZAROLLO, 2003, p. 28) que, na época, comentava numa das suas crônicas sobre o alto custo social e econômico dos mega-projetos que estavam sendo implantados no território brasileiro e cuja conta, convertida em dívida externa, acabou sendo paga pelo povo nas décadas que se seguiram à construção desses empreendimentos “faraônicos”, tidos pelos governos autoritários como objetivos estratégicos da sua ideologia desenvolvimentista. O poeta Drumond de Andrade previa na época os impactos sócio-econômicos desses mega-projetos não somente a nível local, onde foram implantados, mas também a nível nacional, e fez esse texto criticando desde os critérios financeiros até a falta de ética no uso do orçamento.

O Homem comum, mesmo sem absorver a literatura econômico-financeira, sabe muito bem o que resultará nos próximos anos: a degradação da já bastante afetada qualidade de vida dos brasileiros, como sacrifício imposto a todos para que o governo acerte suas contas com os bancos estrangeiros em consequência dos gastos mirabolantes e

supérfluos a que se dava o nome de obras para a instauração do Brasil potência mundial.

Sabe-se que vão subir de maneira fulminante os preços dos derivados do petróleo, os do trigo, do açúcar e dos serviços de eletricidade, telefone, transporte, etc. como se eles já no viessem subindo à disparada nos últimos tempos. Iremos cortar na carne para pagar Itaipu, Carajás, Tucuruí, a Ferrovia do Aço, as usinas nucleares, que já pesavam tanto no bolso do contribuinte e do usuário.

Tínhamos o direito de pensar que todos esses empreendimentos gigantescos haviam sido planejados com rigorosas especificações de custo e que as operações financeiras destinadas a financiá-los tinham levado em conta as nossas possibilidades de resgate. Vemos agora que gastamos o que não podíamos pagar, e o povo terá que carregar nos ombros o peso colossal de tais compromissos, sem compreender por que o tornaram tão pobre procurando fazer-lhe crer que ficaria muito rico. (in: MAZZAROLLO, 2003 p.28)

Os Governos autoritários convertiam o Estado Brasileiro num dos mais importantes clientes do FMI. O custo aproximado das grandes obras até a metade da década de 1980 beirava os 90 bilhões de dólares. (O delírio das obras, ISTO É , São Paulo, 28 jul, 1982, Apud MAZZAROLLO, 2003, p. 20). Um valor que a população pagaria como coletividade nacional, já para os habitantes dos locais afetados por estas obras foi o sacrifício e o custo incalculável de ter que abandonar o que foi construído ao longo de anos de trabalhos cotidianos.

A preocupação dos intelectuais era comum nos dois países com relação ao custo social e econômico que Itaipu poderia impor aos cidadãos dos Estados participantes do projeto. Principalmente porque seria um empreendimento que beneficiaria mais aos grandes capitais do que à população como um todo. Os períodos inflacionários que se seguiram aos governos militares foram a prova de que o receio destes intelectuais não era infundado.

Até mesmo para justificar o projeto de construção de Itaipu, em setembro de 1972, a revista Veja (Edição 212, 27 de setembro de 1972, p.22-26) apresentou uma reportagem de capa sobre o assunto. Na primeira página desta matéria jornalística aparecem um par de imagens das Sete Quedas com uma legenda "Sete quedas Selvagens... e o canal de 12 milhões de KW". Apesar de ser mais uma apologia sobre Gibson, o diplomata brasileiro que seria peça chave nas intensas e delicadas negociações sobre a fronteira, no centenário da Guerra da Tríplice Aliança, e das quais resultaria a Itaipu Binacional como solução "salomônica". O artigo aponta uma série de elementos

interessantes e até curiosos, como a participação e o rascunho do local da barragem do Guimarães Rosa, para discutir os preâmbulos da construção.

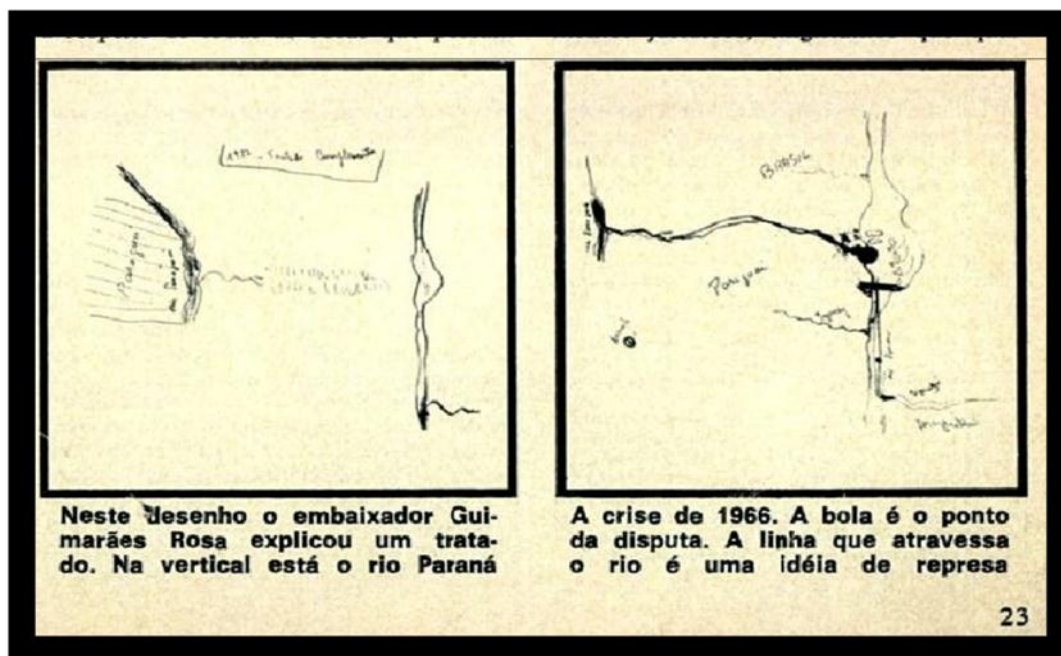


Figura 11: VEJA, Edição 212, 27 de setembro de 1972, p.22-26.

O artigo inicia com uma apurada retórica literária que descreve a geografia do acidente topográfico que vai possibilitar a construção da barragem. Fala de um rio [o Paraná] que se faz adulto no planalto brasileiro, e que no paralelo 24 faz-se a passagem deste planalto para o “anfiteatro de saltos”, 22 ao total, num desnível de 115 metros e pelos quais vazam 18 milhões de litros de água por segundo. Primeiramente justifica a construção pela quantificação dos quilowatts gerados (que multiplicaria por dois o que as demais usinas geravam). Em seguida, a justificativa caminha através de questões como o perigo de perda das fronteiras.

Voltando ao diplomata Gibson, a matéria se refere à primeira noite dele como embaixador do governo militar em Assunção, onde ao contrario de serenata de guarânias teve uma “serenata de buzinas dos automóveis, que passaram horas dando voltas ao quarteirão de sua casa, enquanto eram deixadas no muro branco as palavras de boas vindas: Fora o invasor brasileiro” (VEJA. Setembro, 1972, p. 23) Este ato explicita um sentimento de soberania invadida, que persistia em alguns paraguaios produto de confrontos e relações bélicas anteriores. Até um diplomata era percebido como invasor.

Não se trata aqui de analisar essa trajetória bélica, mas de perceber como na época, esse sentimento ainda subsistia para os paraguaios com relação ao Brasil e suas políticas de fronteira. Cabe lembrar que isto ocorria durante os regimes militares, tanto no Brasil como no Paraguai. E que a política exterior do Paraguai foi realizada a revelia do seu povo, como também a vida democrática paraguaia foi sacrificada nesta longa fase hegemônica do Stroessner, a mais longeva da América Latina.

De maneira elíptica, o articulista não problematiza sobre este fato de “boas-vindas” ao novo embaixador brasileiro em Assunção. Apenas se referiu à “habilidade” do Gibson que em só dois meses vai conseguir “espanar” a “questão dos saltos” da agenda diplomática mediante a “Ata das Cataratas” . Nesta ata “o Brasil ficava com Sete quedas, e, além disso, anunciava-se a disposição de criar uma empresa binacional para construir a hidrelétrica alguns quilometro abaixo, onde o rio é comum aos dois países” (VEJA. São Paulo: Setembro,1972, p.23). Esta citação é bastante provocativa e rica nas estruturas de sentido presentes no ambiente da época. Aponta o “espanar” como ato de apenas retirar a poeira histórica sobre os assuntos territoriais entre Brasil e Paraguai, um espanar que delicadamente apenas assopra a poeira sem mexer, sem abrir o que a razão bélica tinha dado por estabelecido. Se no imaginário paraguaio é uma questão sempre a ser revisada, daí a serenata de buzinas, para o imaginário brasileiro é uma questão a ser apagada ou no máximo eufemisticamente “espanada”.

Depois se refere a questões de fronteira com o Paraguai que seriam resolvidas pelo projeto conjunto e com relação à Argentina se referiu à questão da competição, como se diz no arquivo, por conta da expectativa de desenvolvimento industrial na fronteira.

Inclusive, o diretor na época da Itaipu do lado paraguaio, Enzo Debenardi, se mostrava esperançoso em relação a que o Paraguai se converte num pólo industrial, onde as multinacionais, principalmente de eletro-eletrônicos pudessem se instalar no território paraguaio para produzir estes artefatos ao invés de usar o país como mero ponto de comercialização e contrabando desses produtos, principalmente consumidos no Brasil, desde aquela época até o presente.

“ O Paraguai abre as portas à instalação dessas industrias na medida em que queiram se instalar em nosso país. Abrimos as portas a empresas de qualquer origem, brasileiras, ou multinacionais, enfim, a quem se interessar” (DEBERNARDI apud MAZZAROLLO, 2003, p. 30).

A mesma possibilidade da implantação de um pólo industrial na região de fronteira em torno da Itaipu era contemplada, não como desejo, mas como preocupação geopolítica e econômica pelo estado argentino.

Nesse sentido, a expectativa do estabelecimento de um pólo industrial na fronteira, nem o temor dos argentinos e nem o desejo dos paraguaios se realizaram. O desenvolvimento industrial desta fronteira é mínimo ainda que se disponha de muita energia. A região fronteira só desenvolveu uma grande “indústria” de eletroeletrônicos fabricados do outro lado do mundo.

Com relação ao “drama das desapropriações” Mazzarollo aponta que “Na área necessária para a imponente hidrelétrica viviam aproximadamente 8.000 famílias (cerca de 40.000 pessoas) na margem brasileira e 4.000 famílias (cerca de 20.000 pessoas) na margem paraguaia.” (2003, p. 40). Um considerável contingente de habitantes com enraizamento no território foram obrigados a recomeçar novamente suas vidas noutras terras. Também para este autor, contemporâneo ao processo de embates e resistência a construção da Itaipu, este conflito entre Estado e população local foi um dos berços de um dos maiores movimentos sociais, tal como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), não só do Brasil mas da América Latina.

Estava ali, no movimento Justiça e Terra, do qual nasceu o Mastro, um dos embriões do movimento dos Agricultores Sem Terra. (MST), que se constituiria a partir de janeiro de 1984, em Cascavel, PR, no maior movimento social do Brasil, desde então até os dias que correm (MAZZAROLLO, 2003, p.146).

Dava-se, assim, a configuração deste movimento nacional, onde, durante processo inicial, as organizações religiosas foram muito importantes para definir suas metodologias de organização política e de resistência. Como também apontou Germani, a presença da CPT foi fundamental para a articulação dos desapropriados: “Não fosse a presença eclesiástica, em vez de MST, o Brasil poderia estar se defrontando com guerrilhas e outras formas violentas de luta pela terra, contra a injustiça e a exclusão social.” (MAZZAROLLO, 2003, p.150)

Por outra parte, esse processo de desapropriação revelou-se um negocio de grandes lucros ao longo da história de ocupação do Paraná. Esta desapropriação para se

fazer o lago artificial, era, em certo modo, também uma re-ocupação pelo Estado, onde os especuladores voltariam a ter seus exorbitantes lucros, tanto nas áreas rurais como urbanas dos municípios lindeiros.

Os profissionais da especulação e da grilagem não perderam a oportunidade. Dirigiam-se aos colonos em precárias condições de documentação acenado com as mais sombrias perspectivas. Após convencê-los de que inevitavelmente perderiam tudo, ofereciam-lhes ninharias em dinheiro, apoderavam-se da terra e esperavam da indenização da Itaipu. Isso quando não conseguiam com que o colono abandonasse pura e simplesmente a propriedade. (MAZZAROLLO, 2003, p. 155)

Do Lado Paraguai o drama não seria diferente, mas teria a suas particularidades,

Aqui importa referir que perto dos 80% dos desapropriados pela Itaipu no Paraguai eram migrantes brasileiros que a partir do início da década de 1970 se aventuraram por terras guaranis. Essa migração, até o início da década de 1980, havia levado ao Paraguai mais de 300 mil brasileiros, exilados por força dos já apontados fatores de expulsão do homem do campo no Brasil. (MAZZAROLLO, 2003, p. 154)

Estes migrantes caíram nas rédeas das companhias de colonização privadas e do *Instituto de Bienestar Rural* (IBR), ao comprar terras destes organismos “sob promessa de, tão logo estivessem quitadas, serem tituladas em nome dos compradores” (MAZZAROLLO, 2003, p.155). Muitos deles pagaram integralmente e até tiveram que repetir o pagamento sob ameaça de perder as terras, uma vez que os integrantes do IBR eram homens de confiança do Stroessner. Estes grileiros paraguaios além de “enrolar” e constranger os migrantes proprietários também pretendiam receber da Itaipu as indenizações, uma vez que os títulos das terras se encontravam em suas mãos. Estes sujeitos se localizaram entre o Estado paraguai e os agricultores para lucrar com ambos (LAINO,1979).

A resistência articulada a esse tipo de abusos foi impossibilitada pelo Paraguai encontrar-se numa condição de “verdadeira caça às bruxas comunistas”. Stroessner tinha implantado um aparelho policial que extirpava precocemente qualquer tentativa de organização popular. Daí que movimentos sociais não poderiam exercer pressão sobre a

Itaipu.

O processo de expropriação era uma ação vertical e sem direito a reclamações, lembrando que 80% de proprietários, além de não ter documentos da terra, eram estrangeiros.

No Paraguai, Itaipu simplificou ao extremo a tarefa indenizatória: somente receberiam pagamento os que tivessem exibido título de propriedade da terra quando da realização do censo. Assim os que não possuíam esse documento – e mais da metade não o possuía- acabaram recebendo, se é que receberam, indenização só pelas benfeitorias. (MAZZAROLLO, 2003, p.156)

O processo indenizatório no Paraguai - diferentemente do ocorrido no Brasil – foi feito de última hora, isto é, sob a iminência do alagamento, como uma estratégia de “pegar ou largar”. Assim, as condições de expropriação no lado paraguaio foram ainda mais desfavoráveis aos agricultores. Terras com titulação pendente, instituições corruptas e grileiros profissionais respaldados pelo governo do Stroessner, condição de estrangeiros, impossibilidade de organização política e ainda uma estratégia de pressão de última hora para desalojar, foram todas condições forjadas para uma desapropriação lucrativa.

Os indígenas no Alto Paraná, habitantes remotos destas terras, primeiro foram expropriados pela forte migração teuto-brasileira, que derrubou muitas florestas, extinguindo boa parte do habitat guarani. Os núcleos ou refugio de florestas nativas que lhes restaram, agora seriam alagadas. “A inundação da Itaipu iria varrer para fora das suas terras também 239 famílias Ava-Guarani, do ramo Xiripá, no Paraguai” (MAZZAROLLO, 2003, p.157).

A memória das disputas em torno da construção da usina, e dos embates com os proprietários de terras, camponeses, indígenas e os movimentos sociais que se organizaram, não encontram espaço na memória do museu. Vai se construir uma exposição com o objetivo de negar essa história, substituindo-a por outra, por outros elementos, outros personagens, outras temporalidades.

Assim, na parte interna do museu, destaca-se uma exposição voltada para a

articulação de etapas que constituem uma história da região, uma história regional¹⁶ de traços bem característicos. Esta exposição é a primeira que o visitante costuma ver, e é chamada pelos funcionários de “Túnel do tempo”, está focada, portanto, na representação museográfica da história regional.

Além disso, vale ressaltar que esta exposição possui também uma ambientação sonora¹⁷, na qual são reproduzidos alguns sons sutis e específicos para cada um dos cenários, que o visitante só percebe quando se aproxima de cada um deles.

A soma desses recursos cenográficos tem por objetivo narrar o processo de formação histórica da região onde o Ecomuseu está localizado. Nesta sala estão postas em “cena” uma exposição das diversas fases da história regional, recortadas pelo “autor” institucional e enunciadas numa sequência deliberadamente teleológica.

Esta sala e seus conteúdos se constituem nos “argumentos museais”¹⁸ fundamentais do Ecomuseu sobre o passado da região que converge na construção da Usina, cuja representações encontraremos, especificamente determinadas, nas duas salas seguintes. Percebemos que logo de entrada a história regional é posta como argumento institucional, e que, ao se organizar a partir de períodos históricos, na sequência cronológica, aponta para o sentido teleológico que fundamenta a visão do institucional do museu, bem como da construção da Hidrelétrica da Itaipu. Os cenários, num total de seis, estão dispostos um após o outro, e sequencialmente demarcam períodos históricos, que na sua extensão, procuram dar conta da narrativa do passado antes da Itaipu. Esta sequência acompanha o sentido horário em que é feita a visita.

Na tentativa de problematizar essas relações reproduziremos um roteiro

¹⁶ Entendemos por essa expressão aquela narrativa histórica preocupada em registrar o processo de formação de uma região - ainda que a ideia de região resulte em parte, como produto desta e outras narrativas, que quando legitimadas pelo poder que age regionalmente acabam se constituindo como hegemônicas, construindo as “verdades históricas” sobre o território. Nisso a História recebe auxílio da geografia. Entre as duas disciplinas assimiladas ao poder que este impõe regionalmente, se escreve e inscreve no espaço natural, um corpo territorial e sua biografia, agora político e nacional, uma vez que região e nação são sinônimos, só dependendo das escalas implicadas .

¹⁷ Nesta análise estivemos atentos para os diversos efeitos cenográficos que também consideramos como linguagens constitutivas da narrativa histórica, entres esses a luz [luminosidade] aplicada a cada cenário e a posição [gestualidade] em que se encontram os personagens(Veja, Edição 212,27 de setembro de 1972, p.22-26).

¹⁸ (PESANHA apud RAMOS,2004, p.20)

semelhante ao sugerido pelo museu aos seus visitantes, sejam eles estudantes, turistas ou simples *flâneurs*. Neste roteiro estaremos atentos para os detalhes que só uma análise crítica consegue provocar e fazer emergir daquilo que é posto nas representações como dado.

Primeiro Cenário

A exposição se inicia no primeiro bloco-cenário, que na verdade é uma vitrine e que denominaremos “Desde os tempos da Luzia”. Esta contém uma representação de um personagem primitivo que pelo seu fenótipo nos revela que se trata de um sujeito aparentado com a “Luzia”, o fóssil humano mais antigo achado nas Américas, localizado em Sete Lagoas, Minas Gerais, e que revela a presença humana há mais de 10.000 anos na América.



Figura 12: Luzia

Esta personagem, ou então esta “Luzia” que se encontra agachada usando

ferramentas líticas, nos fala do seu cotidiano nos tempos neolíticos. A narrativa representada se inicia recuando até os primórdios da história humana relacionada à região para assim demarcar um limite inicial no tempo.

Percebe-se que existe uma preocupação com “um início” e “um fim” dessa história representada. Neste caso, o “início” quanto mais recuado mais argumentativo se torna, uma vez que a noção de ancestralidade é também um argumento de autoridade. Já o “fim”, como se verá a frente, quanto mais convergente para o empreendimento hidrelétrico da Itaipu, mais possibilita legitimar seu sentido teleológico do qual está permeado o museu.

Para validar ainda mais este argumento, na parte inferior da vitrine expositora, podemos visualizar algumas peças líticas, produto dos resgates feitos na margem brasileira pelo arqueólogo Igor Chmyz antes da área do reservatório ser inundada. A presença desses objetos daria veracidade à representação colocada num cenário construído.

Da mesma maneira que nos manuais e livros didáticos usados no ensino fundamental e médio no Estado do Paraná, o discurso museográfico inicia-se, portanto, com a referência ao passado remoto. Aquela temporalidade faz referencia mais do que há centenas ou milhares de anos, e o faz, descrevendo sujeitos dos quais só nos é possível ter conhecimento pelos estudos arqueológicos, isto é, bastante remotos.

A nossa primeira problematização surge em função da questão de que estes estudos arqueológicos realizados na bacia do Alto Paraná alimentaram certa abordagem na Historiografia do Paraná que enunciam aqueles primeiros habitantes da região como “os índios do Paraná” (WACHOWICZ, 1995, p. 6) ou o “índio paranaense” (WACHOWICZ, 1995, p. 8). A ideia de uma “nação prévia” é colocada como fundamento da invenção de uma “*regio*”.

Estes estudos foram

...produzidos ao longo dos anos 60 e 70, que estabeleceram o padrão dominante dos saberes arqueológicos no Paraná. Eles definiram diretrizes, circunscreveram os objetos considerados importantes e, em particular, conectaram seus interesses no mais remoto passado com a ideia de edificação de uma história globalizante dos paranaenses. Refiro-me aos trabalhos de Igor Chmyz e Oldemar Blasi (GONÇALVES, 1995, p. 26).

Nesta invenção das regiões, e da qual tanto livros didáticos como museus fazem parte, apela-se para a construção de mitos fundacionais. O ensino formal [a escola] e informal [o museu] se voltam para abordar o território nacional e suas instituições como uma criação prévia que remonta à “noite dos tempos”¹⁹, e na qual “se nasceu nacional”, como algo dado e não como uma construção histórica. O conhecimento histórico que é transmitido tanto na escola como no museu, procura naturalizar uma “nacionalidade” ou “cultura nacional”, isto é, uma construção politico-cultural de escassos 200 anos a esses sujeitos “arqueológicos” que habitaram este espaço há , 12.000 anos antes do presente. Assim, a *ilusio teleologica* (BOURDIEU, 2007) , tão importante ao Estado-Nação e a suas instituições, procura fundamentar-se não somente no passado recente, mas também no passado remoto, reforçando seu argumento de autoridade ancestral imaginada. O mito fundacional da *régio*, como argumento do passado, fundamenta a teleologia da narrativa histórica nacional, se constituindo em narrativas que legitimam a apropriação territorial e cultural de uma região.

Essa ideia de “nação prévia” incorporada na “biografia nacional” que foi muito discutida e desconstruída por diversos intelectuais brasileiros como Fernando Novais, Marilena Chaui, Caio Prado Junior, Sergio Buarque de Holanda e Maria Odila Silva Dias (MAGNOLI, 1977, p. 9) ainda está presente nas narrativas usadas para o ensino formal e informal da história. Nesse sentido, a apropriação territorial do espaço obedece não somente a processos demarcatórios e divisas territoriais. Apela-se, para legitimar cientificamente o recorte regional que além de geográfico passar a ser arqueológico, e representativamente historiográfico. Enunciar os primeiros sujeitos habitantes de este espaço como “paranaenses” é duplamente um jogo científico-político das instituições nacionalistas de apropriação tanto territorial como cultural. Científica e politicamente, duas matrizes são implantadas a um mesmo tempo: a matriz regional do Estado do Paraná e a matriz nacional, do Estado Brasileiro.

Estas representações institucionalizadas na medida que configuram e legitimam regiões, também apontam para um território em disputa simbólica. “A vontade política é capaz de construir diferenças culturais em contextos históricos semelhantes.” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 37)

¹⁹ No sentido que as referências temporais ultrapassam os tempos tradicionalmente distinguidos como históricos.

Segundo Cenário

Contudo, o roteiro museológico continua, e voltando os olhos para a exposição, percebemos que a luminosidade no cenário seguinte é bastante escassa, umbrosa, porém um pouco mais intensa do que no cenário anterior.



Figura 13 : Os Silvícolas

A posição em que se encontram os personagens representados é também agachada. Até aqui a exposição não mostra personagens em pé. Como no cenário anterior, não é possível enxergar os rostos. As faces estão ocultas por longas cabeleiras.

O segundo cenário, que denominaremos “Os silvícolas”, está ambientado no interior de uma selva, e ali encontramos a representação de um par de mulheres, possivelmente avó e neta, fabricando uma vasilha de barro. A técnica usada para dar forma circular ao recipiente é a dos “fios ou lombrigas” de barro que são amassadas pela criança e depois adicionadas uma sobre a outra, pela anciã. Esta técnica original existiu na região e permitiu aos nativos da bacia do Alto Paraná elaborar vasilhas esféricas, mesmo sem a prática da técnica do torno. Vasilhas de barro que acompanharam toda essa civilização das ribeiras do Alto Paraná, seja para converter o cru em cozido ou a vida em morte. Também nestas vasilhas era fermentado o cauí, a bebida feita a base de milho, muito importante para estas culturas indígenas, da festa e dos sonhos.

Porém, nada disto é sinalizado; apenas está presente a ideia de que antes foi a pedra, depois a cerâmica. Muita informação é desprezada nessa visão generalista de um passado indígena que parece estar mais próximo do passado remoto do que do passado recente dos nativos que, incluso, ainda habitam a beira do lago da Itaipu em Ocoi. Filosofias do poder, mitos e religiões ecológicas, isto é, culturas *ab origine* neste espaço são ignoradas pela visão tecnocrática carregada de “progresso” que enxerga a realidade histórica desses nativos como apenas subsistência material e despreza outros tipos de relações culturais, e mesmo espirituais, do homem *ab origine* com a natureza.

A outra percepção que temos aqui é que estes indivíduos se encontravam habitando em número reduzido nestas selvas do Alto Paraná. A vida comunitária dos Guarani, rica e complexa, não aparece. São índios encontrados apenas no passado. Menos que comunidades, temos indivíduos solitários. As selvas estão quase vazias, só têm sujeitos dispersos, atrasados e sem cultura. A teleologia, fundamento desta narrativa, vai sendo articulada.

Nas disputas das populações locais contra a Itaipu, as comunidades indígenas também se fizeram presentes. Segundo Mazzarollo(2003), as comunidades indígenas foram grandes vítimas de todos esses projetos nacionais que os Governos Militares desenvolveram no Brasil. Em nome do “Nacional”, o regional e, principalmente, o local, em especial, o que se refere ao indígena, foi praticamente destruído. Em Ocoí, existia o último reduto Guarani do território do município de Foz do Iguaçu. Esta comunidade se viu afetada já em 1975 em função do reassentamento em Ocoí de colonos removidos do Interior do Parque Nacional do Iguaçu (VENCATTO, 2010). Mas o impacto maior vai ser provocado pelo Estado com o projeto da Itaipu, quando da iminência da formação do reservatório são expulsados e expropriados. Estes Avá Guarani foram removidos para outra área distante onde já habitavam guaranis Mbyá. As diferenças culturais entre parcialidades que para o branco podem ser insignificantes, fizeram que os removidos Avá de Ocoí voltassem ao local de origem. Inicia-se uma fase de intensificação nas tensões entre Indígenas e a Itaipu, tratados por esta, na hora das negociações dentro da última categoria de indenização, naquela mesma que se encontram os “sem títulos” de propriedade da terra. Os guaranis reagiram e iniciaram protestos articulados junto com os demais expropriados que se organizam e assembleias e grandes protestos públicos. A FUNAI, sendo inquirida frente a esta problemática, diz com certa ingenuidade perversa,

que ignorava a presença indígena na área a ser atingida. Então são abertas algumas possibilidades de transferência dos indígenas, mas os Guarani de Ocoí não aceitaram a transferência. Com o intuito de estabelecer precedentes técnicos para negociar, foi elaborado um laudo antropológico oficial que deturpava a realidade indígena. Um coronel ligado à Itaipu propõe uma metodologia para estabelecer o que ele entende como os “indicadores da indianidade”. Ante esta política que mais visava o extermínio legitimado pelas políticas indigenistas do Estado, foi solicitado à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) um outro laudo, no qual se atestava a real presença desses “habitantes imemoriais”. Este laudo se constitui num instrumento de denúncia e de luta. Os Guarani vão a Brasília, até a FUNAI para fazer suas reivindicações. Apesar de todas estas reivindicações, justo em 1982, poucos meses antes do alagamento do seu território foram removidos a 20 km. Nessa nova situação, recém reassentados, diretores e funcionários realizam tentativas de agrados e até o apadrinhamento da Aldeia. “Até a militarização foi tentada, mediante a distribuição de patentes segundo os padrões do Exército, provocando atritos na comunidade” (MAZZAROLLO, 2003, p.121).

Espremidos numa faixa entre a borda do lago e os colonos, os guarani passaram a re-inventar suas vida comunitária bastante afetada por longos 500 anos de colonização e que, com a chegada do Estado Nacional fica a beira de ser afogada de vez. Estas comunidades do Alto Paraná são estudadas por grandes Antropólogos como Curt Nimuendajú e Pierre Clastres, sendo que este último elaborou sua obra prima a “Sociedade contra o Estado” sobre estas comunidades refletindo, como o pensamento guarani se nega e resiste à implantação de um estado, seja qual for. Ainda assim, os Guarani, secularmente resistentes a uma institucionalização política de si mesmos e de qualquer um, foram vítimas de um projeto de um Estado nacional no qual, eles não se reconhecem, ainda mais, quando os remove como se fossem meros objetos da paisagem. Atualmente desmotivados, minados por vírus civilizatórios como o alcoolismo e a prostituição, cercados por um problema sem solução digna ainda tentam o teko [modo de ser] mesmo sem tekoa [casa, meio ambiente]. Os Guaranis, que pregam uma sociedade sem Estado ou contra o Estado, acabaram vítimas do Estado nacional e seus projetos “faraônicos”. Essa memória sofrida dos guarani, não é representada.

Na sequência, no próximo cenário, que denominamos “Reduzindo as crianças,” que ocupa um lugar central, no conjunto destas representações museográficas, aparece a

chegada a estas terras da civilização ocidental, representada na evangelização daqueles nativos que até agora estavam representados como sujeitos em posição de cócoras, isto é, como “primatas”. O “*Homus erectus*”, nesta museografia, só irá aparecer erguido pela cultura ocidental, no ato da evangelização cristã das primeiras missões jesuíticas dos Guarani. Pensando na gestualidade, o fato de estarem sempre agachados, nesses cenários anteriores, essa posição corporal inculca a ideia de estes serem seres atrasados em função da subsistência e, portanto, sempre inferiores. Ficar em pé é algo que ajuda ao “autor” desta re-apresentação a mostrar estes sujeitos bastante afastados da atual tecnologia, que será apresentada mais a frente. Porém, problematizamos isto aqui porque nos parece que o que está em jogo na representação museográfica é a questão tecnológica, ou melhor, um “atraso tecnológico”, e cuja “solução” civilizatória, segundo a teleologia expositiva, teve seu cume na hidrelétrica.

Terceiro Cenário

Neste terceiro cenário está a representação de uma cena da evangelização na região do Alto Paraná. Um sacerdote pregando para três crianças vestidas com uma túnica. Num dos lados do cenário podemos visualizar, penduradas duas grandes reprografias de uma página da primeira gramática escrita do Guarani realizada pelo Jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, que serviu de instrumento para a sua catequização. Este cenário das reduções jesuíticas encontra-se num lugar privilegiado, localizado na parte central do fundo desta sala e de frente para quem entra nela. Constitui-se assim no tema que divide em duas partes iguais a área do “túnel do tempo”, sendo também, de algum modo, o “divisor de águas” da narrativa aqui representada.

Com relação à luminosidade podemos perceber que aumenta um pouco neste cenário, mas ainda percebe-se que o ambiente é umbroso. Se considerarmos a luminosidade como uma linguagem cenográfica podemos dizer que estes três primeiros cenários pertencem a uma mesma temporalidade distante e umbrosa da história, porém neste último cenário a presença das “luzes civilizatórias” do ocidente já iniciam a difusão mediante a evangelização dos nativos e sua conquista espiritual.



Figura 14: Missões Jesuítico-Guarani

Como comentamos acima, é notório, que no encadeamento expositivo, os personagens apareçam, pela primeira vez em posição ereta. Tanto o jesuíta como as crianças indígenas realizam a prática religiosa em pé. Se o corpo fala, isto é, se também consideramos que existe uma linguagem nas posturas corporais e na gestualidade, visualiza-se que aqui se inicia um patamar civilizatório, onde o homem não vive mais naquela postura de “primata” com que foi representado nos dois cenários anteriores. Os homens aqui representados aparecem erguidos para falar com Deus ou ao Deus ocidental.

De igual modo, a nudez que caracteriza os cenários anteriores desaparece aqui. Nas missões estabelecidas pelos Jesuítas, parte do processo de aculturação passava por dar vestimentas espirituais e corporais aos nativos que “vagavam” nus pelos cursos d’água desta bacia hidrográfica. Sua nudez lembrava a estes missionários o pecado original cristão. Fazer com que usassem roupas era retirá-los do estado “selvático” do pecado original em que se encontravam e ao mesmo tempo introduzi-los no mundo civilizado.

Esse processo histórico das reduções jesuítico-guarani, convocadas e administradas pelos missionários teve uma grande abrangência de ocupação territorial no

espaço do Alto Paraná. As primeiras reduções foram fundadas acima e no entorno de onde se inicia o reservatório da Itaipu, na região próxima a Guaíra e Terra Roxa, que depois, em função dos ataques dos bandeirantes, foram trasladadas e refundadas abaixo da foz do rio Iguaçu, no entorno da “Mesopotâmia” formada pelos rios Paraná e Uruguai.

No espaço do entorno próximo a barragem da Itaipu existiram duas reduções, Santa Maria del Yguazu e a da Acaray, pertencentes ao primeiro ciclo. Estas funcionaram inclusive como articuladoras deste processo e deram apoio no êxodo reducional provocado pela ação bandeirante. Da primeira redução, segundo a *Carta Anua de la Reducción de Santa Maria del Iguazú, para el P. Nicolas Duran provincial del Paraguay de la Compañia de Jesus -Año de 1627*, estava localizada perto das Cataratas do Iguaçu, sem que até agora se tenham realizado levantamentos arqueológicos. De qualquer maneira, destas reduções não aparece nenhuma menção no museu, somente a representação de um processo de evangelização e civilização.

Quarto Cenário

O quarto cenário que encontramos nesta sala que denominamos “Obrages” está dividido em duas partes: uma que representa a extração de madeira de lei e outra que reproduz um porto sobre o Rio Paraná para o carregamento da erva-mate extraída na região. Na primeira parte observamos uma jangada de toras flutuando sobre as águas do rio. Na segunda parte é representada sobre uma íngreme barranca do rio a “zorra”, mecanismo de transporte, que consistia num pranchão sobre rodas que descia e subia por trilhos. Geralmente descia com sacos de erva mate e subia com mantimentos ou pessoas.

Logo no início desse cenário o que mais chama a atenção neste é o aumento de luminosidade. O Céu que antes não era visualizado, de repente, aparece azul e intenso. A floresta já derrubada permite a entrada da luz num espaço representado de maneira umbrosa. Simbolicamente, aumenta com intensidade a luminosidade na exposição. Uma intensidade lumínica que demarca um salto na História. O que o visitante não percebe é o que fica ausente nesses lapsos da narrativa museográfica. Como

também não encontra, mesmo que procure, sujeitos nesta vitrine. Eles não existem nesta parte da representação museográfica da História regional.



Figura 15 : Porto de Obragem

De fato, este é um cenário onde prevalece mais a instalação cenográfica como obra de ambientação. Onde luz e som são acrescentados para legitimar o exposto, uma vez que esta vitrine não é acompanhada por objeto museológico nenhum. As toras e o porto são valorizados com forte luminosidade. A metaforização que a luminosidade produz no cenário é mais uma síntese estética do que de uma problematização sobre a ecohistória regional que, a diferença deste museu, pode ser vista em outras representações museográficas desta região.

No caso da representação das obrages, enclaves de extração de madeira e erva-mate, estes foram apresentados como um evento onde aumenta a luminosidade em significativo contraste com os anteriores cenários umbrosos. Esta luminosidade chega à história da região com o desmatamento; segundo a narrativa museográfica, abrem-se os clarões para o desenvolvimento. Saiu-se finalmente da “noite dos tempos” e o futuro

agora é o de um céu claro, e o solo, já sem árvores, começa a ser preparado. O acúmulo de significados, a cada passo expositivo, vai dando o sentido de processo de destino ou então de “destino manifesto”, aquela mesma ideologia que permeou a “marcha para o oeste”. Os obstáculos, para atingir a teleologia colonizadora, são eliminados; milhares de árvores centenárias são retalhadas e jogadas em toras na deriva das águas turvas do Paraná para serem processadas nas serrarias rio abaixo.

Integrando a mesma vitrine passamos a observar a seguinte representação, de um porto sobre o rio Paraná, cujas barrancas eram altas e íngremes, algumas com até 70 metros de altura, o que dificultava a carga de produtos na beira do rio. Para resolver estas dificuldades se usava a “zorra”, que subia e descia por trilhos que iam da beira do rio até o alto do barracão onde a erva mate era ensacada e armazenada.

A impressão que temos ao deixar esta representação das “obragens” é a de que se tratava, na visão do “autor”, apenas de um processo normal de produção “industrial” como qualquer outro. Até porque a lógica de exploração dos recursos naturais nessa época era de que a natureza estava ali disponível, e podia ser apanhada como fruto que se não for consumido na hora, apodrece e se perde. Mais ou menos era essa a mesma mentalidade sob a qual atuavam os tecnocratas do governo, que durante o período militar construíram a hidrelétrica de Itaipu, e que mesmo tendo alternativas mais ecológicas como a do engenheiro Marcondes Ferraz formulada durante o Governo de João Goulart.

Propôs a construção de uma usina exclusivamente brasileira mediante a abertura de um canal de 60 quilômetros, tomando as águas acima das Sete Quedas e devolvendo-o ao leito natural logo abaixo delas, o que renderia segundo ele, 10 milhões de quilowatts (CAMPANA, 1994 p.12)

Anos depois os militares, incluindo o mesmo Stroessner desprezaram essa opção de menores impactos e que preservava as Sete Quedas e optaram pela mais rápida, “faraônica” e binacional, como se o “fruto” fosse se perder. No fundo tratava-se mais de uma problemática geopolítica e não apenas energética.

A estrada de ferro Brasil-Bolívia, o porto de Paranaguá e a rodovia BR-277, a hidrelétrica de Itaipu e o porto de Rio Grande: estas foram as peças movidas pela geopolítica brasileira no jogo do xadrez platino. Objetivo: resgatar os prisioneiros argentinos, atraindo-os para o campo magnético

Brasil. Método: a superposição de um novo eixo de orientação, de direção oeste-leste, sobre o tradicional eixo fluvial norte-sul. Militares, políticos, diplomatas, técnicos e muito dinheiro foram mobilizados para essa campanha (MAGNOLI, 1981, p.102)

Para aqueles extrativistas e estes desenvolvimentistas geopolíticos, o que era feito com a natureza era mais um aproveitamento do que uma agressão ao ambiente. No caso do extrativismo, foi uma prática que se fixou na região, onde por muito tempo se constituiu na lógica de exploração com que o homem viu a natureza e suas florestas no Alto Paraná. O eufemismo “extração de madeira”, e não destruição do ecossistema, foi válido por quase um século de extermínio das florestas no entorno desta região. Assim, estas obragens são representadas mais como um processo “natural” de produção, isto é, como uma “fábrica” que apenas extrai os “frutos da natureza”. Uma visão de mera extração, onde os grandes capitais gerados por estas atividades iam quase na sua totalidade para fora da região. Ainda hoje se percebe essa tendência nas principais atividades econômicas da região onde boa parte da riqueza ainda é “remessada” quase in natura, incluso a energia. Num certo sentido, a exposição reforça a legitimidade da proposta levada a cabo pela Itaipu.

Quinto Cenário

Na sequência, o quinto cenário que denominaremos “Os colonos e a monocultura”, é composto de duas representações: a primeira de uma família camponesa e a segunda uma extensa monocultura. A família se encontra na frente da sua casa como posando para uma foto. Os personagens - pai, mãe e filhos- são de tamanho reduzido em relação às anteriores representações, e estão confeccionados de maneira caricata num material que nos lembra bonecos de palha. Chama a atenção a quantidade de filhos. Revisando o livro *Obrages & Companhias Colonizadoras* de José Augusto Colodel, historiador que presta consultorias ao Ecomuseu, percebemos que esta representação esta inspirada numa foto do seu livro, na qual aparece um casal com muitos filhos. A reprodução da cena fotográfica na cena museográfica é bastante similar. Esta similaridade também pode ser percebida entre a narrativa historiográfica e a narrativa museográfica.



Figura 16: Família de Colonos



Figura 17: Família de Colonos no livro de Colodel

Ao lado desta família numerosa se encontra a representação de uma extensa plantação em fase inicial de cultivo, e um trator sem motorista no meio da plantação. Os espaços de florestas, antes representados, agora são apresentados como campos “desbravados” onde “verdeja” uma monocultura extensiva e mecanizada de milho.



Figura 18 : Monocultura e Mecanização

Nota-se que a imensa biodiversidade que possuíam as florestas do Alto Paraná foi transformada em monocultura, em desertos verdes. Deste modo se coloca que este processo de destruição de florestas para convertê-las em solos agrícolas, alias um dos melhores solos do mundo, foi um processo anterior e alheio a Itaipu. De fato foi assim, no Oeste do Paraná, nos anos de 1980, já estavam praticamente derrubadas as florestas originárias. Não acontecia o mesmo no Leste paraguaio que, como veremos mais a frente na maquete regional do ecomuseu, estava com matas nativas.

Sexto Cenário



Figura 19: A cidade moderna

No sexto e último cenário temático, que denominamos “A vida na cidade moderna” por oposição à vida na roça da família caipira do cenário anterior, encontramos a representação de uma rua principal da cidade de Foz do Iguaçu. Nele são representados com relativa riqueza de detalhes, elementos de um cotidiano urbano moderno que contrasta com o rudimentar das representações anteriores. Nesta representação podemos enxergar prédios, postes de iluminação, alguns veículos

estacionados em vagas diagonais a uma calçada ampla e algumas figuras humanas. Todo num tamanho reduzido de maquete. No final deste “túnel do tempo” é representada uma rua da cidade de Foz de Iguaçu, especificamente a Avenida Brasil, na parte que pode ser visualizada ainda hoje desde o Batalhão de Fronteira, localizado em pleno centro da cidade. Neste cenário são representados os novos elementos da modernidade numa estética *clean*. Ao fundo é destacado um Hotel que aponta o sentido turístico da cidade. A representação retrata bem a década dos 70, período em que o Brasil vivia sob o regime militar, e cuja modernidade reproduz adequadamente o “milagre brasileiro”, do qual a Hidrelétrica de Itaipu se constitui num dos seus maiores símbolos.

Este último cenário da exposição permanente a diferença dos anteriores, apresenta pela primeira vez um espaço urbanizado. Todo o processo histórico que se inicia há vários milênios atrás irá desembocar na “foz” teleológica da modernidade e no monumento tecnológico feito pelo homem, numa rápida luta contra a natureza no Alto Paraná. A história exibida na “viagem do túnel do tempo” nos joga finalmente na cidade de traços modernos que surge paralela à obra da Itaipu. A teleologia histórica finaliza sua narrativa. Nas seguintes salas veremos representações e réplicas do monumento tecnológico.

Outras salas

Ligado a esse conjunto, em salas adjacentes, está exibida uma série de equipamentos que vão representar a questão da tecnologia, bem como a monumentalização do progresso por ela propiciado. Cabe aqui problematizar a questão tecnológica no contexto do museu, uma vez que este complexo militar-industrial e sua parafernália implantada na região serviram como âncora para a realização de um projeto político, ou geopolítico, cujos alicerces dogmáticos se encontram no “pensamento autoritário brasileiro”, na ideologia - um tanto quanto assimilada - do destino manifesto e no planejamento de um “Estado forte” atrelado a grandes grupos capitalistas.

A materialização deste complexo foi realizada durante o período em que praticamente todos os países do Cone-Sul estavam sob governos militares. Tendo presente essa conjuntura histórica nos propomos analisar o que representou esta

implantação tecnológica de um complexo militar-industrial para o território e seus habitantes. Isso possibilitaria ao historiador fazer uma discussão do museu, “enquanto uma criação humana, restrita a um determinado meio cultural e circunstância histórica” (SEVCENKO,1981, p.100).

A sala seguinte, na qual se entra posteriormente à visita do “Túnel do tempo”, tem como elemento central de exposição uma maquete sobre uma grande mesa com equipamentos de multimídia nas laterais. Nesta maquete está representada a área do lago antes de serem fechadas as comportas da barragem e de entrar em funcionamento a Usina. Ela simula uma vista aérea com relevos do território atingido pelo reservatório.

É possível distinguir toda área dos municípios atingidos, desde aqueles que foram completamente submersos como até daqueles que o foram parcialmente e então ficaram nos lindeiros do reservatório. O território representado na maquete vai desde Guaíra até a Usina, mostrando, dos dois lados do rio Paraná, os territórios brasileiro e paraguaio. Esta representação tem a função de fornecer uma visão geral do território da Itaipu. Nas laterais da maquete funcionam uns terminais de computador que fornecem algumas informações sobre o empreendimento. Mediante esta maquete é mostrado o “corpo” territorial do projeto da Usina hidrelétrica da Itaipu.

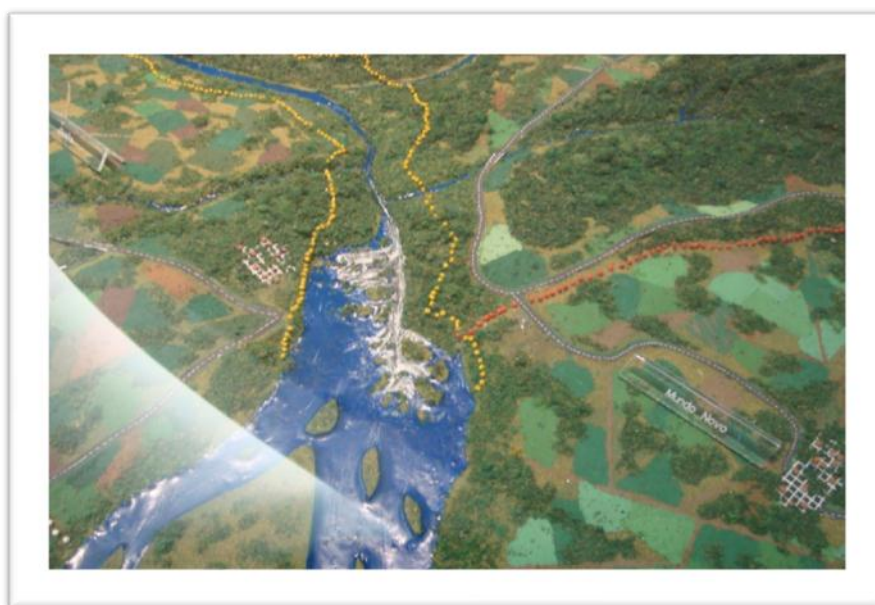


Figura 20: Maquete Regional

Dentre as questões a serem destacadas está o fato das Sete Quedas ou Saltos do Guaíra serem representadas por uma “espuminha” e ser eufemizada com a palavra técnica de “desnível”. Os Municípios atingidos não aparecem. Os pontos de concentração humana são ignorados o que dá a impressão de que a área se encontra relativamente vazia. Mesmo se tendo o Rio Paraná como elemento que serve para delimitar a fronteira nacional, esta não aparece na maquete.

Uma outra questão a destacar nesta maquete é que a mesma representa adequadamente o estado da paisagem antes do alagamento. Entretanto, as florestas do território já tinham sido quase que completamente devastadas e convertidas em solos de cultivo. Já o território paraguaio ainda se encontrava coberto de florestas, uma vez que o desmatamento e ocupação em volta do reservatório, será simultâneo e posterior ao alagamento.

Após ser apresentado o “longo” tempo da região mediante o “túnel do tempo” na sala referente a História Regional é chegada a vez de fazer “evidente” o espaço regionalizado do projeto. O fato de esta maquete encontrar-se entre o módulo da história regional e a sala da turbina cria uma sucessão lógica que carrega de sentido o percurso do museu. A Itaipu, planejada pelo Estado Federal, é um projeto regional, a partir do qual se constitui ou se inventa uma região. Uma “região de soldadura” entre Brasil e Paraguai. (MAGNOLI, 1981, p. 97)

Nesta mesma sala da maquete, também denominada a sala do empreendimento, se encontra o Memorial do Trabalhador que é um painel como mais de 3000 fotos em preto e branco, 3x4 dos trabalhadores da obra contratados pelas empresas da concessionária UNICON. Ao ser observado de longe este painel configura a imagem da barragem e de perto os rostos dos trabalhadores, fazendo um jogo ótico bastante interessante, no sentido de mostrar como por trás dessa grande obra participaram uma multidão de trabalhadores. Junto com este painel há um aparelho de TV onde de maneira permanente, são exibidas algumas entrevistas realizadas com funcionários e operários que trabalharam na Itaipu.



Figura 21: Memorial do trabalhador

Trata-se dos poucos elementos museais que fala sobre a memória dos trabalhadores. Todavia, ele é bastante pontual e não aprofunda essa dimensão do trabalho humano, que foi bastante significativa durante a construção, além do impacto demográfico nas cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, que praticamente triplicaram suas populações desde o início até o fim da obra. Como dizemos, antes esta memória é representada de forma pontual e reduzida, pouco preocupada com o processo social dentro e em volta da Usina.

Na sala da Turbina encontra-se uma réplica em funcionamento de uma das vinte turbinas instaladas na barragem. O recinto se encontra isolado por portas eletrônicas. A esta sala se entra vindo da Sala do Empreendimento onde foi visualizada a maquete do território. Logo antes das portas se abrirem, nas laterais desta, há um par de vitrines com objetos e instrumentos usados durante a obra. Dentre estes esta o mecanismo que acionou a abertura das comportas do vertedouro pelos presidentes João Batista Figueiredo, do Brasil e Alfredo Stroessner, do Paraguai, em companhia dos diretores da Itaipu Binacional Enzo Bernardi e José Costa Cavalcanti, em 5 de novembro de 1982.(CAMPANA,1994,p.13)

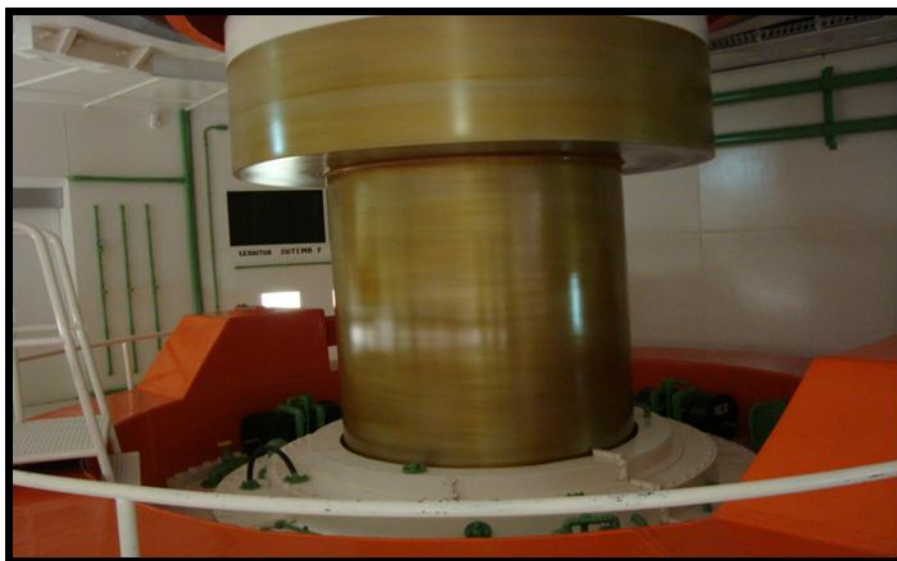


Figura 22: Replica da Turbina

Dentro da sala a alta rotação do eixo da turbina produz bastante barulho o que simula para o visitante estar numa sala real de uma das turbinas. Soma-se a esta representação, a presença nas laterais da sala, de painéis com instrumentos de medição, botões e lâmpadas. A percepção é de encontrar-se no lugar mais importante da exposição. Nesta sala a narrativa do museu atinge sua maior tensão.

A riqueza de detalhes eletro-mecânico cria uma ruptura com o resto da exposição. Se nas representações anteriores estávamos do lado de fora do cenário, neste participamos da representação. Caminhamos em cima dela, estamos dentro. Se o anterior era uma representação, aqui estamos no presente, numa re-representação. O passado percorrido e representado converge à re-representação da teleologia tecnológica feita presente.

As portas de saída se encontram do outro lado da sala, após contornar o eixo em movimento por um corredor cujo chão é metálico. Os espaços interativos são um par de salas ao lado do corredor destinadas a atividades lúdicas com crianças das escolas que visitam o museu. São basicamente dois espaços vazios para trabalhos com crianças. Nas paredes encontram-se desenhos coloridos que caracteriza cada um dos espaços, um com o tema água e o outro o da energia.

Na Sala das Amostras, a seguinte, e que é praticamente a última sala deste conjunto expositivo, se encontram algumas amostras líticas e de madeiras da região, produto de estudos, pesquisas e inventários realizados em ações preliminares à construção da Usina e da formação do reservatório.

Esta sala funciona como “prova” institucional frente à questão dos relevamentos pré-formação do reservatório. Estes trabalhos de fato foram feitos. O que se questiona é se eles foram suficientes, se eles foram sistematizados e especialmente se estes estão sendo aproveitados e disponibilizados para o público pesquisador, ou até que ponto não é um acervo ocioso e desperdiçado. Porque não existem grupos de pesquisa ou pesquisadores em torno dos acervos. Acervos fechados são como bibliotecas fechadas, são completamente inúteis para as comunidades dos quais fazem parte.

Na sala de Gestão Ambiental encontramos dois grandes aquários [de 12.000 litros] com peixes. Cada um deles é uma amostra da ictiologia de antes e depois da formação do reservatório. Nas laterais e no fundo desta sala encontramos painéis interativos, demonstrando algumas ações socioambientais desenvolvidas antes, durante e após a formação do lago. Dentre estas se destacam a operação Mymba-Kuera que em Guarani quer dizer “pega bicho”, e consistiu no resgate de animais, num total próximo dos 20.000, nas duas margens. Foi uma operação muito noticiada na época pela mídia nacional.

Nesta sala, ao invés de serem usadas palavras como *impacto*, no discurso da Itaipu opta-se por palavras como *gestão*, isto é, ameniza-se a apresentação dos problemas causados até sua quase invisibilidade ao colocar os efeitos mais como um problema de tipo administrativo ou de “gestão” do que realmente de agressão à Natureza. Ao colocar homens e natureza no mesmo patamar discursivo, questões que deram origem a importantes movimentos sociais são invisibilizados. Se existe alguma memória nesta sala, ela tem a ver apenas com a dimensão da natureza, não com a memória social da região do lago e suas tensões. Preferir no discurso o objeto ambiental ao social é uma constante característica nas representações do museu do lado brasileiro, outra coisa acontece no museu do lado paraguaio como veremos no seguinte capítulo.

De qualquer modo, o real impacto ambiental na formação do lago, o qual é considerado por alguns como um verdadeiro “cemitério de flora e fauna, não foi registrado. De alguma maneira acontece um desvio de atenção para a problemática da poluição por

agrotóxicos, assim como, na questão das matas ciliares, em especial para o problema da leucadena, espécie de árvore exótica, que acabou infestando o espaço determinado para a mata ciliar.

Saindo do prédio encontramos os jardins do museu onde são colocados alguns objetos que procuram fazer uma ligação entre um passado já superado e um presente tecnológico ativo e progressista.

A Roda d'água é um mecanismo de madeira composto por uma roda de madeira contornada de calhas que acumulam água, conduzida até elas e que ao encher fazem girar a roda, cujo movimento é transmitido para movimentar outros mecanismos como moinhos de cereais. O carroção de alçaprema e o carro de boi são dois veículos de transporte movidos por tração animal, muito importantes no processo de extrativismo e exploração agrícola da região.

A prensa de fumo é um mecanismo usado na região para compactar os fardos de folhas de fumo após a desidratação destas. Demonstra a presença de um produto agrícola como o fumo, ainda de relativa importância na região.

A Moenda com cilindros de pedra e moenda com cilindros de madeira são mecanismos que funcionavam basicamente para extração de líquidos das plantas cultivadas e seu posterior aproveitamento após outros processos. Os arados tipo tombador eram instrumentos de tração animal usados para sulcar e virar a capa superior do solo agrícola.

Junto a esses instrumentos regionais, são apresentados os objetos usados na construção da usina, ou seja, uma pá escavadeira, um barco ²⁰ e um caminhão ²¹. Também se encontra ali uma urna funerária indígena²².

²⁰ O Quarai é um barco que foi usado pelo Departamento de Segurança da Itaipu. É um barco de porte médio com cabine e alto falantes. Foi usado principalmente para a segurança da área da barragem mas também teve outras funções como ajudar no transporte e na remoção de objetos e pessoas no alagamento. Também participou da Operação Mmbya Kuera.

²¹ Este caminhão denominado "Sansão" é um dos tantos caminhões gigantes que foram usadas para o transporte de pedra na barragem, uma vez que trata-se de pedras de basalto.

²² A Urna Funerária é um enterramento funerário indígena similar aos encontrados na região. Este elemento museológico é composto por duas grandes vasilhas de barro que contem ossos humanos Estes são depositados nas urnas depois de que são retirados do tumulo onde foi enterrado o cadáver uma vez decomposta a parte carnosa, quando então os ossos são retirados para ficarem permanentemente nas urnas. Trata-se na representação, de uma prática funerária indígena. Apesar de serem inúmeros os enterramentos encontrados na região o que esta exposto é uma réplica.

Por fim, registramos a existência de uma parede, com desenhos feitos com grafite, que foi retirada do alojamento dos barrageiros. Na sua maioria, são figuras de mulheres seminuas e cenas românticas pintadas nos momentos de descanso por um trabalhador da obra ²³. Este objeto se encontra na parte externa protegida num quiosque e protegida com vidro. Nem sempre os visitantes observam este objeto, uma vez que fica na parte posterior do museu, um tanto resguardado.

Neste ponto encerramos nosso percurso crítico pela exposição museográfica do Ecomuseu. Na sequência a nossa problematização se desloca para a outra margem do rio Paraná, onde encontramos o outro museu da mesma instituição, mas em terras paraguaias.

²³ Tive oportunidade de realizar uma entrevista com o autor deste trabalho quando ele foi convidado pelo Espaço do Barrageiro, um projeto feito no PTI nas antigas instalações dos dormitórios dos barrageiros. Fazia mais de 15 anos que ele não via sua obra. Comentou que foi várias vezes obrigado a apagar seus desenhos e a tinta era descontada do seu salário. Eram tempos ditatoriais, mas hoje a administração tem a preocupação de preservar essas memórias pouco valorizadas desses sujeitos que foram fundamentais. Tinha-se o “mito” que o “pintor das mulheres” fosse chileno ou mesmo brasileiro, porém o artista se chama Rodrigo e é paraguaio. Segundo ele, os desenhos foram em parte motivados pela saudade de um amor não correspondido deixado na sua terra. Comenta que ainda no quarto, que era um dormitório com duas a três beliches, seus desenhos já eram motivo de visita. Suas “mulheres” faziam sucesso principalmente pela Itaipu ser um universo tão masculino.

CAPITULO 3.

AS MEMÓRIAS DAS PESSOAS FRENTE ÀS MEMÓRIAS DOS MUSEUS

Toda memória é sempre construída ou pela adoção da “múltipla identidade” ou pela da “multiplicidade de identidades”

Homi Bhabha

Nos depoimentos que foram coletados durante a pesquisa, os entrevistados descreveram alguns detalhes sobre a historicidade dos museus que em outros documentos pesquisados não emergiram. As memórias desses sujeitos se imbricam com a memória representada nos museus, seja para afiançá-la, ou para mostrar outras percepções com relação à trajetória dos museus e à sua relação com a usina.

Como já foi destacado, os museus surgem diversamente nos dois lados da fronteira, não sendo simultânea a sua abertura ao público. No Paraguai a exposição museográfica foi aberta em 1979 e no Brasil em 1987. Nesse lapso de oito anos, o museu do lado paraguaio era o único e, portanto, considerado como o Museu da Itaipu. Os visitantes que desejavam conhecer a memória da região, inclusive, no Brasil, eram direcionados, para o museu que se encontra em território paraguaio na “supercarretera” que liga Ciudad del Este e a Usina.

Alguns dos funcionários e ex-funcionários que entrevistamos participaram desde o início na construção dos museus e outros se incorporaram a eles quando estes já estavam estabelecidos. Alguns trabalharam antes como barrageiros na construção da Usina. Eles relataram parte do processo de construção dos museus a partir das suas experiências de vida dentro do cotidiano destes, mas também relacionadas com a usina, deixando perceber a estreita ligação histórica que vincula usina-museu. Depois de serem trabalhadores da usina passaram a ser trabalhadores do museu. De “pau pra toda obra” (MAZZAROLLO, 2003, p.162), como eram conhecidos os polivalentes trabalhadores da usina, passaram a serem funcionários do museu. Trajetórias de vida que os levam primeiro a participar do evento, como foi a construção da usina e depois da configuração e preservação dessa memória, no museu. Suas vidas se incorporam no processo da

memória do evento do qual foram partícipes.

Suas memórias não sempre são as mesmas memórias reveladas na exposição museográfica, que notadamente é uma fala institucional posta nas representações, para que a empresa binacional pudesse se justificar frente aos habitantes e visitantes da região. Tenta-se justificar e construir sentidos para a história da região atingida, salientando, principalmente, a “importância” da presença do estado nacional nesta fronteira e seus empreendimentos. Esta “fala” institucional, como representação das memórias regionais, tende a ser hegemônica, uma vez que inexitem outras instituições museográficas e inclusive culturais na fronteira, que de algum modo possam vir a contestar ou mostrar representações alternativas dessas memórias.

Por esse motivo, resulta pertinente trazer para a construção deste texto as memórias dos sujeitos que trabalharam tanto na usina como na coleta dos acervos museográficos, para a configuração dos cenários e das vitrines, e também atuaram na função de monitores, contribuindo para o esclarecimento das exposições com informações aos visitantes.

O que chama a atenção é que nenhum deles tem formação especializada na área da memória, ou seja, nenhum deles é “profissional da memória”. Alguns, possuem ensino básico inconcluso, não entanto, se tornam dentro do museu, profissionais autodidatas com suas deficiências mas também com habilidades que muitos acadêmicos nem sempre desenvolvem pela camisa de força em que se convertem as suas teorias. Deste modo, e a partir de sua condição, eles incorporam as suas subjetividades ao “texto” do museu e são também autores do texto, fazendo do exposto uma representação reelaborada por eles. Assim como o leitor de um texto, também o monitor do museu reinterpreta o que autor quis imprimir no texto museográfico. Isso aflora nos momentos “íntimos” entre monitor e visitantes, que as vezes vão além do discurso institucional, como veremos mais à frente nos depoimentos. Essa intimidade repentina e fugaz pode surgir no questionamento inusitado e irreverente do visitante e na resposta inédita e surpreendente do monitor.

Mesmo supervisionados e “treinados”, o “autor” institucional não dá conta de condicionar totalmente as falas dos monitores. Existem brechas, “operações quase microscópicas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do

cotidiano...” (CERTEAU, 1994, p. 40). Nessas brechas é onde as memórias ausentes assomam, trazendo à tona aquelas experiências que nem sempre estão registradas nos documentos oficiais do museu e que constituem outras percepções das representações da memória regional postas institucionalmente pelo museu.

As entrevistas me revelaram o caráter dinâmico da memória, onde “O dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou assim, o círculo dos historiadores profissionais” (NORA, 1981, p.17). Nesse sentido, como trabalhadores, numa plataforma da memória, dia após dia, repetindo os assuntos, esses sujeitos reescrevem a sua história, e a das memórias expostas no museu. No espaço que tende a reificar a memória, e com isso estabelecendo esquecimentos, eles, ex-barrageiros, com suas falas inserem, junto ao museu, memórias “microscópicas” e vívidas das mesmas representações museográficas.

No texto a seguir, tecendo os depoimentos coletados, podemos reconstituir uma visão dos museus que não é homogênea e que, de algum modo, vai mostrar certas tensões que resultam dos olhares reconstruídos nos bastidores do cotidiano deles. “Para cobrir a problemática social da memória é necessário considerar não somente o sistema (os mecanismos, os suportes / vetores / referenciais), os conteúdos (as representações) mas também incluir os agentes e suas práticas” (MENESES, 1992, p. 19). Para descobrir estes cruzamentos, os depoimentos nos fornecem outra tessitura de percepções sobre os museus e suas representações, e, portanto, é mais uma tentativa de compreender outras dimensões deles, isto é, o museu dos bastidores. Um museu que ninguém vê, não entanto, pode ser entrevistado – e ouvido - nas falas dos nossos entrevistados.

Um museu que se constitui também como um espaço onde aqueles que nele trabalham, tem suas próprias expectativas e seus próprios olhares com relação à memória ali representada. Estes trabalhadores participam sobrepondo suas visões ao discurso institucional seja na construção dos cenários, na preservação dos acervos e principalmente no momento de passar as informações ao visitante.

Neste sentido, o museu é um espaço que passa a ser um espaço plural das memórias dos seus trabalhadores, ainda que o institucional procure formatar e

reformatar a memória.²⁴

Entre o tradicional e o instituído, está o emergente, como aponta Raymond Williams ao longo das suas obras sobre estudos culturais, um dos pontos que sedimenta nossa reflexão.

Essas memórias “emergentes” são interpretadas e repensadas por aqueles que trabalham nesse espaço. Neste sentido, em cada um dos depoimentos revela-se uma outra memória do museu. Para Marcos, o museu é um espaço que basicamente está relacionado à memória do ambiente. Para Paulo, está relacionado à memória da experiência da construção da Usina (e de uma família que foi criada a partir da Obra, a família Itaipu). Para Gustavo trata-se de uma memória de resistência etno-cultural, a guarani. Para Douglas, o museu está colocado como um discurso institucional questionável sobre a memória social e como um espaço onde a fronteira está em jogo. Isto é, inexistiu um sentido único do museu. Cada sujeito o aborda de acordo com a sua experiência. Para Marcos, é memória ecológica, para Paulo, é a memória da experiência da obra, para Gustavo é etno-cultural, e para Douglas, é a memória de uma problemática; a construção da Usina e do lago e seus impactos.

O primeiro entrevistado é Marcos, cuja trajetória na região passa por agricultor, desapropriado, barrageiro e finalmente funcionário do Ecomuseu. Sua trajetória é a de alguém que, como muitos que migraram para Oeste do Paraná, vindo de Minas Gerais na esperança de “fazer a vida”. Ele chega ainda jovem a esta fronteira, especificamente na região de Guaíra, e participa junto com seus pais e irmãos do front “pioneiro” do desmatamento. Além de trabalhar nesse desmatamento de terras para sua família cultivar, também foram contratados para desmatar por empreitada para outros. Pequenos grupos familiares migrantes que na esperança de melhorar suas condições de vida, de possuir terra e poder subsistir nela, acabam servindo, em determinado momento da ocupação do território, para o árduo trabalho pioneiro de derrubar as florestas desse território, onde mais tarde serão instaladas monoculturas, ou então alagadas pela formação do lago da Itaipu.

Nasci em Minas, vim para o Paraná com seis anos de idade. Criei-me, até os nove anos de idade na região de Londrina. Depois de Londrina fomos

²⁴ Nos bastidores uma monitora paraguaia me diz “ o fantasma de Stroessner ainda ronda.” (E no Brasil? Rondam fantasmas? Uso esta expressão fantasma no sentido do residual , daquilo que era hegemônico mas ainda tem uma “presença no museu”

para Guaíra. Compramos um sitio e eu fiquei em Guaíra até os 19 anos [...] e depois comprei essa chácara em Itacorá, vim com minha esposa para Itacorá em 1969; ali tive 3 filhos, trabalhei a minha chacinha durante nove anos Quando fui indenizado pela Itaipu em novembro de 1979. (Marcos, 2010)

Muitos destes trabalhadores que vieram para abrir campos conseguiram terras e modos de vida, mas na sequência, com a implantação da monocultura, sucumbem frente aos latifúndios que se expandiram, engolindo as pequenas propriedades. Esse agricultor pioneiro acabou funcionando como “massa de manobra” no processo de abertura de terras para a exploração agrícola intensiva. Embora alguns conseguiram subsistir a essa modernização no campo, na sua maior parte, acabaram sucumbindo, vendendo compulsoriamente suas terras, no processo de expansão do capitalismo agrícola.

No caso do Marcos, que resistia a essas pressões, não foi atingindo pelo latifúndio, mas certamente pelo Estado nacional que, ao implementar a Usina, começou a desapropriar todos aqueles que habitavam a região que seria afetada pela formação do lago. Sua trajetória de vida tomou rumos e perspectivas inusitadas. Assim ele deixou de ser agricultor, migrou para a cidade de Foz do Iguaçu, onde comprou uma casa, e chegou a passar alguns meses desempregado, até que conseguiu ingressar como trabalhador braçal na Itaipu mediante uma das empreiteiras partícipes do consórcio que construiu a usina. Trabalhou durante um tempo na barragem, todavia as árduas condições de trabalho e o frio na escavação e remoção da pedra o fizeram desistir de trabalhar ali, como relata:

Mudei e comprei uma casinha no Porto Meira; naquela época era um barrão danado, recém tinha aquele conjunto Profilurb 12, não sei se você ouviu falar. Quando eu saía para pegar o ônibus no asfalto, tinha que passar por banhados; assim quando chovia se inundava tudo. Você tinha que arregaçar as calças para passar. Fiquei mais ou menos, uns três meses desempregado, e ai foi quando ingressei na Usina, entrei na ITAMON. Eu trabalhava como assessor de ar comprimido, na blindagem do poço. Trabalhei durante um ano e oito meses. Na ITAMON não me estava dando bem por causa da friagem. Então, pedi para sair. O encarregado não queria que eu saísse, porque, talvez, eu fosse um funcionário exemplar, que nunca peguei atestado, e ai ele falou: “vamos arrumar outro trabalho para você”. Aí, arrumou uma vaga na CAEBE, que era a Companhia Brasileira de Energia Elétrica, uma empresa que prestava serviço para Itaipu, terceirizada, que fazia toda a manutenção. E aí, eu conversando com esse meu encarregado, ele falou de um [nome retirado], até era meu conterrâneo, era mineiro também, e ele falou que precisava de uma pessoa

que trabalhasse, não carecia ter formatura, mas que conhecesse a região. E eu disse: “E então doutor, é comigo mesmo porque esta região eu conheço desde 1958”. (Marcos, 2010).

Contudo, devido as suas habilidades como trabalhador, foi convidado a trabalhar em programas de responsabilidade ambiental da empresa, nos quais participou em função de seu conhecimento da região, de sua flora e de sua fauna, coletando espécimes na área afetada pelo reservatório. Esses trabalhos o levam finalmente ao Ecomuseu, onde se tornou um entomólogo autodidata, produto de sua longa experiência como agricultor e depois pela experiência que passou a ter no museu, na classificação e conservação dos materiais. Além disso, Marcos se transformou num habilitado professor de campo para as crianças que participam dos programas de educação ambiental desenvolvidos pela empresa:

Comecei a trabalhar na região, a fazer trabalhos de campo, levantamentos dos pontos dos pescadores antigos. Continuei trabalhando uns dois anos e meio na CAEBE; foi quando saí nesse mês. O [nome retirado], que era o engenheiro responsável por essa área, falou: “Marcos, que você sabe fazer?” Respondi: “eu sei fazer tudo, doutor e não sei fazer nada; “de braço e algumas outras coisas, eu faço bem”. Ele já sabia que estava trabalhando com o doutor [nome retirado], picada por picada. Ele falou: “nós estamos atrás de juntar o material de onde o pessoal foi indenizado, e estamos depositando no refugio”. Então, a idéia de montar um Ecomuseu (Marcos, 2010).

Marcos é um caso de sujeito desapropriado, de algum modo “bem sucedido”, para o qual o empreendimento se constitui em mudança da sua trajetória de vida, possibilitando-lhe um outro desenvolvimento profissional e intelectual. Suas memórias talvez não estejam registradas no museu, mas as memórias do museu fazem parte das suas.

Marcos volta a fazer o caminho de volta para o mesmo território do qual uma vez tinha saído indenizado. As experiências do trabalho e as vivências da juventude nessas terras se constituíram em conhecimento útil para fazer a identificação dos lugares e as coletas dos materiais na região a ser atingida pelo alagamento. O resultado de uma relação baseada na experiência cotidiana com a natureza abre possibilidades para atuar na coleta e classificação científica da biodiversidade regional da qual, no museu, iremos encontrar amostras.

Aí ele [engenheiro] falou: “Nós precisamos fazer uma coleta na área do

reservatório. O levantamento da entomofauna. Qualquer dúvida você pergunta para mim que eu te falo. É bom fazer essa coleta para saber quantos tipos de insetos têm na área do reservatório”. E aí, começamos a coletar, que é a coisa mais gostosa do mundo. Nós saíamos na segunda-feira e retornávamos na sexta-feira à tarde. Então começamos a classificar, depois, tivemos contato com o professor Schneider, que para mim é um dos maiores entomologistas do Brasil, porque ele tem setenta e cinco mil insetos, ele tem um museu na casa dele. Ele é autodidata como eu, só que tem contato com o mundo inteiro. Ele deu palestra nos Estados Unidos, na França, ele é de origem alemã. Ele fala acho três ou quatro línguas e ele vinha para aqui e classificava o que tínhamos coletado. Ele dizia: “pega a chave, pega na chave, até que você chega na chave”. Eu sei que, no final, da história, coletou 120 espécies de borboleta, 11 subfamília. Nessa época ainda não estava alagado; quando alagou, nós ainda estávamos acampados em Santa Helena, naquela prainha de lá, quando subiu o lago. Foi rápido, todo mundo esperava de 30 a 35 dias (Marcos, 2010).

O processo que o tinha afastado do seu enraizamento, agora o traz de volta ao território sob outro olhar, não mais como agricultor, mas como alguém que se incorporou num trabalho de coleta que lhe permitiu uma relação diferente e “gostosa”, como ele mesmo diz; “E aí começamos a coletar, é a coisa mais gostosa do mundo.” A relação de agressividade e destrutiva com o meio ambiente, como agricultor pioneiro em florestas primárias, se transformou numa relação de conhecimento e preservação da natureza. Apesar que muito do que foi reconhecido nesses trabalhos de campo, estava condenado a desaparecimento pelas águas, para Marcos, tratava-se de um novo entendimento da e para sua vida.

Aos poucos, dia após dia de trabalho, nosso entrevistado foi construindo uma profissionalização gradativa nas experiências de campo, nos laboratórios e na classificação dos acervos coletados. Aos poucos, ele vai fazendo seu currículo como autodidata tanto nos trabalhos de resgate e no museu, o qual passou a se constituir numa “academia” alternativa. Nessa perspectiva, o museu, mesmo antes de ser aberto, já começava a ser para ele um espaço educativo e criativo, ou seja, um laboratório da história da natureza. Soma-se, também, o contato com alguns especialistas, que percebendo suas habilidades e desejos de crescimento profissional, lhe forneceram conhecimentos que, finalmente, fizeram dele alguém capacitado na área da entomologia.

O meio ambiente, para Marcos, passou por uma grande mudança de significados, como veremos à frente. O que importante perceber, neste ponto, é que a agressão causada pelo alagamento não foi vista como algo notadamente negativo. A implantação

da usina foi percebida como algo útil ao desenvolvimento do país, algo assim como um sacrifício necessário, onde o trabalho de coleta e salvamento dos espécimes faria parte de um processo tão natural como o desenvolvimento. Os sentidos da implantação da Usina e suas justificativas foram bastante naturalizados perante o público, como também, pouco problematizados por quem participou da sua construção.

No depoimento, Marcos se refere com muita insistência à sua participação na operação *Mymba-Kuera*.

Aí, foi também outra coisa gostosa da qual eu participei e não registrei: era a operação *Mymba-Kuera*, que quer dizer em Tupi-guarani operação “pega-bicho”. Eu participei desse resgate. Os bichos ficavam nas águas. A vezes aparecia um monte de cisos rodando lá no rio e você, desde o barco enxergava rolos de cascavel. Nós fizemos um treinamento com o pessoal do Butantã, para saber como manejar animais peçonhentos, e aí, eu fui gostando da coisa e falei: “acho que vou me aposentar por aqui mesmo”. (Marcos, 2010).

Nas suas memórias Marcos conserva as imagens dessa operação, que foi uma última tentativa, por parte do empreendimento, para amenizar o impacto da subida das águas, pelo menos, para parte da fauna. Talvez uma mínima parte, uma vez que as águas subiram muito mais rápido do esperado, como disse Marcos “Foi rápido. Todo mundo esperava de 30 a 35 dias”. Além disso, as dimensões das áreas exigiam uma infraestrutura maior de salvamento. “Seria necessário um exército inteiro para evitar uma mortandade em grau tão elevado”, comentava Cláudio Araújo, biólogo e antropólogo que veio do Rio de Janeiro só para acompanhar este processo. (MAZZAROLLO, 2003, p. 181).

Para Marcos o processo devastador sobre o meio ambiente pela ação do homem é sempre preocupante. Tendo participado nos primeiros anos da sua vida sob as ordens do seu pai e junto com seus irmãos, do desmatamento das florestas no Alto Paraná, e depois das coletas e salvamentos do empreendimento da usina, as viradas em sua trajetória o levaram a desenvolver uma consciência em torno do meio ambiente que lhe possibilita constituir-se em instrutor de educação ambiental. Se os trabalhos de preparação do museu passam a ser a escola que lhe ministra esse conhecimento, é o museu também o *locus* onde, depois, passa a compartilhar esses conhecimentos. Marcos é um dos sujeitos que vai catalisar e promover para que o Ecomuseu possa ser um museu participante na comunidade, uma vez que ele é um funcionário nativo, um sujeito

do entorno afetado, para o qual o museu vai ser realmente uma plataforma de conhecimento da região, de crescimento pessoal e de preservação da memória regional. Não entanto, esses detalhes que ele nos revela no seu depoimento, nem todos fazem parte da exposição ou não estão visíveis, não, ao menos, com essa didática ecológica, nem com essas estruturas de sentimento, que aparecem quando ele fala do passado da região sob ação da expansão do capitalismo agrário do qual participou. Ele relatou ainda sobre a magnífica diversidade florestal da bacia do Alto Paraná e também a encarniçada ação da indústria madeireira na sua ação destruidora da natureza:

Tinha peroba, que hoje você quase não vê mais, ipê, você quase não vê mais, cedro, que era a coisa mais linda, tinha cedro que três ou quatro homens não conseguiriam abraçar. Tinha marfim e tinha a [...] uma madeira muito boa, e diversas espécies de madeira de lei, fora da Imbuia. A Imbuia você não escuta nem falar mais, esta acabada. Era mata bem fechada, era uma selva, essa era a região da mata atlântica, tudo mata levantada onde dava peroba, cedro, machipe, tudo madeira de lei. Naquele ano, em 56, Guaíra tinha 23 serrarias, 22 laminadoras, que faziam lâmina. Aquilo era que nem corvo atrás de carniça, a vezes tinha um restolhinho de mato lá, os caras perguntava:que valia? A vezes, a pessoa estava precisando de um troquinho. Depois fico pensando, puxa, 150, 200 anos levou uma árvore dessas, ai, você chega lá com motosserra em 10 minutos derruba! Hoje se não tiver quem brigue lá em cima, nossa Amazônia também está indo para o saco. Uma árvore dessas tem muita biodiversidade, tem várias espécies de insetos como tantos outros tipos de plantinhas, que vivem sobre ela, são epífitas, quantas não vivem nela! (MARCOS,2010)

A rigor, ele tem noção de que uma árvore é mais do que uma espécie, ele vê e sabe que uma árvore em si constitui todo um ecossistema no qual habitam muitos outros seres e que quando se derruba uma árvore está se eliminando o habitat de outras espécies. Uma árvore é uma “casa de casas”, um grande prédio com muitos andares, construído durante décadas ou centenas de anos, e que as motosserras em alguns instantes, conseguiam derrubar, como ficou claro nos relatos de Marcos. De tal modo, essa consciência ecológica que ele adquire, durante o processo da construção da Usina e suas sequelas, contrasta com a experiência anterior dele como agricultor.

Eu preservei isso por que a gente tinha a terra lá em Guaíra , onde trabalhava com meu pai, o desmatamento começou aqui na década de 70. Nós cinco tínhamos pouco terreno desmatado. Eu me lembro que meu pai falava em 46, 50, em 55 meu pai falava assim: “a gente não pode derrubar lá até na beira do rio, tem que deixar uma parte

da beira do rio”, nós deixávamos, o outro derrubava até lá na beira do rio, aproveitava tudo. Nós não tínhamos muita terra destocada em aquela época, já tínhamos umas vaquinhas de leite para o consumo. Trabalhávamos mais com soja, milho, arroz, feijão que eram plantados na máquina [manual] e colhidos com foicinha e então quando chegou a destoca meu pai falou assim, de repente: “vamos deixar essa e essa vaca aqui só! paga ai pra destocar! vamos queimar!”. Nós tínhamos um chiqueiro de porcos, onde tínhamos bastantes porcos, metemos a esteira velha, puxou todo lá pra baixo, vamos destocar! Destoco então, até lá, na beira do rio! (Marcos, 2010)

Do outro lado do rio, lado paraguaio, temos a história de vida de outro ex-barrageiro da Itaipu, desta vez nascido no Paraguai e cuja história corre paralela à do depoente brasileiro, também ex-barrageiro.

Gustavo foi funcionário desde 1976 do museu do lado paraguaio, no setor que se encarrega tanto da coleta de acervos como da montagem do museu. Trata-se de um sujeito para o qual o museu foi também uma escola. O contato com as equipes profissionais que trabalhavam nos estudos prévios ao museu, fizeram dele um autodidata na área da restauração e classificação arqueológica.

Hoje ele está aposentado, depois de várias décadas dedicadas ao museu paraguaio. Quando conversamos, percebe-se o forte vínculo afetivo que guarda com o museu. Até meses atrás ele era convidado pelo mesmo museu para participar de seus encontros e projetos. Num desses encontros tive a oportunidade de conhecê-lo e solicitar uma entrevista, a qual ele gentilmente me concedeu no inverno de 2009, na sua casa em Ciudad del Este.

Cheguei cedo e fui recebido calorosamente por ele e sua esposa com beiju e *mate cocido*. Após uma aula sobre o preparo do beiju iniciamos uma longa e rica entrevista, na qual, além do seu trabalho e das problemáticas do museu, vai se referir também ao entorno deste. Seu depoimento percorre diversas memórias que lidam com; o desmatamento da região, a presença dos indígenas Guarani, a colonização dos brasiguaios e os impactos ecológicos da monocultura sobre o meio ambiente e as comunidades indígenas. Como um dos funcionários pioneiros do museu, ele se mostra um tanto quanto inconformado com as mudanças do museu. Gustavo pondera que a cada reforma se perde um pouco da memória regional, e inclusive que o museu mesmo perde a sua memória. Para ele o museu não teria que ser reformado, apenas incrementado. Em

certo momento do depoimento até lança uma dúvida; de que todo o acervo que foi coletado ainda exista em algum depósito da Itaipu. Seu olhar é bastante crítico e nos diz que sua fala não será mais como funcionário, mas como cidadão paraguaio.

Gustavo nasceu em 1940 e viveu numa pequena cidade ao sul do Paraguai até os 20 anos. Ele veio com um dos primeiros grupos de paraguaios para colonizar o Alto Paraná, ou seja, as terras que o governo paraguaio estava oferecendo. Na mesma época começou a se construir a ponte internacional que une Brasil e Paraguai, a Ponte da Amizade. A região, segundo ele, era “selva virgen”, apenas havia a recém aberta estrada até Asunción que em boa parte era de terra. Gustavo se estabeleceu no quilometro quatorze e começou a desmatar, entre os rios Acaray e Monday, aquilo que ele denomina uma “mesopotâmia” formada por estes dois afluentes do rio Paraná.

Comenta que neste processo de colonização cada um trabalhava para obter sua parcela de terra. No início, se tratava de uma grande luta nessas condições adversas, e assim que foi possível construía suas vivendas precárias. Ao sistema de trabalho solidário, onde uns ajudam os outros de acordo com as necessidades, eles chamam “minga”²⁵.

Comenzamos a desmontar, el desmonte significa primero entrar a limpiar con el machete los árboles pequeños, arbustos, terminado ese trabajo comienza la talación de arboles grandes, pero cuando de esa época nosotros no poseíamos suficientes herramientas, y solamente utilizamos el hacha y el machete. Y con la hacha volteábamos grandes árboles. Los árboles eran enormes podíamos visualizar árboles de cincuenta metros de altura. En ese desmonte, una vez que secan las ramas se le prende fuego y después se acomoda las ramas que quemaron y entre eso, que queda limpio se va cultivando el maíz, el poroto y otros comestibles. Porque la mandioca que es el primer alimento del Paraguay, no se podía cultivar, por las raíces de los árboles que aún estaban vivas. Y después de algunos años, cuatro, cinco, seis años, cuando mueren las raíces ya se puede plantar mandioca (Gustavo, 2009).

Esta parte do relato nos lembra a experiência de Marcos na outra margem, rio acima. As memórias iniciais são justamente essas, a de territórios de florestas primárias com uma grande biodiversidade e nas quais chegam grupos de cada país, para abrir campo para cultivos de subsistência, com técnicas bastante semelhantes aos dos indígenas, como a da coivara. Com a grande diferença que os indígenas abriam apenas o espaço necessário para sua subsistência e assim como a terra dava sinais de esgotamento, era abandonada para se recompor naturalmente. Já as colonizações das

²⁵ Mutirão

quais tanto Marcos como Gustavo nos trazem à memória, são colonizações de frentes pioneiras de pequenos agricultores, a maioria posseiros, que na década de 1950 abrem terras para si mesmos, inicialmente, para estabelecer culturas e criações definitivas, onde a floresta acaba por desaparecer permanente. Com a chegada de outras levas de migrantes, no geral de ascendência européia, tanto para o Oeste do Paraná como o Leste do Paraguai, o desmatamento passa a ser muito mais agressivo, e no lugar de facão e machado, como comentam nossos entrevistados, será usado o “correntão” puxado por tratores de esteira.

Gustavo comenta que nessa época, em torno da Ponte Internacional, isto é, na atual Cidade del Este, não havia mais do que o galpão dos trabalhadores que atuavam na construção da ponte da Amizade. No caso, para se abastecer de alimentos, precisavam deslocar-se até a cidade de Presidente Franco, mais próxima da foz do rio Iguaçu, de onde atravessavam o rio Paraná em balsas para Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazu. (Argentina) à procura de mantimentos²⁶. Nesses trajetos, segundo ele, se deparavam com a frequente presença de indígenas guaraní.

En esos trayectos nosotros constantemente nos encontrábamos con los indígenas. En esa época ellos poblaban esta región. Son dos parcialidades muy marcados; los Ava-Guarani y los Mbya Guarani. Los Mbya Guarani fue introducido en esta región, que es territorio de los Ava-Guarani. Los Mbya- Guarani fueron introducidos en esta región por el científico Bertoni, que es territorio de los Ava-Guarani. Las únicas familias Mbya que encontramos en el Alto Paraná son aquellas que están afincadas en la reserva Moisés Bertoni. Esta región es de los Ava. Ellos son gentes muy sencillas, vivían de la caza, de la pesca, y de la recolección. La pesca abundaba, la caza abundaba, las frutas silvestres también abundantes y otros elementos que ellos los tenían todos gratis, por ejemplo el combustible que era la leña. Entonces ellos vivían muy bien, muy bien alimentados eran fornidos y muy diestros, muy hábiles para correr por el monte, trajinar por los montes. Corrían como si fuese en campo abierto, esquivando las malezas, una gran destreza corporal. Yo aprendí también, después ellos me enseñaron a cazar. En aquella época abundaba en el monte el tapir, en guarani es boreri, en Brasil le llaman anta. Después está el yaguar, que aquí nosotros le llamamos el tigre americano, esta también el venado, de muchos tamaños y también varios chanchos como el jabalí que es el de tamaño más grande (Gustavo, 2009).

E continua listando uma grande diversidade de espécimes que existiam neste

²⁶ Área onde hoje estão os marcos das três fronteiras.

território há meio século e das quais hoje boa parte se encontram extintas, assim como também se encontram os povos da floresta que dependiam desses ecossistemas atualmente destruídos pela implantação das monoculturas. A imagem do indígena “fornido”, bem alimentado, choca com a imagem de subnutrido e faminto que encontramos atualmente circulando nas ruas das cidades desta fronteira.

Até aqui, esta experiência vivida nas matas do Alto Paraná por Gustavo, como por Marcos, foram fundamentais no trabalho e nas funções que eles irão desempenhar uma vez incorporados aos museus. Gustavo aprendeu com os guaranis sobre a fauna e também sobre seus modos de vida, já Marcos no processo de colonização conhece e aprende sobre a flora e os insetos da mesma região, mas em diferentes margens do rio. Os dois passam por uma escola *in loco* que os habilitaram a se desempenhar com grande habilidade nas suas funções dentro dos museus e contribuíram no cotidiano deles a configurar os acervos e explicar aos visitantes, com conhecimento de causa, sobre os objetos ali expostos. Para muitas crianças e visitantes eles são os “professores” dos museus.

Gustavo comentou que em determinado momento desse cotidiano adverso, dessa primeira fase na fronteira, ele repensou seu destino. A vida dura enfrentada nesse projeto de colonização e sem muito retorno fez com que pensasse em outro futuro:

Después de tres años de estar trabajando aquí, entendí que me había lanzado a la aventura. Pensé un día y volví a mi ciudad para proseguir mis estudios. Ahí me fui a Asunción y estudié con los Jesuitas, que me enviaron tres años a Uruguay y después otros tres a Corrientes, en Argentina, con mira hacia la vida sacerdotal (Gustavo, 2009).

Vinculado aos Jesuítas, sendo músico intérprete do violão e da harpa paraguaia, passou a participar de um grupo de jovens católicos que, através da música, procuram propagar sua fé. Neste grupo, Gustavo tem a oportunidade de conhecer e se apresentar em diversos países da América Latina, como Argentina, Chile, Brasil, Colômbia, Equador e Venezuela, entre outros. Voltando de uma dessas excursões, decide se casar formar família, abandonando a possibilidade de uma vida monástica. Nessa condição, foi preciso buscar novas frentes para realizar sua vida junto à família em formação. Para ele, como para muitos paraguaios, o início das obras da usina de Itaipu passou a ser também uma possibilidade de construir suas vidas. Então, ele voltou de novo à fronteira para tentar a

vida. Curiosamente não ingressa na Itaipu, pelo lado paraguaio, mas pelo lado brasileiro:

Al comienzo yo ingresé en el lado brasileño, en la compañía UNICOM. Trabajé allá en la excavación a 92 metros de profundidad como encofradista, y carpintero. Fue hecho un canal de desvío profundo a nivel del lecho del río Paraná, por donde una vez se va a cerrar el original para correr el río por el desvío del canal. Trabajé 10 meses, trabajé muy duro, frío y calor, me tocarón los dos. Cuando salí del frío entramos al calor, y es un calor desesperante porque es piedra y la piedra caliente mucho y somos como 40.000 obreros trabajando: brasileros, uruguayos, argentinos y paraguayos. Pero siendo muchos paraguayos y pocos brasileros. Después renuncié a mi trabajo y busqué ingresar al lado paraguayo. (Gustavo, 2009).

Com este objetivo, Gustavo comentou que fez uma carta solicitando ser contratado para trabalhar no projeto do museu. Nessa carta ele fez questão de comentar sua experiência pela América Latina e como ele conheceu diversos museus nas principais cidades latino-americanas. Anexou, nessa solicitação de trabalho, algumas fotografias suas visitando esses museus, como parte do registro de seu currículo. Com relação aos museus que visitou, nos diz:

Los museos de Colombia y Brasil son muy buenos y en ellos aprendí lo que es la evolución del hombre, si usted es un buen observador, usted va a ver el museo como un libro que se abre, ahí ve como alguien que te habla, en un ánfora el hombre plasma su espíritu y traigo eso a mi conocimiento y valoro, eso es, que como si me estuviera hablando (Gustavo, 2009).

Ele foi, então, contratado e passou a acompanhar a equipe encarregada da coleta arqueológica e antropológica. Suas habilidades no mato, apreendidas junto aos Guarani na sua primeira estadia na região, comentada acima, passavam também a potencializar seu desempenho dentro do processo do museu.

Justamente el museo se organizó para guardar todos los elementos históricos, las herramientas que utilizaban los primeros colonos, las herramientas que usaban los nativos para la cacería y para sus cultivos. Las medicinas que usaban los indígenas. Nuestro trabajo es preparar el museo, sus vitrinas. Yo hice varios cursos de arqueología dictados por arqueólogos brasileros y argentinos. (Gustavo, 2009)

Quando questionado sobre a visibilidade dos Guarani dentro do museu, ele nós diz, que isso se deve, em boa parte, ao fato de que, na direção da equipe que fez os estudos

prévios ao museu, existia uma convicção de que o Guaraní precisava ser valorizado. Segundo suas palavras: *“Gerado Fogel, el director de este equipo, era un profesional muy bien preparado, él que enfoca de esa forma la creación del museo.”*(Gustavo, 2009)

Quando nosso entrevistado ingressou na parte paraguaia da entidade binacional, passou a integrar a equipe do museu, com a qual colaborou desde a coleta e restauração arqueológica até na configuração do espaço museográfico, e depois no atendimento aos visitantes.

Através de sua história de vida, Gustavo deixa transparecer diversas questões que o preocupam, das quais se sobressaem duas: primeiramente, o fato de que a memória sobre os temas da realidade socioambiental sejam expostos apenas até certo ponto, sem informar, a quem visita o museu, sobre as causas ou os agentes que provocaram a tragédia ecológica que hoje o ecossistema do Alto Paraná vivencia, e que atinge também seus habitantes originais, os Guaraní; em segundo lugar, o encobrimento das problemáticas socio-históricas por uma problemática ecológica, que se limita ao mero preservacionismo, sem ter em conta as causas mais impactantes do “ecocídio” realizado na fronteira dos territórios argentino, brasileiro e paraguaio, na região da bacia do Alto Paraná.

Cada río o cada arroyo tiene una faja protectora; internacionalmente tiene que ser respetada. Por ejemplo, en la industria sojera, un dueño, solamente, un dueño brasileiro, que se llama La Fortuna, a ochenta kilómetros de acá, solamente un dueño tiene 35.000 hectáreas de soja, pagando al policía paraguayo para cuidar eso; entonces el paraguayo que iba a buscar miel silvestre en la región del Monday, río que cae al Paraná, en toda esa región está prohibido, la cacería [de subsistencia] está prohibida, porque allá hay más que plantaciones de soja, hay plantaciones de marihuana. El avión está haciendo su fumigación al sojal, echando casi 20 metros la fumigación, viene como lluvia y ahí está el río Monday a mil metros viene... tuuuuuuu... tuu... y al llegar al río da su vuelta, esta lluvia por la inercia va y cae allá en el río Monday, todo contaminado, los insectos beneficiosos al hombre, que son los que fabrican miel silvestre. Fíjese el desastre ecológico.(Gustavo, 2009)

Gustavo identifica claramente a fronteira que existe na memória da exposição museográfica e nos diz: *“el museo no llega a ello”*. De algum modo existe um limite, uma fronteira além da fronteira nacional, que o impede de chegar à possibilidade de mostrar.

Al comienzo había en el museo una gran fotografía de 2 metros por 2 metros, una fotografía satelital [que no está más en exposición] y cuando yo comencé a mostrar el ecocidio, cómo los brasileiros... Por ejemplo, aquí está el río Acaray que tiene una faja de mata de ambos lados, ellos voltean las matas hasta la barranca y meten el arado

hasta el barranco y cultivan la soja desde el barranco del Acaray, esta faja protectora ya no existe. El declive siempre va hacia el río. La tierra, la erosión, todos los venenos del sojal los deposita en el río. Eso ES, el llamado, ecocidio! (Gustavo, 2009)

Também se fazem presentes, nas declarações de nosso entrevistado, as críticas pela omissão de certos temas na exposição do museu que ele considera fundamentais. Por exemplo, a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, tema muito presente na memória e na historiografia paraguaia. Isso se evidencia na sua fala, quando afirma que *“no aparecen referencias de la Triple Alianza por la política del Brasil que no le interesa eso. El Paraguay las tiene en otro museo, pero no aquí... aquí eso se apaga”*. Mais adiante, se refere, dentre outros, ao tema das Reduções Jesuítico-Guaranis, outro significativo referencial do passado na historiografia da fronteira:

Ahí abajo está uno de los asentamientos jesuíticos más importantes que se llama Nuestra Señora del Acaray... apenas se sacaron algunos elementos que no sé si están todavía en el museo, que son de ese lugar. Yo invité a varios jesuitas, para ver, incluso hasta hoy conozco esos lugares. Aún se puede ir a mil metros de ese lugar y evidenciar, aún hay posibilidad de hacer un trabajo (Gustavo, 2009).

Finalmente, sobre o “ecocídio”, Gustavo destaca o grave contraste que existe entre uma educação ambiental para a preservação do meio e a realidade presente nas terras desmatadas da região:

En los libros didácticos que aquí se estudia se intensifican en el estudio de ciencias naturales, por ejemplo el comportamiento climático, la importancia del agua pura, el reciclaje, la basura y la contaminación, pero hay mucha contradicción, imagínese que en este momento tuviéramos un helicóptero, en media hora te mostraría el horror causado por los sojero brasileños. (Gustavo, 2009)

Nessa fala, ele destaca essa contradição que se torna mais evidente quando analisamos o discurso ecológico do Museu e a realidade que o rodeia. Na exposição são tratados problemas para o meio ambiente, como o lixo e sua reciclagem, mas, segundo ele, não seriam esses os reais problemas ecológicos que afetam esta região. O posicionamento de Gustavo, a esse respeito, deixa claro que o principal problema que existe é o impacto devastador causado pela implantação dos cultivos da soja em grande escala. A maior parte da faixa oriental do Paraguai, onde se encontram os melhores solos, foi desmatada num breve lapso de tempo, provocando um dos maiores “ecocídios” das

matas subtropicais da América do Sul. Ou seja, um rico ecossistema foi exterminado com rapidez, se comparado à longa duração dos tempos biológicos de formação e existência destas matas do Alto Paraná. A curta duração do tempo de destruição é infinitamente pequena ao tempo de formação da floresta e seus solos.

Esta contradição mostra que, se por um lado o museu incita à preservação da natureza, por outro, não se explicitam as causas principais que estão afetando a preservação deste ecossistema. Sabe-se, no museu, que alguém ou algo está morrendo, mas não se diz quem está matando.

Percebe-se que tanto Gustavo como Marcos mostram maior empatia com antigas exposições do que com as atuais. Seja porque eles participaram delas, da sua configuração e então passam a guardar laços afetivos maiores, seja porque as exposições anteriores guardavam referenciais mais regionais que as atuais. Gustavo, inclusive, afirma que na última exposição foram incluídos materiais arqueológicos que não pertencem a esta região. Já Marcos comentou no seu depoimento, referindo-se à reforma do ecomuseu: “Foi uma mudança grande, mas eu até hoje sou do museu antigo; era mais bonito que hoje”.(MARCOS,2010)

O que nos parece importante problematizar é como a historicidade inicial do museu vai desaparecendo, segundo o olhar dos entrevistados. Como cada reforma apaga o anterior. Como o palimpsesto museográfico vai sendo reescrito – e relido. Nos documentos a que tivemos acesso nos museus não encontramos registros nem documentação que nos revelassem essas transformações de maneira sistematizada. As mudanças não são registradas, a não ser na memória destes sujeitos de bastidores. A instituição da memória não é ciente da sua própria memória. É um paradoxo institucional. De um lado se fazem esforços por guardar e preservar a memória do entorno do museu, mas a memória interna deste vai se apagando a cada reforma. Uma memória das reformas que de algum modo estão atreladas ao processo histórico-político de cada país, como pudemos perceber ao analisar os históricos dos museus, nos folhetos institucionais. Veremos isso, também, logo na sequência, nas memórias trazidas por Paulo.

Para o Paulo, outro funcionário do museu brasileiro, a experiência com o empreendimento se deu de forma diversa. Quando a obra foi iniciada ele não se encontrava no raio da área afetada pelo alagamento, mas numa região próxima do mesmo Estado.

Eu sou de uma família bem pobre até. Na verdade eu nasci na Argentina, meu pai é gaúcho, e travessou o Rio Grande do Sul pelo rio Uruguai. Eu sou documentado no Rio Grande do Sul, mas me considero um paranaense. Nasci em Colonia Alto Alice, Argentina, fica perto de Misiones, mas eu sou natural de Horizontina, Rio Grande do Sul. Mas eu sou um verdadeiro paranaense, eu sou fã. E então eu lembro muito bem quando iniciou a obra. Eu morava em Santo Antônio do Oeste, Paraná, também a 400 quilômetros daqui, e o povo dizia pra mim: “nós vamos ainda trabalhar nessa Itaipu”. Minha mãe achava assim coisa absurda: “Deus me livre! onde se viu trabalhar num lugar desses que morre tanta gente, por que a gente escutava até no radio da época quando estrondava, quando soltava rojões, detonando lá, a dinamite, aquilo no Radio era impressionante”. Então, no final das contas acabamos vindo embora e nós os três irmãos, trabalhamos na Itaipu, na época UNICOM. Então, foi assim, uma coisa que ela totalmente não queria, graças a deus a gente veio, porque nós conseguimos adquirir muita coisa e vimos muitos problemas também, mas tudo o que eu tenho agradeço a essa obra aí, porque tudo eu consegui aqui, família tudo, tudo, tudo (PAULO, 2010).

A rigor, Paulo é um típico fronteiriço, que nasce em território argentino, na província de Misiones e cresce no Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul. O rádio é o que vai servir como meio para se informar sobre a construção da barragem

A trajetória de Paulo se parece um pouco com a de Marcos, no sentido em que ambos foram reaproveitados na dança das empreiteiras, sendo a Itaipu uma obra pública licitada, que foi executada por um consórcio de empresas privadas que contratavam seus funcionários por prazos determinados. Ao final desses prazos, grandes levas de funcionários ficavam desempregados e voltavam a ser contratados por outra empresa, do mesmo consórcio. Essas eram estratégias perversas de contratação de trabalhadores que permitiam ao capital privado manipular os vínculos com os barrageiros, evitando criar laços duradouros que onerassem essas empresas.

Estas empreiteiras usavam o prédio, onde funciona atualmente o Ecomuseu, como sede para seus departamentos encarregados da parte logística e o recrutamento dos trabalhadores. Por ali desfilaram boa parte dos 30.000 homens para serem “fichados”. Parte destes, recrutados em diversas regiões do Brasil, eram levados em comboios até Foz do Iguaçu. Outros viriam por sua conta não somente do Brasil, mas de outros países vizinhos.²⁷

²⁷ Dois de nossos entrevistados paraguaios ingressaram pelo lado brasileiro, mesmo que do lado paraguaio existisse também um centro de recrutamento. Eles comentam que do lado paraguaio o ingresso estava condicionado muitas vezes ao proselitismo político.

Os homens vinham na frente, deixando a família à espera que o emprego estivesse garantido. Na estação rodoviária de Foz do Iguaçu diariamente pulavam homens de todos os traços raciais encontrados nas diversas regiões do país. Junto à pobre mochila, cada um levava a promessa e o sonho de “fichar na Itaipu”, como diziam” (MAZZAROLLO, 2003, p.163).

Justamente era neste prédio que os sonhos se realizavam ou desmanchavam. A demanda de trabalhadores variava de acordo com a intensidade e fase da obra, assim como com os critérios de seleção. No geral, apenas a metade conseguia ser contratada, uma vez que a oferta chegava a ser maior que a demanda de trabalhadores, tal foi afluência de pessoas a Foz do Iguaçu. Dentre os que não conseguiam serem “fichados”, alguns deles trabalharam nas obras de infra-estrutura da cidade e na construção civil, uma vez que aconteceu o “boom” de especulação imobiliária na cidade, quadruplicando o número de construções que existiam antes da usina, nas duas cidades dos dois lados da fronteira, como também, paralelamente à Itaipu, se desenvolveu o fenômeno do comércio fronteiro de eletro-eletrônicos, considerado no seu auge como um dos maiores do mundo. Por ser um local em que apenas se contratava funcionários, o prédio estava localizado na parte externa da área de segurança da Usina .

O prédio do Ecomuseu é de uma planta só, e possui um formato que se assemelha a vários “Y” colados numa das suas pontas, como já assinalamos. Cada ponta constituía uma ala. Uma ou várias dessas alas eram usadas por cada uma das empreiteiras. Após 1982, começa o processo de demissão em massa de boa parte dos trabalhadores, “quando o grosso das obras de construção civil estava em fase de conclusão” (MAZZAROLLO, 2003, p.170). Cinco anos mais tarde, em 1987, o Ecomuseu foi inaugurado.

Sobre o prédio Paulo comenta:

[O prédio] traz as origens dele. Ele traz uma história, mas, se modernizou um pouco, até porque ele ampliou, ficou maior. Agora vai passar por outra restauração. Na verdade, de grande reforma assim é a segunda desde quando parou de ser o grande recrutamento onde fichavam os funcionários, aí ele teve uma reforma, uma mudança para ser museu. Agora seria uma terceira reforma. (PAULO, 2010)

Para Paulo, portanto, a memória do museu se iniciou na época em que o prédio era o local de recrutamento; sua memória começa ali, onde, inclusive, ele mesmo foi contratado, junto com seus irmãos, para trabalhar na obra. Isto é, o prédio atual do Ecomuseu foi sua porta de entrada como barrageiro na Itaipu Binacional e está sendo o

local onde possivelmente vai se aposentar, como Marcos, que se aposenta ainda esse ano (2011). Contudo, o prédio ainda continua ali carregado de memórias. Aliás a memória desse processo de transformação do prédio está omitida e ausente da exposição, e muita dessa memória foi apagada ao se construir um lugar para a memória. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea...” (NORA, 1981, p.13). E aí, se constroem algumas memórias, destruindo-se outras.

Nas falas de Paulo, ficou claro que, para ele o conteúdo museográfico do Ecomuseu deveria estar vinculado à memória da obra. Na entrevista ele falou com insistência do processo da obra, dos trabalhos faraônicos, comentou alguma coisa sobre acidentes, a memória dos trabalhadores e sua valorização, como também de alguns objetos da obra que passaram a fazer parte do acervo do museu graças à sua intervenção pessoal. Nesse sentido, Paulo guardou e deixou perceber uma ligação afetiva muito forte com o museu.

Eu vim para o Ecomuseu através de uma “colegagem”. Eu sempre gostei de fazer o melhor e alguém viu esse potencial em mim e falou: “não, teu lugar, é lá”. E eu tenho paixão por onde estou. Eu faço as coisas sorrindo porque amo o que eu faço. Sempre digo que me considero peça do museu porque tudo o que tem de coisa antiga eu quero cuidar mais, incrementar mais, porque penso que se alguém não tivesse cuidado, preservado não teria museu hoje. Então, eu tenho muitas coisas em casa que guardo. Eu tenho em casa radiola, aqueles serrotes antigos, coisas tremendas E tem uma dessas coisas que era meu sonho, era esse barco, porque esse barco foi o primeiro barco que a Itaipu comprou. Nele os guardas da Itaipu faziam a fiscalização, mas naquela época ainda não era lago, era o rio Paraná, aquele cuidado de transportar, piquetear, até onde iria o lago. Também trabalhava com o pessoal da indenização. Até cemitério foi transportado de um lugar para outro, usando esse barco como locomoção de contato. Teve muito trabalho. Então, ai de repente que eu vi esse barco, no ferro velho a venda para sucata. Fui procurar saber a situação e diz: “não, o que isso? Procurei a Chefia. O [nome retirado] na época falou: “Paulo, mas pelo amor de deus!! Isso tem que ir para o museu!!”. O Caminhão também, esse caminhão eles compraram, trouxeram esse caminhão. É que você observa isso, e aquilo fala com aquele tempo, fala sim. Por que não preservar? Agora vão fazer um telhado em cima para que dure mais. Do Barco, a segurança empresarial deve ter todo o histórico dele, data em que foi feito, como Itaipu comprou, tudo, tudo, tudo. Esse era o meio de locomoção deles. Tem tudo, eles devem ter um arquivo muito grande sobre aquele barco. Por exemplo, aquela pá, você viu aquela pá. As vezes eu vi o turista falar, e o monitor falar eu ficava assim, com aquela vontade de falar o certo²⁸, mas no podia

²⁸ Conflito de memórias, entre o representado pelo museu e o vivido pelo trabalhador, como o museu não

porque no momento não era possível. Aquela pá, no forte da época da obra, a UNICON, União das Construtoras Limitada, a empresa, comprou uma pá muito grande que viera da Alemanha, uma carregadeira. Ela veio com duas pá, essa pá que carrega pedra bruta, e uma pá que carrega pedra beneficiada, o que ocorreu, que aquela época não estava, mas me contaram, a origem da coisa; tinha uma balsa para ir ao Paraguai para fazer um trabalho, levaram a outra pá, porque detonavam muita rocha naquela época. Dizem que detonavam grande quantia de rocha, e então deu uma maré e pranchou; virou, caiu a pá dentro do rio, e ai não sei por que, não compensava retirar, ai eu vendo essa pá que sobreviveu na área industrial, fomos buscar a situação, foi o que sobrou da carregadeira que caiu no lago, 8100 quilos pesa só a pá, então imagina o tamanho dessa; segundo o que me contaram 60.000 quilos era o peso dela, e ela erguia trinta, então são todas coisas monstruosas, que vale a pena termos no museu (PAULO, 2010).

Um aspecto interessante que Paulo aponta, e que mostra a sua compreensão da historicidade do museu, de sua relação direta com a Usina e ao mesmo tempo com a história política do país, é quando se refere ao Painel dos Trabalhadores. Trata-se, como já descrevemos no segundo capítulo sobre o Ecomuseu, de um painel composto por mais de 3.000 fotos 3X4 dos trabalhadores que participaram da obra. Quando esse mosaico de fotos é visto a certa distancia, é possível visualizar a barragem, mas quando o observador aproxima-se, pode enxergar apenas os rostos dos trabalhadores, constituindo assim este efeito visual uma interessante homenagem aos que realizaram a obra. No meio do painel se encontra um monitor de TV, apresentando entrevistas com estes mesmos trabalhadores, sendo que a cada novo período político do país aparece o respectivo diretor.

Eu, sou um dos trinta homenageados, que fala no vídeo. Então, eu já sendo Itaipu, eu tenho uma história bem antiga. Então o pessoal do museu resolveu me eleger como um dos homenageados. Só que uns contam histórias que outros não contam, mesmo assim, eu estou ali. Isso é um privilegio porque há tanta gente até melhor do que eu e que não estão ali no painel.

Aquela foi uma entrevista, mais ou menos como esta aqui, contando a origem, contando por que veio, por que não, por que sim e por que chegamos ali. Essas entrevistas estão guardadas, agora vão ser restauradas, talvez vão tirar uns e colocar outros, colocar nosso diretor atual, o Samek. Então, vai ter alguma arrumação. Mas o vídeo vai rodar! (PAULO, 2010)

A cada fase e reforma do museu, a memória é “atualizada”. Em cada atualização o museu nos lembra o palimpsesto; no qual em função do poder reinante se desmancha o que estava registrado para se colocar novos registros. O que estava é apagado pela tinta do presente.

Preservar o passado é também preservar o presente institucional, ou pelo menos os sentidos que constituem seu presente. A memória representada nestes museus institucionais se debate entre o presente e o passado institucional. Uma historicidade que permeia o processo museográfico das re-apresentações do passado. A trajetória histórica da Itaipu Binacional é ao mesmo tempo uma história latino-americana, duas histórias nacionais e a história de uma região de fronteira. Uma história que se atualiza, que se “arruma” a cada mudança de Governo e Direção da Itaipu e como diz o Paulo “Então vai ter alguma arrumação.”²⁹ Mas o vídeo vai rodar”. Entanto isso, a representação vai re-presentando tanto o presente como o passado para os visitantes.

Um outro entrevistado que trabalhou por mais de três anos no Ecomuseu como monitor foi Douglas e com cujo depoimento encerramos nossa discussão realizada a partir das memórias dos funcionários e ex-funcionários destes museus. Ele é filho de um ex-trabalhador da Itaipu e sua juventude se passou em Foz do Iguaçu estudando no colégio “Anglo-Americano” que foi montado para estes “filhos” da Itaipu, como é denominada essa geração.

Eu sou de Curitiba, e eu nasci em 83 e vim pra Foz em 88, quando meu pai trabalhou em Itaipu, ele trabalhou em 88 até 93 ou 94, ele trabalhava com informática naquela época, não tinha Windows, nada. Lembrou uma vez que ele levou o computador pra casa, o computador que era a ultima tecnologia, era assim, um maquininha, parecia até um maquina de escrever, e você conectava na TV e era preto e branco, mas que coisa ruim aquilo , mas assim funcionava 40 minuto e esquentava e tinha que desligar, ele [o pai] se esquentava. (DOUGLAS, 2010).

Sobre esse processo vivido por seu pai como trabalhador na Itaipu, Douglas conta a sua memória sobre a “dança das empreiteiras”, na qual funcionários eram contratados e recontratados. Não é o caso, aqui, de analisar esse fenômeno perverso de contratação, mas é pertinente registrar que a maioria dos nossos entrevistados que trabalharam na obra passaram por esse processo permanente de recontrações, muitas das vezes para trabalhar na mesma função e local dentro do empreendimento.

²⁹ A arrumação da história.

Ele trabalhava na empreiteira, aquela coisa, assim, teve uma época em que para continuar no mesmo emprego, só trocava de empreiteira. (Douglas, 2010)

As memórias do Douglas desde o início da sua vida estão vinculadas não diretamente com as frentes de trabalho da obra, mas com as experiências de uma nova sociedade que aos poucos começou a se configurar, no entorno da obra, nas duas cidades fronteiriças onde moravam os trabalhadores seus filhos. Ele nos falou das suas vivências no colégio onde estudavam estes “filhos da Itaipu” e das tensões que se davam em função do bairro onde morava o aluno, segundo ele, por morar na Vila “C” no bairro dos operários era discriminado, constatando-se uma certa “sociedade de castas”. Depois ele ingressou no ensino superior e atualmente é Turismólogo, formado pela UNIOESTE de Foz do Iguaçu. Não entanto trabalha como jornalista, tendo atuado associado à Rede Bandeirante e a CBN. Possui um blog de grande acesso na região da fronteira, no qual divulga principalmente as notícias do outro lado do rio. Suas fontes, entre outras, são os jornais paraguaios, os quais, segundo ele, por estarem em espanhol, são pouco lidos pelos brasileiros. Douglas sintetiza e traduz as principais notícias e devido a sua grande habilidade de pesquisa, também publica uma série de notícias de fatos curiosos acontecidos no país vizinho. Também costuma escrever crônicas sobre a história regional. Na entrevista comentou, por exemplo, sobre uma crônica bastante polêmica que escreveu sobre as Sete Quedas, publicadas em 14 dias, o mesmo tempo que levou o lago da Itaipu a se formar após fecharem pela primeira vez, as comportas da barragem. Seu trabalho é acompanhado por muito jornalistas no Brasil e inclusive pesquisadores acadêmicos e internacionais que trabalham com a temática da Tríplice Fronteira, sobre a qual ele pode ser considerado como uma pessoa que possui um amplo e profundo conhecimento, em especial como “filho” da Itaipu conhece com detalhes seu “país”.

Sobre sua vivência como monitor no museu da Itaipu do lado brasileiro, simulamos, na entrevista, um roteiro pelo museu, da mesma maneira que ele fazia com os visitantes, mas acrescentando apontamentos críticos sobre cada uma das salas de exposição. Esta experiência acabou revelando aspectos que mesmo ao pesquisador aguçado poderiam passar despercebidos. De fato, demonstra a pluralidade de olhares e de estruturas de sentido que um mesmo acervo museográfico pode provocar nos seus leitores.

Nesse sentido, começamos problematizando sobre o mesmo significado do termo Ecomuseu, tanto para ele, como ex-monitor do museu e para o público que atendia. Antes convém lembrar, como já vimos e problematizamos no anterior capítulo anterior, o museu paraguaio ao longo da sua existência trocou várias vezes de denominação, sendo a atual; *Museo de la Tierra Guarani*. Já, diferentemente, o museu do lado brasileiro mantém o mesmo nome desde que foi aberto ao público em 1987. Aqui, nos interessa os sentidos que os visitantes atribuem aos nomes dos museus, neste caso quando escutam a denominação; Ecomuseu. Um termo nem sempre familiar ao público leigo, em especial àqueles da região que nunca tinham visitado um museu.

Ai também tem aquela questão do significado do Ecomuseu, as mesmas pessoas já fazem a associação museu - eco , é lógico, né !. É assim, quando a pessoa era recebida na portaria ali sempre que possível era passado a informação de que o museu não era um museu ecológico, mas eu não sei até onde ficava essa informação clara na cabeça da pessoa, uma vez que o “eco” é muito forte. (DOUGLAS, 2010)

Percebe-se que o significado dado ao museu pelos visitantes tende a ser mais o de um museu de história natural, o até o de um museu ecológico, mas nem sempre aquele sentido trabalhado pelo Hugues de Varine, que vai na contramão dos museus tradicionais. Entre a escrita e a leitura museográfica, surgem diversas interpretações que nem sempre coincidem com as pretendidas pelo autor. O museu, qualquer museu, é uma escrita que pode ser lida heterogeneamente pelos seus visitantes, até mesmo seu nome, quando denominado Ecomuseu, um termo que já completa quatro décadas de existência, e que para muitos ainda é percebido como um neologismo, uma novidade.

A relação do Douglas com o Ecomuseu remonta quando ainda era criança, o que lhe permite apontar as transformações pelas que passou o museu brasileiro:

Eu conheci o Ecomuseu de pequeno na década de 90. Esse é um dos pontos que nesse ultimo circuito que fechou agora para reforma perdeu muito, o ecomuseu perdeu muito, ele perdeu muito. Perdeu aquela característica de museu mais tradicional para então colocar varias exposições multimídia e eu não sei que mais, com menos peças em exposição e mais equipamentos que foram colocados ali, por exemplo, a réplica da turbina. A replica é uma replica,...enfim.(DOUGLAS, 2010)

Para ele “o Ecomuseu perdeu muito”, ao implementar excessivamente recursos de multimídia na exposição museográfica e diminuir as peças de exposição de objetos

museográficos. Para ele, o valor museográfico encontra-se no objeto e não pela parafernália com que este possa estar exposto. Segundo Douglas, o valor do museu não está na cenografia multimidiática que no final mais inventa do que testemunha. Com relação a réplica da Turbina da hidrelétrica ele a encontra, de algum modo desnecessária, uma vez que a turbina original se encontra bastante próxima do local e em funcionamento. Como mostramos no primeiro capítulo esta réplica da turbina não é um complemento expositivo, mas se constitui no eixo central da exposição. A sala onde ela se encontra delimita não somente os espaços como as temporalidades neste museu. Mais do que memórias o que vai prevalecer é o funcionamento da usina. Mais do que passado vai prevalecer o presente.

Na minha opinião está bem clara a política institucional. Qual foi a ideia de fazer aquele circuito de visita no Ecomuseu? Primeiro você entra no museu e conhece um pouco do que era esta região antes da Itaipu. Ai conhece a maravilha técnica, a turbina, o rotor, que é pra mostrar parte da tecnologia, e ai na sala seguinte você passa para o que a Itaipu fez na área ambiental, **o sentido esta realmente, bem na questão da evolução.**(DOUGLAS, 2010) (Grifo nosso)

Certamente uma evolução teleológica que constrói um discurso voltado para justificar e legitimar um passado recente e até um presente vigente do que registrar e preservar a memória tanto dos impactos socioambientais como do mesmo processo de construção da obra em detalhes e dos seus trabalhadores dos quais, segundo Douglas, o museu apenas tem um painel e não uma sala como seria o adequado. As máquinas, no caso, são muito mais valorizadas do que os mesmos homens que ergueram suas plataformas. A tecnologia nesse recinto hermético da turbina é exaltada como “destino manifesto” de uma região, cuja natureza é vista apenas enquanto recurso. O entorno regional do lago da Itaipu e de algum modo esvaziado de homens e de suas memórias, especialmente aquela que dizem respeito à formação do lago e os deslocamentos forçados das populações que ali habitavam

E aí, você sai da sala da turbina você já cai na sala da gestão ambiental. Então, ai já é trabalhado as noções ambientais. Depois, lá no final, continua na mesma linha, que são os estudos feitos, os materiais arqueológicos, biológicos, resgate animal, aquela ultima sala era a que evocava isso. (DOUGLAS, 2010)

Após a exaltação das máquinas e sua parafernália estão as noções ambientais que trabalhadas de maneira a eufemizar a problemática dos impactos. O

desenvolvimentismo das grandes obras de infraestrutura no período militar procura justificar suas realizações, baseado no argumento retórico que o empreendimento da hidrelétrica era mais uma necessidade do que uma possibilidade. A fauna e a flora são expostas como os únicos atingidos e de fato foram, mas não os únicos, também o foram centenas de famílias que habitavam nesse entorno, cujas memórias permanecem não empalhadas e sim submersas.

Se você for olhar assim aquilo é a partir de 82, é o contexto histórico, por exemplo, aquela ultima sala dos animais empalhados, mesmo os trabalhos de resgate arqueológico Já aquela estava baseado de 78 em diante, foi quando já se tinha delimitado qual área ia ser alagada e começou a se trabalhar encima, se for olhar, o contexto histórico.(DOUGLAS, 2010)

Junto com uma multiplicidade de sentidos dentro do museu coexiste também uma multiplicidade de contextos históricos aos quais se refere Douglas, e que é pertinente problematizar, uma vez que existe tanto uma ruptura na paisagem pelos impactos ecológicos como na história social da região no período que vai de 1978 a 1982. Neste período se intensificam os embates entre o Estado e a população, os quais provocaram e intensificaram fenômenos migratórios no Brasil e no Paraguai como também configuraram o marco fundacional de importantes movimentos sociais de resistência às políticas do Estado Militar reinante na época.

Como já comentamos o museu paraguaio foi aberto ao público em 1979 no início desse período conflituoso na fronteira. Com relação as ações de expropriação de terras, no Paraguai, foram deixadas para última hora, isto é, próximas de 1982, quando aconteceu o alagamento. Nesses momentos o cruento totalitarismo do Stroessner inibia logo de início qualquer tipo de resistência e organização política e social. Também se soma a isto o fato de que a região alagada do lado paraguaio, na época, se encontrava com mais florestas primárias e menos populações humanas. Já o museu brasileiro quando foi aberto em 1987 foi posterior a essas problemáticas de desapropriação e dos impactos socioambientais. Na região do Oeste do Paraná tais questões são debatidas num longo processo de discussões e negociações, de protestos e manifestações públicas que convergiram nas assembléias dos atingidos, tendo um dos seus momentos mais críticos em 1981 no “Trevo da Vergonha”, poucos meses antes do fechamento das comportas que deu o início à formação do lago e ao desaparecimento de uma paisagem habitada. Sobre este momento critico da história do processo Aluizio Palmar, jornalista e

editor do “Nosso Tempo”, que acompanhou de perto estas lutas registrou:

Foi grotesca a cena, os soldados na posição de disparar, tremendo de vergonha ao terem de apontar suas armas para os agricultores desarmados e acompanhados por suas mulheres e filhos. Diante do aparelho repressivo os manifestantes decidiram recuar e montaram o acampamento no entroncamento da Avenida Paraná com a BR-277. Graças a organização adquirida na luta reivindicatória foi possível manter por 54 dias o acampamento. No local ficou conhecido como o “Trevo da Vergonha”, os agricultores organizaram comissões de alimentação, segurança e higiene, imprensa e tal como Santa Helena a “Radio Justiça e Terra” foi instalada e transmitiu pelos dois alto-falantes mensagens e discursos são lideranças do movimento, de políticos e religiosos. Em 9 de maio de 1981, quase dois meses após terem chegado a Foz do Iguaçu, os colonos desmontaram as barracas e regressaram para suas propriedades com boa parte das reivindicações atendidas pela Itaipu. As oito horas da manhã rezaram a última missa ecumênica oficiada pelo bispo dom Olívio Fazza e pelo pastor luterano Werner Fuchs. (PALMAR,2006, p.150)

Fatos relevantes como este, que fazem parte da memória do processo de construção da usina e dos impactos sociais, não fazem parte do acervo museográfico exposto. Nem mesmo quando segundo Palmar “boa parte das reivindicações [foram] atendidas pela Itaipu”. O museu está voltado para exaltar o “destino manifesto” da região para a monumentalidade tecnológica e reflete com propriedade o pensamento autoritário brasileiro historicamente enraizado nas elites brasileiras desde começos do século XX e cujos pensadores principais nesse início do século são Alberto Torres e Oliveira Vianna, e depois durante o período desenvolvimentista e militar, foram Therezinha de Castro e principalmente o General Golbery, a eminência parda das juntas militares, cuja “missão” geopolítica era colocar o Brasil no centro do mundo e a Itaipu no centro da geopolítica no Prata. (MAGNOLI in: MAAR, 1981 p.102) A museografia é feita sob esse paradigma “missionário” e tecnocrático, desprezando o que aconteceu localmente, esses acontecimentos são ignorados e apagados, e até mesmo, o fato de que o Estado tenha sido “generoso” nas negociações não é registrado. Admiti-lo seria afirmar suas contradições, sendo sua opção apagar essas memórias. Hoje, seria possível expor essas memórias submersas?

A museografia, como texto institucional, foi configurada nessa perspectiva de resposta elíptica frente a esse passado recente e conflitivo. A memória coletiva desses processos é museograficamente; invisibilizada. A tecnologia e sua plataforma monumental junto com o discurso ecológico funcionam como instrumento que desloca a importância da

memória perante essas problemáticas sociais e ambientais. As ênfases nos recursos de multimídia são a alavanca que aciona os mecanismos simbólicos de eufemização, característicos da cultura tecnocrática. Douglas comenta como para ele o museu perdeu a caracterização de ser um museu tradicional para então se transformar num “tecno-museu”

Nesse novo circuito ele virou um tecno-museu, mesmo, por que ele tirou peças³⁰ para colocar; equipamentos de multimídia, computadores, a própria réplica da turbina como obra prima de cenografia; obviamente mudou. Nessa época que foi feita a remodelação do Ecomuseu, quando começou a se discutir em 2002, eu não estava lá, estava fazendo a faculdade de turismo. Nessa época a tendência no turismo era revitalizar o histórico, agregando a tecnologia, para atrativo turístico mesmo, sabe? O museu tradicional já não servia, servia assim o museu, estilo parque temático, isso é muito, mas muito visível nas representações, lá no Parque Nacional do Iguaçu, aquele centro de recepções, é feito totalmente com essa filosofia, então foi mais ou menos essa mesma linha que foi. (DOUGLAS, 2010)

Nesse sentido Douglas mostra-se crítico com relação ao museu ser pensado apenas dentro de uma visão pragmática, e mostra como, inclusive, esse tipo de abordagem acabou sendo uma tendência das representações e plataformas da memória na região da fronteira, onde a estetização tecnológica engole os conteúdos da memória, pasteurizando-os para o observador. Ele mesmo aponta a presença como em outros espaços culturais da cidade existe esse discurso tecnocrático e elíptico que mediante eufemismos técnicos tendem a invisibilizar as memórias históricas. O antigo pergaminho sobre o qual se escreve a história, não é feito mais de papiro, mas virtualmente em bits.

Na sequência ele problematiza a invisibilidade das Sete Quedas, que na época eram tanto ou mais visitadas que as Cataratas do Iguaçu. Aponta como elas foram representadas por uma simples “espuminha branca”. Segundo Douglas:

Não tinha nada sobre Sete Quedas a não ser naquela maquete, demonstrando a região antes do lago ser formado. A não ser aquela maquete em que aparecia uma espuminha branca no rio Paraná, aquilo era Sete Quedas, no fiozinho do tracinho amarelo do lago, que marcava o lago, no finzinho se via umas espuminhas.

Aquilo era Sete Quedas, se a gente não tocasse no assunto o pessoal passava sem notar. Eu nunca fui orientado a não falar sobre

³⁰ Em um outro momento ele comenta a modo de exemplo que uma urna funerária e outros objetos foram retirados da sala onde atualmente se encontra a maquete, assim como uma grande fotografia da Sete Quedas que se encontrava exposta nesta mesma sala e a qual ainda possibilitava a rememoração desse imponente acidente geográfico submerso.

Sete Quedas, nos últimos dez meses que eu trabalhei lá, era com uma empresa incubada e eu era um dos sócios da empresa. Para os monitores que a gente contratou, sempre falei da questão de Sete Quedas. Expliquei, as duas versões do fato, dava as versões do que aconteceu na época, de quem era contrário, e a visão oficial da Itaipu, sobre essa questão.

Porém, eu percebi que as pessoas tinham muita auto-censura sobre isso, pensavam assim; estou trabalhando no museu da Itaipu, então não vou tocar no assunto. Percebia isso em todos, nos que já estavam antes de mim, os que estavam durante e nos que eu treinei; é meio que um tabu. Até porque as pessoas não tem a dimensão do que foi aquilo, não só a perda das Sete Quedas, mas também o processo de desapropriação, realmente as pessoas não tem noção do que foi. (DOUGLAS, 2010)

Essa fala, “as pessoas não têm noção do que foi”, pode ser constatada entre os atuais habitantes da região, em especial os mais jovens. Boa parte da população jovem ignora o processo histórico da região afetada pelo lago, existem até alguns “desavisados” que acham que este seja natural. De qualquer maneira percebe-se que a memória desse processo que vai além do lago e das fronteiras nacionais, essa sim na e pela exposição foi naturalizada. Frente a esta situação, Douglas aponta as duas problemáticas chaves da memória regional que estão ausentes da exposição museográfica: “Sete Quedas, e “o processo de desapropriação”. Sobre como está re-apresentada a ocupação humana na região e sua consequente desapropriação, nosso entrevistado exemplifica:

Vai-se tentando enlaçar as coisas. Nessa sala a maior parte do espaço está ocupado pela maquete que foi dividida em dois ambientes, um primeiro ambiente mostrando a barragem, quando ainda não estava pronto, sem ter o lago atrás, antes de encher o lago. O canal de desvio funcionando é o segundo ambiente da maquete, ali aparece o mapa da região, como se fosse uma imagem satélite, antes de se formar o lago, assim temos o rio Paraná correndo ainda no seu leito e o pontilhado amarelo no relevo marcando os limites do lago.(DOUGLAS, 2010)

A maquete tinha a função de ser retrato fiel do território, na sua tridimensionalidade consegue que mediante o mapa se “virtualize” o território e o visitante esqueça que isto seja apenas uma representação, tal é a qualidade cartográfica e tecnológica com que esta foi feita.

Mostrava tanto o lado brasileiro como o lado paraguaio. Daí tinha essa diferenciação, essas áreas ali, por exemplo, do lado paraguaio

tinha mais mata , isso estava representado no mapa, realmente você olhava que nessa época o lado paraguaio era árvores e do lado brasileiro era fazenda.

Do lado paraguaio onde havia mais floresta há uma fidelidade com a paisagem histórica da época, já do brasileiro, ocupado e trabalhado por inúmeras comunidades de agricultores, foi invisibilizada a sua presença histórica. O “vazio demográfico” argumento usado pelo Estado nos séculos XIX e XX, encobre a realidade do território brasileiro que esta maquete pretende re-apresentar.

Eu particularmente senti a falta dos povoados, por exemplo Itacorá não vi lá, Itacorá não vi lá, e tinha também ali, Santa Helena um monte de pontinhos que era a divisória dos municípios na época tinha lá Santa Helena , São Miguel. As fazendas estavam lá pra mostrar que tinha lá, atividade humana, mas não tinha uma plaquinha, uma etiquetinha assim indicando aqui está o povoado, ou mesmo as casinhas, isso não era visível nesse mapa, não chamava muito atenção das pessoas.

Quem comentava mais sobre o mapa era o pessoal que mora nos municípios lindeiros. Eles comentavam reclamando, porra!! cadê Missal cadê Itaipulândia, mas ai eu tinha que explicar, não , são apenas os municípios da época, geralmente era isso, eles tentando achar a casa deles no mapa.(Douglas, 2010)

Mesmo com a confusão que os atuais moradores da região fazem na representação territorial da maquete, por exemplo, a Itacorá do Marcos, município que foi alagado, este não aparece e de fato, existe mais na sua memória do que nas representações. Para saber do passado dessa localidade que ficava a beira do Rio Paraná, o funcionário do museu traz muitas mais memórias da região, como constatamos no seu depoimento do que nas mesmas representações do museu.

Ainda que pensemos este museu como, de fato é, o museu da Itaipu, Douglas insiste que o museu devia se preocupar mais com a mesma memória da barragem e dos seu trabalhadores, aquela mesma memória que para Paulo é tão significativa.

Eu acho que essa coisa deve ser mais trabalhada, porém por coerência, se for olhar no filme lá da Itaipu, enfatizava muito a questão da construção, a Itaipu como maravilha técnica, das maravilhas da engenharia moderna, frisava muito essa questão da construção. Assim, o museu, realmente, ele não tinha um acervo maior a respeito, tinha uma peça histórica que era muito interessante, que quase ninguém reparava, e que era, assim, na primeira sala, você passava da maquete da construção de Itaipu e ai

indo em direção à réplica da turbina, onde tinha aquelas duas vitrines. Ali tinha uma peça vermelha que era o detonador usado para explodir uma das comportas e começar o canal de desvio e assim poder desviar o rio. A peça tava ali, era aquela, era interessante. Ali tinha também uns capacetes, tinha rádios de comunicação, naquela parte tinha alguns objetos, são objetos que tinham que estar bem em destaque.(Douglas, 2010)

Como já comentamos, a memória da obra, em si e dos seus trabalhadores, foi proporcionalmente reduzida frente a uma memória que pretende ser a versão regional da história. Para Douglas, de algum modo, está se jogando fora a “criança junto com a água do seu banho”. Uma rica diversidade de memórias singulares é posta de lado por essa tentativa “universal” de dar conta da história de 10.000 anos atrás até o passado recente. Nesse sentido, o museu, lugar da memória construído para lembrar também provoca o esquecimento que resulta na naturalização, até do artificial que destrói o natural e do que, foi imposto pelo Estado às populações.

Nesta problematização da memória dos trabalhadores e da obra em si, precisamos fazer uma ressalva. No ano de 2011 foi iniciado dentro das instalações da Itaipu, especificamente nos antigos alojamentos dos trabalhadores o projeto “Espaço do Barrageiro” ,cujo objetivo é preservar a memória desses sujeitos anônimos diferentemente da história dos “farão”. Como já foi comentado no primeiro capítulo fui convidado para fazer a primeira entrevista justamente com o mesmo trabalhador que pintava as paredes dos alojamentos com figuras de belas mulheres, e cuja memória acabou sendo preservada. Segundo ele, Rodrigo, paraguaio, desde que a obra acabou e foi demitido, há mais de quinze anos, nunca mais tinha visto essas pinturas na parede. Ele achava que estas não existissem mais, até porque muitas vezes foi obrigado a “borrar” e a tinta descontada do seu salário, era o tempo dos generais. Este projeto de memória é um sinal de mudança com relação as memórias omitidas por muito tempo e que, hoje, a Itaipu, sob olhares renovados, possibilitam emergir do esquecimento.

Junto a essa memória da obra e daqueles que dela participaram, na perspectiva do Douglas deveriam também ser focados na exposição, segundo suas próprias palavras a “questão da história tem que mencionar sobre a desapropriação das terras, sobre a formação das Sete Quedas. Por quê? E como não tem nada do que aconteceu? Formase boatos. E é melhor que a Itaipu dei essas informações do que deixar formar boato”. (Douglas, 2010). Ele mesmo bastante preocupado com o problema da memória na região de fronteira escreve textos que pública periodicamente na internet procurando chamar

atenção para esses esquecimentos e silenciamentos. Demonstrando que a memória, assim como a história, pode ser usada tanto para lembrar, como para omitir e dar outros sentidos ao passado, nem sempre coincidentes com os sentidos de aqueles que a vivenciaram e por ela foram afetados. Na região do lago, o que para uns era comemoração para outros era deplorável; o que se celebrava em Foz do Iguaçu se desaprovava em Guaíra. A memória e seus “gumes”.

Naquele livro da Uniamérica, “Abordagens Historiográficas na Fronteira”, eu sempre dou uma consultada. Há um dos artigos publicados, o do Aluizio Palmar, aquilo é uma joia. Eu usei aquilo escrevendo em 2007 eu escrevi um material para publicar na internet, chama a Saga das Sete Quedas, foi em doce ou treze capítulos. Foi publicado dia a dia, esse material das Sete Quedas geralmente quando chega a época de outubro eu dou uma ressuscitada nele.

Esse material sobre Sete Quedas que estou te falando, qual foi a sacada? É interessante contar sobre isso, no caso, no dia 12 de outubro de 2007, aconteceu que eu estava em casa e foi mexer na internet e encontrei assim por acaso um registro falando que Sete Quedas ia completar 25 anos de alagamento, uma coisa completamente casual. Lembrei então que no dia seguinte era data que a Itaipu comemorava a data do canal de desvio, para começar a formar o lago e aí que eu fiz? Escrevi para o dia seguinte um resumo sobre a Sete Quedas.

O que importa, em Foz do Iguaçu era comemorado como o início do represamento e lá em Guaíra era lamentado o mesmo fato; uma vez que a água iria a cobrir as Sete Quedas. Então fui escrever na internet e pensei, já que demorou quatorze dias em formar o lago e talvez eu não tenha assunto suficiente para esses quatorze dias de entrada. Fui trabalhando, montei uma história cronológica, pegando desde o começo, por exemplo formação geológica, e sabe quais foram as maiores fontes que acabei usando ali? Foi aquele livro de Juvêncio Mazzarollo, naquele que ele fala dos desapropriados a “Taipa da Injustiça” e de uma pesquisadora eu não lembro agora o nome dela, mas o nome do livro é alguma coisa assim Itaipu expropriados...Terra e água.,alguma coisa assim,... esse livro tem assim um relato espetacular., sobre o que foi esse processo de desocupação das terras e o protesto que teve aqui em Foz, eu tenho ele em casa, o nome dela é Guiomar Germani.(Douglas, 2010) (Grifo nosso)

As memórias quando não encontram seu “lugar” procuram outros meios, mesmo que virtuais, desde onde procuram formar uma massa crítica que possibilite no dia a dia reivindicar coletivamente um espaço para as “diversas memórias”. Livros, como artefatos humanos, também são depositários de memórias. Assim como os livros de Colodel e do

Wachowiz foram fundamentais, no seu momento, para pensar e implementar a exposição museográfica do Ecomuseu, estes livros de Mazzarollo e Germani citados por Douglas, e também usados como documentos nesta pesquisa, talvez possam contribuir para repensar uma possível re-visão museográfica, neste ou um outro espaço da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se agir de maneira que a memória coletiva sirva para a libertação, e não para a servidão dos homens. Jacques Le Goff, *História e memória*

Após problematizar as memórias presentes, e também as ausentes, no museu por três tipos de vias de indícios como são: as exposições museográficas, os arquivos e os funcionários dos museus, percebo que cada um destes suportes denotam um leque de diversas memórias, tanto representadas como invisibilizadas.

A pesquisa me levou a compreender como os museus vão além de si, das suas representações museográficas. Como eles permanecem ignotos nos seus arquivos, vivos nos seus funcionários e ex-funcionários. Como estes, além de instituição da memória são também objeto-documentos de um dado momento histórico, e como eles tentam escapar ao tempo, serem atemporais sem consegui-lo, mesmo com as reformas. Como a luta entre o residual e o emergente é permanente.

Nesse sentido, a pesquisa problematiza não somente a memória institucional, mas também a regional, a nacional, a binacional e a internacional; não somente a memória ambiental mas também a memória arqueológica, antropológica e, principalmente, histórica, não somente a memória dos governos militares que implantaram e impuseram o mega-projeto mas também a memória da natureza destruída para o benefício especialmente do desenvolvimento industrial de regiões longínquas a esta onde se gera a energia, mas também a memória de milhares de pessoas que viram suas vidas modificadas para melhor, ou para pior, ao fazerem parte da obra ou então serem atingidos pela sua construção. Memórias da destruição-construção de uma região, memórias da transformação.

Memórias para as quais parece que a história se encerrou. Ainda mais, quando a história exposta e imposta vê o passado como algo pasteurizado e estéril de conflitos. Um passado re-apresentado em abstrações históricas que tem por alvo teleológico um “destino manifesto” do desenvolvimento capitalista vertiginoso que apenas foi acompanhado de um crescimento social e cultural irrisório. Passado, memória e história de um mesmo lago, cujas comportas precisam ser abertas para que seu fluxo possa produzir uma educação e uma cultura com enraizamento, e não apenas mais tecnologia.

É preciso “des-reprimir” as memórias, uma vez que ao longo desta pesquisa percebi em diferentes âmbitos que os “fantasmas” dos regimes militares ainda rondam, ainda assustam, não tanto porque existam, -pois a tortura e a censura, práticas abomináveis extinguiram-se praticamente como o Condor dos Andes,- mas porque a auto-censura é muito mais longeva do que a censura. É preciso “des-represar” as memórias, para propiciar integração e não dominação ou sub-dominação, para construir novas pontes entre o passado e o futuro, entre indígenas e migrantes, entre brasileiros e paraguaios.

As populações atingidas direta ou indiretamente, urbanas ou rurais vivem nesta fronteira destituídas de cidadania tanto cultural como política, principalmente pela falta de direito a memória.

Outras narrativas dessa memória foram afogadas ou então exiladas, não somente dos museus, mas da região.³¹ E a memória que vemos representada nos museus tem se tornado a “oficial” tanto para aqueles que o visitam como “*flaneurs*” contemporâneos, como para estes que em grandes quantidades vão a aprender no livro didático que é o museu e que funciona como extensão da escola.

Quando a tautologia toma conta da representação museográfica, as representações históricas correm o risco de ficarem cada vez mais abstratas, isto é, “a representação da representação”, o que acaba sendo tão perigoso como “o esquecimento do esquecimento” (BAEZ,2010,p.264). O que pode fornecer enraizamento acaba provocando *ilusão*, o que pode construir identidades acaba gerando idiopatias.

Não se trata de negar uma memória para afirmar outra, nem de apagar aquela para iluminar esta. Não se trata de apenas contrapor, mas de justapor as memórias que participaram do processo histórico que constitui este interstício latino-americano.

Trata-se de criar as possibilidades para esta região dividida não somente por fronteiras nacionais, mas também por fronteiras econômicas e culturais e principalmente, pela fronteira que inibe o acesso a memória. Evita-se a todo custo o conflito sadio, a catarse de crescimento social e cultural provocado e solicitado pelas outras memórias.

E ai volta a pergunta que não quer calar: por que dois museus de um mesmo mecenas institucional? As respostas que ouvi de diversas pessoas ao longo da pesquisa foram na sua maioria um tanto quanto elípticas. Uns argumentam: por que são museus de territórios que pertencem a estados nacionais diferentes. Não entanto estes não tenham

³¹ Em visitas a museus de Curitiba e Asunción encontramos importantes acervos que pertencem a esta região do Alto Paraná.

mais do que duzentos anos de invenção e menos de cem anos de presença efetiva na região, e ainda que as narrativas encontradas nos museus remontem a mais de duzentos anos atrás, atingindo os imemoráveis 10.000 anos antes do presente. Mesmo que as águas do lago atingiram o mesmo nível nas duas margens indiferentemente da nacionalidade dessas margens, os indígenas de um lado e de outro do rio, habitantes seculares dessas beiras de rio, perderam seus “*tekoha*” com o desaparecimento de florestas que possuíam as mesmas espécies de árvores, diversas foram as espécies de plantas e animais que morreram no “holocausto ecológico” sem atestar nacionalidade. Grande parte dos expropriados da margem brasileira migraram para o território da margem paraguaia a procura de terras, constituindo novos grupos híbridos denominados “brasiguaios ou *brasiguayos*” (ALBUQUERQUE, 2010). Alguns conseguiram, outros foram e voltaram sem nada para adensar os movimentos sociais da luta pela terra. A energia elétrica produzida é teoricamente dividida em partes iguais entre os dois países. A administração do empreendimento foi pensada para que por cada brasileiro houvesse um paraguaio compartilhando os trabalhos, e que de fato aconteceu. Porque se a binacionalidade foi um desafio e agora é um fato na produção de energia não pode também ser-lo na preservação da memória. E, assim, na sequência da pergunta por que dois museus? formula-se uma outra; a rigor, de que integração estamos falando?

De qualquer maneira o que ficou evidente após indagar os objetos da nossa pesquisa é que se bem as representações museográficas dos dois museus apontam para alguns marcos do passado regional, estas não dão conta sequer das memórias que seus mesmos funcionários carregam enquanto funcionários do museu, mas também como ex-barrageiros. Assim como estão ausentes as memórias dos atingidos pelo lago e seus movimentos, do mesmo modo se omite a memória dos generais deste projeto faraônico.

Todas essas evidências provocam uma série de questões como por exemplo: se estas memórias poderiam compartilhar o mesmo lugar da memória, no museu, como também compartilharam o mesmo processo no passado? O Museu deve ser um lugar dialógico de memórias e não um lugar autocrático da memória oficial? O museu, como a fonte histórica, deve ser ponte ou barragem do passado?

Numa região onde a transformação da paisagem natural e social é vertiginosa e os patrimônios tangíveis e intangíveis são afetados tanto pela velocidade dos processos como pela falta de consciência patrimonial, os museus precisam de uma pesquisa permanente que forneçam a eles vitalidade e *aggiornamento*, do contrario passam a ser

“museu do museu” e, às vezes, nem isso, pois a cada reforma radical, a mesma memória do museu, não devidamente registrada, transforma o mesmo museu num palimpsesto, que a cada mudança política é re-escrito, apagando outras memórias.

Diversas são as temporalidades passíveis de serem lidas nos museus e estes dos dois lados do rio não refletem nem apenas o que a Itaipu foi, nem o que a Itaipu é hoje. Refletem alguns dos conflitos, mas não a totalidade destes. Os museus, ainda com as omissões de “outras” memórias, e talvez pela ausência delas, se constituí como espaço de conflitos, mais do que de harmonizações.

Aponto para tudo isso porque a cada passo da pesquisa, seja observando sozinho, ou com alunos ou com turistas por inúmeras vezes ao longo dos anos, estas exposições dos museus, ou “fuçando” nos arquivos-bibliotecas destes, ou nas longas entrevistas com funcionários, dos dois lados do rio Paraná, fui apercebendo que os museus são um “nó górdio” da memória coletiva, não somente desta escala local mas da regional, da nacional, da binacional e também da América Latina, em especial da Bacia do Prata.

Os dois museus são diferentes, com histórias e objetivos divergentes dentro da mesma instituição, o que explica os conflitos que levam inclusive ao fechamento para reforma e de certa maneira um repensar dos mesmos, nisso eles se tornam palimpsesto das representações da memória fronteiriça e das fronteiras que cercam as memórias, as mesmas que ora compartilham o passado, disputam no presente e as vezes – pelo menos na retórica- desejam uma integração no futuro.

A “pedra que canta”, que em guarani significa “itaipu” e que “cantava” no exato lugar onde hoje se encontra a barragem, não existe mais, isso é fato, para uns seu desaparecimento foi um mal necessário, seja para cumprir o “destino manifesto”, seja para fazer as pazes com o vizinho e de passo atrelá-lo ao “progresso”. De qualquer modo, a realidade é concreta e usa o concreto para se afirmar, já a memória, não seus indícios, é intangível. Sem dúvida que a Itaipu não é mais aquela Itaipu construída pelos governos militares, a sua história como obra de infraestrutura, como relação de conflitos entre Estado e população, nos dois países, mas também como projeto geopolítico desenhado e executado por governantes autocráticos, num momento em que o continente se defrontava com o contexto internacional da guerra fria, passa a ter hoje outros significados. Os tempos são outros, as memórias e suas representações museográficas passam por reformas. Museus fronteiriços, palimpsestos da memória e da história desta fronteira latino-americana.

FONTES MUSEOGRÁFICAS

Exposições do Ecomuseu (1989-2010)

Exposições do *Museo de la Tierra Guarani* (2004-2010)

FONTES ORAIS

MARCOS : Depoimento 19.05.2010 no Ecomuseu

PAULO : Depoimento 19.05.2010 no Ecomuseu

DOUGLAS : Depoimento 24.09.2010 na Uniamérica

GUSTAVO : Depoimento em 24.07.2009 em Cidade del Este

FONTES ESCRITAS

FOGEL, Gerardo. (Coordenador del Proyecto) *Investigaciones Históricas, Socioculturales y Arqueológicas del Area de Itaipú*. Informe Final, Primera Etapa. Asunción, Diciembre, 1975.

FOGEL, Gerardo. (Coordenador del Proyecto) *Investigaciones Históricas, Socioculturales y Arqueológicas del Area de Itaipú*. Informe Anual, Tomo III. Asunción,Paraguay, Diciembre, 1978.

FOGEL, Gerardo. (Coordenador del Proyecto) *Investigaciones Históricas, Socioculturales y Arqueológicas del Area de Itaipú*. Informe Anual, Tomo III. Asunción,Paraguay, Diciembre, 1979.

FOGEL, Gerardo. *Política de defensa del Patrimonio Histórico Regional y acciones de integración socio-cultural recomendadas para la región del Alto Paraná*. In: Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre el Medio Ambiente, Asunción, 1979,p.173 -177

FOGEL, Gerardo (org) *Sociedad, Cultura y Dinámica Regional*. Investigaciones históricas, socioculturales y arqueológicas en el área de Itaipú. Ediciones del Mercosur. Asunción-Buenos Aires, 2002.

IECO (International Engineeering CO. INC.) San Francisco – California – USA; ELC (Eletroconsult) Milão – Italia. *Estudio del Río Parana: Reconocimiento de los efectos ecológicos del Proyecto, Ecología*, Informe Especial # 4. Abril,1973.

ITAIPU BINACIONAL. *Instrucciones para Guías del Museo de Antropología*.1990

NOSSO TEMPO. Disponível em: www.nossotempodigital.com.

PEÑA, Alejandra. *Guion Museológico*, Itaipu Binacional

PLÁ, Josefina. *Estudios Históricos de la Margen derecha del Rio Paraná: Periodo Colonial hasta la Independencia*. In : *Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre el Medio Ambiente*, Asunción, 1979,p.181)

Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre el Medio Ambiente, Asunción, 1979.

Segundo Seminário da Itaipu Binacional sobre Meio Ambiente,Foz do Iguazu, PR. outubro,1987 .

Projeto Arqueológico Itaipu. Convenio Itaipu- Iphan. *Primeiro Relatório de Pesquisas Realizadas na área de Itaipu – (1975/76)*. Curitiba, Paraná, Brasil, 1976.

Conjunto de folhetos diversos disponibilizados pelo Serviço de Divulgação e Educacional dos museus.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras :os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai* São Paulo, Annablume,2010.

BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina : da conquista à globalização*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira,2010.

BLOCH, Marc. “Musées, exposition, iconographie économique : Musées ruraux, musées techniques”, In: *Annales D’Histoire Économique et Sociale*. Nº 6 -Deuxième Année. Paris Librairie Armand Colin,1930 p.248-251.

BOURDIEU. Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: _ *Poder Simbólico*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2007.

CAMPANA, Silvio & ALENCAR, Chico de (org.). *Foz do Iguaçu: Foz 80 anos*, Prefeitura Municipal; Fundação Cultural; 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis:Vozes,1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural :Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil,1990.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. **Estudos Avançados.**, São Paulo, v. 5, n. 11, Abril/ 1991. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso.

CHAUI, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico.In: *O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.1992.

CHMYZ, Igor. Investigaciones Arqueológicas en la margen Izquierda del Rio Paraná. In; *Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre el Medio Ambiente*, Asunción, 1979. p. 195-

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo:UNESP, 2001.

COLODEL, José Augusto. *Obragens & Companhias Colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste paranaense até 1960*. Santa Helena,PR: Prefeitura Municipal, 1988.

GERMANI,Guiomar Inez. *Expropriados Terra e Água: o conflito de Itaipu*. Salvador: EDUFBA:ULBRA. 2003.

GONÇALVES, José Enrique Rollo. Como Martim Afonso virou trineto de Mavutsinim? In: *História e Ensino, Revista do Laboratório do Ensino de História*. Londrina, Vol. 1, p.23-36,abril, 1995.

GONZALEZ, Emilio. *Experiências Sociais na Constituição Urbana de Foz do Iguaçu - 1993-2003* (dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, 2005.

GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a História do Museu. in: *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Belo Horizonte: Secretária de Estado da Cultura / Supertintendência de Museus, 2006,p.19-32

LAINO, Domingo. *Paraguai: Fronteiras e Penetração Brasileira*. Global Editora. São Paulo, 1979.

LARA, Silvia Hunold.História , Memória e Museu. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo:1991, p.99-111

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus Acolhem o Moderno*. São Paulo: USP,1999.

MAAR, Wolfgang Leo; MAGNOLI, Demétrio; LEBRUN, Gérard. *O Que é política, geopolítica, poder*. São Paulo. Circulo do Livro,1981.

MAGNOLI Demétrio. *O Corpo da Pátria*. São Paulo, UNESP,1997.

MAZZAROLLO, Juvêncio. *A Taipa da Injustiça : esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MELIÀ, Bartomeu. La Lengua Guaraní en el Paraguay Colonial. Asunción: CEPAG,2003.

MENDOÇA, Luciana de de Andrade. Parque Nacionais de Iguaçu e Iguazú. In : OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, e BAINES, Sthepen Grant (org.) *Nacionalidade e Etnicidade em fronteiras*. Brasilia: Editora Universidade de Brasilia, 2005.p.117-135.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A História, cativa da memória?* in: Rev. Inst. Est. Bras. São Paulo: 1992, p. 9 – 24

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo USP,1993,p.9-46

NORA, Pierre. Entre Memória e História : A problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo:PUC,1981, p.07-28.

PALMAR, Aluizio. Cota 220. In: STERLING, German (org). *Abordagens historiográficas na fronteira*. Foz do Iguaçu: UNIAMERICA,2006,p.137-152

SEVCENKO, Nicolau. ...talvez a última grande batalha e ao mesmo tempo a última grande fronteira seja a final a cultura. In: *Projeto História*. São Paulo, PUC, 1981, p.100-102.

SOARES, Bruno César Brulon. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia. In: *Revista Eletrônica Jovem Museologia: Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio*. Ano 01, Nº2, 2006, p.2-24.

SOUZA, Aparecida Darc., *Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)*. São Paulo, USP, 2009 (tese de doutorado).

VARINE, Hugues de. O ecomuseu. In: *Revista da Faculdade Porto- Alegrense de Educação , Ciências e Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto- Alegrense de Educação , Ciências e Letras,1979, p.61-90*

VENCATTO, Rudy Nick. “Mas com isso a gente começou duas vezes no meio do mato”: memórias dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu (Oeste do Paraná, 1970-

2009) . Marechal Candido Rondon, 2010,170p. Dissertação (Mestrado em História) - UNIOESTE

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.